



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

FÁBIA JANAÍNA MARCIEL DA SILVA

**EU ME ABRAÇO À CLEPSIDRA, POIS O TEMPO FOI E AINDA É:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E NARRATIVAS DE ESTUDANTES E DOCENTES
DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EXU-PE**

CRATO
CEARÁ, 2021



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



FÁBIA JANAÍNA MARCIEL DA SILVA

**EU ME ABRAÇO À CLEPSIDRA, POIS O TEMPO FOI E AINDA É:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E NARRATIVAS DE ESTUDANTES E DOCENTES
DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EXU-PE**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri – URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino De História – PROFHISTÓRIA, com vista à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosilene Alves de Melo (UFCG). Professora/colaboradora do ProfHistória/URCA

CRATO
CEARÁ, 2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB: 3/1000

Silva, Fábiana Janaína Marciel da.

S586e Eu me abraço à clepsidra, pois o tempo foi e ainda é: consciência histórica e narrativas de estudantes e docentes do Ensino Médio das escolas estaduais de Exu-PE / Fábiana Janaína Marciel da Silva. – Crato-CE, 2021.

192p.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri URCA.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosilene Alves de Melo.

1. Ensino de História, 2. Consciência Histórica, 3. Narrativa histórica; I. Título.

CDD: 907

FÁBIA JANAÍNA MARCIEL DA SILVA

**EU ME ABRAÇO À CLEPSIDRA, POIS O TEMPO FOI E AINDA É:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E NARRATIVAS DE ESTUDANTES E DOCENTES
DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EXU-PE**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri – URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino De História – PROFHISTÓRIA, com vista à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosilene Alves de Melo – UFCG. Professora/Colaboradora do PROFHISTÓRIA – URCA.

Aprovada em: 17/03/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosilene Alves de Melo - Orientadora
(UFCG/ Colaboradora PROFHISTÓRIAURCA)

Prof^a. Dra. Viviane Gomes de Ceballos (UACS/CFP/UFCG)
Examinadora externa

Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo - Membro interno
(PROFHISTÓRIA URCA)

Ao Meu Deus, pela oportunidade que pedi e que por
Ele me foi concedida.
Gratidão é um exercício de grandeza e de humildade
ao mesmo tempo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que direta, ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho, principalmente à minha família pelo apoio nos momentos de estudo e de incentivo ao meu aperfeiçoamento profissional;

Agradeço aos meus colegas da Educação Básica que gentilmente concederam as entrevistas e participaram da pesquisa;

Aos estudantes das Escolas São Vicente de Paula e da EREM Barão de Exu que participaram da pesquisa. Vivemos no ensino de uma educação melhor;

À minha orientadora, Doutora Rosilene Alves de Melo, pelas contribuições sinceras e somativas na realização dessa dissertação. Sua grandeza intelectual faz sentir-me muito pequena, mas, seu jeito simples mostra exatamente que a grandeza de alguém se encontra nessa simplicidade. Seu brilho é notado por todos e sua leveza a torna um grande ser humano. Você é gentil, compreensiva, e “imortal”, diga-se de passagem;

À Prof.^a Dra. Viviane Gomes de Ceballos (UFCG) e ao Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo (URCA) pela participação nas bancas de qualificação e de defesa, pelas excelentes contribuições das quais procurei me apropriar e aprender muito com vocês;

Aos meus colegas de Mestrado: Juscelino, Vanessa, Aureliano, Rosenilde, Darlan, Fátima, Evanilson, Adauto, João Paulo, João Bernardo, Ferreira Jr., Ezequiel, Antônio, César, Pablo, Francivaldo, Victor, Josué e Wilderson, pelos longos debates e trocas de conhecimento e de amizade que tivemos durante nossas aulas e depois delas. Quero deixá-los gravados neste trabalho, na minha memória e no meu coração;

Aos professores deste mestrado, os doutores: Sônia Maria de Meneses Silva, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis, Maria Telvira da Conceição, Cícera Nunes, Cícero Joaquim dos Santos, Paula Cristiane Lyra Santos, Titus Riedl Benedict, Zuleide Fernandes de Queiroz, Darlan Reis Júnior, Tiago de Abreu e Lima Florêncio, por compartilhar conosco um pouco de suas intelectualidades e experiências profissionais, pela clareza de ideias, discursos construtivos, olhares atentos, e escutas. Uma grande oportunidade conhecer e aprender com vocês;

Em especial, agradeço ao professor Dr. Francisco Egberto de Melo, por todas as ricas contribuições dadas aos nossos trabalhos. Creio que ele ajudou muito dos meus colegas a visualizarem seus objetos de pesquisa, além da oferta de material e de dividir conosco o seu percurso profissional e pessoal. Sempre com um olhar atento e um atendimento personalizado a cada um de nós, nos enxergando individualmente, vendo as dúvidas e os anseios de cada

um, característica certamente herdada dos seus anos de trabalho na Educação Básica, que ajudaram a compor a sua base docente, sendo conhecedor profundo de nossa realidade e de nosso chão profissional. Socializou conosco suas enriquecedoras experiências pessoais e profissionais. Sua inteligência, simpatia e risadas serão sempre lembradas por mim;

À secretária do Mestrado, Tatiane Pereira da Silva, pela presteza no atendimento, sempre muito profissional e atenciosa.

Aos estudantes que ainda nos motivam a continuar ensinando um pouco do que sabemos e aprendendo um tanto do que eles já sabem.

“O historiador não nasce feito: ele é fabricado, moldado, esculpido, plasmado por inúmeras coerções e prêmios, pressões e reconhecimento, fracassos e sucessos. Pouco a pouco, ele aprende as regras, a hierarquia, a linguagem, as referências e contrarreferências, o jogo, os ossos e a carne da sua atividade.”

(José Carlos Reis)

RESUMO

A presente pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, ofertado em rede nacional, sob coordenação da UFRJ, vincula-se à linha de pesquisa Saberes históricos no espaço escolar. Teve como objeto o conhecimento da aprendizagem de aspectos teóricos e conceituais relacionados à consciência histórica, realizada com estudantes e docentes do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais da cidade de Exu-PE. Objetivou-se conhecer suas narrativas e concepções sobre o conceito de consciência histórica, suas compreensões sobre o ensino-aprendizagem de história e relacionou esses discursos à necessidade de um ensino de história pautado na aprendizagem conceitual, teórica e reflexiva, como forma de destacar o uso da consciência histórica e uma melhor orientação sobre as temporalidades em sua vida prática. Isso possibilita o reconhecimento do papel de sujeitos históricos que são. O referencial teórico que fundamenta a pesquisa foi construído a partir de autores que se debruçam sobre a temática em voga. Na compreensão sobre a teoria da história nos utilizamos dos estudos de REIS (2006, 2013), HELLER (1993). No embasamento sobre a consciência histórica fizemos uso dos estudos de RÜSEN (1992, 2006, 2007, 2009, 2001), CERRI (2001, 2011), GAGO (2007, 2016), SCHMIDT (2005, 2008, 2011, 2012, 2016, 2019), BARCA (2004, 2011). Como aporte para discussão sobre a importância do estudo de conceitos teóricos, ou de segunda ordem nos utilizamos dos estudos de LEE (2006, 2016). Na discussão sobre o tempo tivemos o estudo de autores como KOSELLECK (2006, 2014), HARTOG (2008, 2013), PROST (2008), REIS (2006). Ensino de história, PEREIRA (2018), dentre outros. Foi utilizada a metodologia da História Oral, com o suporte discursivo de MATOS e SENNA (2011), CRUZ NETO (2012), ALVES (2016), BRANCO (2020), PORTELLI (1997, 2016, 2017), FERREIRA (2002), AMADO (1997), realizado por meio de entrevistas com quatro docentes das duas escolas participantes da pesquisa, e de aplicação de questionários para verificação dos aspectos qualitativos da temática, a partir das narrativas e letramentos históricos dos estudantes. Diante do exposto, constatamos que existe, por parte dos docentes, muita dificuldade em trabalhar aspectos teóricos da disciplina de história, por vários motivos, dentre eles, a dificuldade de compreensão dos estudantes, falta de suporte pedagógico e o desinteresse dos estudantes pelas aulas de história, o que se faz muito nítido em suas narrativas. Constatamos também, a partir da pesquisa com os estudantes, a dificuldade de compreensão da parte teórico-conceitual da disciplina, que contribuiria para que eles relacionem a história à vida pessoal, prática e social, se reconhecendo como atores da história no tempo e no espaço em que se inserem.

Palavras-chave: Ensino de História. Consciência Histórica. Narrativa Histórica.

ABSTRACT

The present research developed in the Professional Master in History Teaching - PROFHISTORY, offered on national network, under the coordination of UFRJ, is linked to the line of research Historical knowledge in the school space. It had as object the knowledge of the learning of theoretical and conceptual aspects related to the historical conscience, realized with students and teachers of the High School of two state public schools of the city of Exu-PE. The objective was to get to know their narratives and conceptions about the concept of historical awareness, their understandings about teaching-learning history and related these speeches to the need for teaching history based on conceptual, theoretical and reflective learning, as a way to highlight the use of historical awareness and a better orientation on the temporalities in his practical life. This makes it possible to recognize the role of historical subjects that they are. The theoretical framework that underlies the research was built from authors who focus on the theme in vogue. In understanding the theory of history, we used the studies of REIS (2006, 2013), HELLER (1993). In the basis of historical consciousness we used the studies of RÜSEN (1992,2006, 2007, 2009, 2001), CERRI (2001, 2011), GAGO (2007, 2016), SCHMIDT (2005, 2008, 2011, 2012,2016, 2019), BARCA (2004, 2011). As input for discussion about the importance of studying theoretical concepts, or second order, we used LEE studies (2006, 2016). In the discussion about time we had the study of authors such as KOSELLECK (2006, 2014), HARTOG (2008, 2013), PROST (2008), REIS (2006). History teaching, PEREIRA (2018), among others. The Oral History methodology was used, with the discursive support of MATOS and SENNA (2011), CRUZ NETO (2012), ALVES (2016), BRANCO (2020), PORTELLI (1997, 2016, 2017), FERREIRA (2002), AMADO (1997), conducted through interviews with four professors from the two schools participating in the research, and by applying questionnaires to verify the qualitative aspects of the theme, based on the students' historical narratives and literacies. Given the above, we found that there is a lot of difficulty on the part of teachers to work on theoretical aspects of the history discipline, for several reasons, among them, the difficulty of understanding students, lack of pedagogical support and students' lack of interest in history classes, which is very clear in their narratives. We also verified, from the research with the students, the difficulty of understanding the theoretical-conceptual part of the discipline, which would contribute for them to relate history to personal, practical and social life, recognizing themselves as actors of history in time and space they fall into.

Keywords: History teaching; Historical Consciousness; Historical Narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	134
Imagem 2	140
Imagem 3	141
Imagem 4	142
Imagem 5	144
Imagem 6	156
Imagem 7	156
Imagem 8	157
Imagem 9	157
Imagem 10	158
Imagem 11	158
Imagem 12	158
Imagem 13	159
Imagem 14	160
Imagem 15	160
Imagem 16	161
Imagem 17	161
Imagem 18	162
Quadro 1	32
Quadro 2	33
Quadro 3	36
Quadro 4	37
Quadro 5	38
Quadro 6	38
Quadro 7	41
Quadro 8	41
Quadro 9	54
Quadro 10	55
Quadro 11	57
Quadro 12	58
Quadro 13	61
Quadro 14	61
Quadro 15	79
Quadro 16	81
Quadro 17	81

Quadro 18	81
Quadro 19	82
Quadro 20	82
Quadro 21	83
Quadro 22	83
Quadro 23	83
Quadro 24	83
Quadro 25	84
Quadro 26	84
Quadro 27	85
Quadro 28	96
Quadro 29	97
Quadro 30	97
Quadro 31	98
Quadro 32	105
Quadro 33	106
Quadro 34	106
Quadro 35	107
Quadro 36	107
Quadro 37	108
Quadro 38	109
Quadro 39	109
Quadro 40	113
Quadro 41	114
Quadro 42	114
Quadro 43	115
Quadro 44	115
Quadro 45	116
Quadro 46	116
Quadro 47	117
Quadro 48	149
Quadro 49	155
Quadro 50	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EREM – Escola de referência em Ensino Médio

PGM – Programa Ganhe o Mundo

PMI – Programa Ensino Médio Inovador

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História

SAE – Sistema de acompanhamento de Estudante

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

URCA – Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: A PARTICIPAÇÃO SIGNIFICATIVA DO TEMPO COMO ORIENTAÇÃO DA VIDA PRÁTICA	21
1.1 Reflexões sobre a consciência histórica.....	21
1.2 Perfil dos estudantes colaboradores da pesquisa	30
1.3 Letramento histórico dos estudantes sobre a história e o conceito de consciência histórica	34
1.3.1 “Quando alguém morre vira história.”	40
1.4 O Tempo como elemento da consciência histórica	43
1.4.1 Abordagem sobre o tempo no ensino de História.....	52
1.5 A Narrativa como constituinte da consciência histórica	59
CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DOS PROFESSORES E OS PROFESSORES NA HISTÓRIA	63
2.1 A abordagem metodológica.....	64
2.2 Os ambientes da pesquisa e a razão para sua escolha.....	70
2.3 Os professores na pesquisa.....	77
2.4 Narrativas dos professores sobre seu contexto de vida	79
2.5 Formação dos professores e perspectivas para o ensino de história.....	85
2.6 Abordagens metodológicas dos professores sobre teoria da história no Ensino Médio.....	93
2.7 História, tempo e orientação para a vida prática na perspectiva dos docentes.....	100
2.8 O passado participa do presente? A consciência histórica em ação	103
CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA PARA APRENDIZAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA	113
3.1 Relatos dos estudantes da Escola Barão de Exu.....	113
3.2 Relatos dos estudantes da Escola São Vicente de Paula	115
3.3 “Ela está ligada à vida”	118
3.4 Manual de aprendizagem conceitual no ensino de História.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	185

INTRODUÇÃO

Desde os meus dezesseis anos quando comecei o estágio supervisionado do segundo grau que percebi que queria ser professora. Iniciei minha carreira docente profissional aos dezoito anos, através de um concurso público na cidade de Exu-PE. Comecei a dar aula para o Ensino Fundamental anos iniciais. Sempre fui apaixonada pela história. Estudava e tinha muito acesso à literatura e vivia rodeada de poesias e livros. Cursei história na Universidade Regional do Cariri-URCA e logo depois fiz o concurso público para professor da Rede Estadual de Pernambuco, desde então, leciono a disciplina de história para o Ensino Médio.

No meu percurso profissional e na minha intenção de ministrar boas aulas, como professora de história, fui muito influenciada pela ideia de Ilmar Matos, no seu artigo: “Mas não somente assim, leitores, autores e aula como texto no ensino-aprendizagem de história”, de 2006. Neste artigo, Ilmar Matos afirma que o professor não somente replica o conteúdo que está exposto no material didático do aluno, mas, que ao lê-lo faz uma nova aula de história. Ao interpretar o conteúdo proposto e abordá-lo na sala de aula nasce um novo texto, sendo assim o professor também é autor. O que o docente expõe sobre o assunto é sua interpretação sobre o conteúdo, a partir das suas leituras e de seus estudos para elaboração de seu conhecimento e de seu ponto de vista, de sua visão de mundo.

Professores carregam suas versões, através de suas falas e de suas abordagens teóricas em sala de aula. Segundo Ilmar Matos (2006), da leitura que se faz da produção historiográfica para o que será apresentado em sala de aula nasce uma aula como texto e, com este processo, surge a figura do professor autor.

É esta mesma indagação inquietante que serve para pôr em evidência a condição de leitor daquele que ensina história; e é esta condição de leitor que lhe permitirá tornar-se autor – autor de uma aula como texto ou, dizendo de outra maneira: é esta indagação inquietante que conduz ao estabelecimento de uma relação específica entre as duas práticas do fazer historiográfico, porque a condição para quem ensina história se tornar um autor reside, antes de tudo, na leitura dos textos dos que escrevem a história, a produção historiográfica (MATOS, 2006, p. 12).

Para Ilmar Matos: “Professores e escritores de história contam uma história. Ao texto escrito corresponde à aula. Ambos são autores, ambos fazem história.” (2006, p. 7). É na simplicidade e profundidade dessa informação que reside o importante papel de valorizar a

produção histórica do professor através da sua aula como texto. A condição de leitor permite ao professor tornar-se autor, pois gera sua interpretação do texto lido, refletido na narrativa de sua aula.

Segundo Matos:

Ele não será jamais a mera repetição ou transcrição do texto lido e quem o produz sabe disso, assim como sabem que jamais lhe será atribuído o valor de um texto escrito e impresso que distingue a obra historiográfica. Não obstante, ele se constitui na condição necessária para revelar um novo autor-o professor de história. (MATOS, 2006, p.12).

Seria esta, na percepção de Matos, uma criação do professor sempre renovada pelas suas novas leituras, pelas trocas de experiências, pelo contato com novos alunos e por suas próprias expectativas, que vão sendo modificadas pelo seu cotidiano social e educacional, bem como, pela consciência do professor que torna possível a aula como texto. Esse ato nos dar:

A possibilidade de uma prática que se renova a cada dia, a aula como texto, ou o texto em nossa aula propicia que cada um dos alunos valorize as diferenças, constitua identidades, crie memórias e exercite a cidadania. E assim, torne-se capaz de fazer sua própria história. (MATOS, 2006, p.15)

Sempre tive um ideal muito apaixonante pelas aulas de história. Sou uma entusiasta da humanidade, e obviamente me surpreendo com os rumos que a história pode tomar, diante das ações e interesses desse jogo social e humano que é a vida.

Esteve e está presente na minha prática docente, no meu interesse como professora de história, explicar alguns termos, ou conceitos históricos que, no meu ponto de vista, faria toda diferença para a compreensão dos estudantes. Essa explicação, que eu chamo de alguns conceitos essenciais à compreensão histórica, na verdade, seria a compreensão mais sistemática da teoria da história que contribui para desenvolvermos a consciência histórica.

Ao adentrar no Mestrado em Ensino de História, e cursar a disciplina de Teoria da História, com as professoras Sônia Meneses e Rosilene Melo, pude aprofundar um pouco mais sobre os conhecimentos relacionados à teoria da história, conhecendo autores que discutiam as temáticas de forma esclarecedoras. Ao me deparar na disciplina, com o estudo de conceitos, antes mal interpretados, ou, não tão bem conhecidos por mim, professora da Educação Básica, com sua limitação de espaço para pesquisa e estudos, tais quais, *memória*, *tempo*, *cultura*, *patrimônio*, *consciência história*, pude perceber o quão rico se torna o

conhecimento de história quando se associa aos conhecimentos dos fatos. Esse conhecimento teórico explica além da visão simplista, ajudando a contextualizar os fatos e tornar a história mais presente na nossa vida.

Foi justamente essa disciplina, ministradas por essas duas personalidades intelectuais femininas que me fez querer como tema de minha dissertação pesquisar os conhecimentos teóricos de professores e estudantes, através dos conceitos históricos, mas, especificamente a compreensão do conceito de consciência histórica que traz essa percepção de tempo significado, essencial ao estudo e aprendizagem da história.

Gosto da analogia que o historiador José Carlos Reis (2006) faz ao estudo do tempo, comparando-o a uma clepsidra, ou ampulheta. O autor diz que o tempo histórico estaria representado pela parte superior da clepsidra, aquele tempo humano, sólido, palpável, que aparentemente se basta, mas, que tende a desabar e a deixar de ser, transformando-se em passado. Na parte inferior da clepsidra estaria o próprio passado, o que já foi, mas, o que quer, a todo momento se fazer lembrar.

E o historiador está lá, abraçado à cintura da clepsidra, observando passar para a parte inferior um pouco do ser que antes era sólido e constante. E, a sua função é virá-la a contrapelo, sobre a cabeça dos vivos, deixando escorrer o passado, desabando sobre eles, o ser que se foi, que estava lá, inquieto, pungente, aflito para se fazer lembrar, pois deixou vestígios do que já foi, consolidando sua passagem no tempo. Essa analogia demonstra a estrita relação das temporalidades com o ser humano. A reflexão sobre o passado adentra nosso presente, trazida pelos nossos questionamentos cotidianos e esclarece muito do nosso futuro. Um dos grandes objetivos do historiador, dentro do seu anseio de conhecer o indivíduo no tempo, é essa interpretação, feita a partir do olhar compenetrado sobre o vão da clepsidra. O tempo fala ao historiador e entrelaça os seres humanos entre uma temporalidade e outra. (REIS, 2006).

Ao me debruçar mais um pouco sobre autores que discutem o conceito de consciência histórica, Luís Fernando Cerri, no seu livro: “Ensino de História e consciência histórica”, em seu primeiro capítulo, chamou-me a atenção com a seguinte frase: “Até que ponto o passado participa do presente?” (CERRI, 2011, p.19), levando-me a pensar sobre o papel que a reflexão sobre o passado tem sobre as ações dos indivíduos no tempo presente. E talvez, trazendo para nós, professores da Educação Básica, uma maneira de revermos nossa prática profissional ao trabalhar a disciplina de história em sala de aula. Cerri (2011) esclarece que o ponto em que estamos situados, o então presente, é composto dos valores agregados por cada um de nós, tais quais: a identidade individual e coletiva, o reconhecimento de sua origem e da sua história pessoal.

Este conhecimento temporal seria pontos que nos ligariam a uma reta que seria interligada na sua infinidade de pontos, por dois pontos muito importantes: o passado e o presente. “Passado e presente assumidos por alguém dão os dois pontos mínimos para que identifiquemos uma reta.” (CERRI 2011, p. 64). E a partir desses dois pontos essenciais, estaria o sentido que damos a eles: nosso plano de vida, nossas metas definidas, ou em planejamento, nossa reflexão sobre o tempo que pondera aspectos do passado e as considerações que faço sobre elas para embasar o meu presente e projetar um futuro. Um ponto a mais da reta... aquela reflexão necessária que me liga a um contexto, seria o campo social, o vínculo a um grupo, e o que permeiam as ações implementadas na vida prática, vivida cotidianamente e que me abre um campo vasto de perspectivas e de projeções.

Os conceitos teóricos de história nos servem de orientação para a vida prática diária. Quem apresenta uma maturidade na forma de compreender a história, como esse elo que nos interliga ao tempo e aos outros, pode realmente compreender o quanto ela é algo vivo e pulsante, e o quanto a sua interpretação é importante para o nosso próprio conhecimento, enquanto sujeito histórico.

E eu sonhei por muito tempo, e ainda sonho atualmente, com o dia em que todos os estudantes darão aquele valor primordial à história e que tenham acesso à aulas brilhantes dessa disciplina, com muita discussão, muito dinamismo, com a quebra de rótulos que por ventura poderiam ser impostos à disciplina. Com a atenção a aula como texto que está sendo produzida ali, pelo professor, pela compreensão dessa ligação de contextos históricos, enfim, com todos os ingredientes que estariam presentes numa boa e compreensível aula de história.

Idealizo uma aula onde seja possível, como pensou Nilton Mullet Pereira (2018), “decolonizar” o tempo. Vê-lo como um tempo próprio, humano, subjetivo, construído pela interpretação de cada um, ali, na nossa frente, pelas nossas ações e pelas ações de nossos grupos sociais.

Quando li, pela primeira vez, o texto de Nilton Mullet Pereira, na disciplina do mestrado: História e a questão das temporalidades, ministrada pelo professor Francisco Egberto de Melo, fiquei fascinada. Era exatamente assim que eu sonhava e continuo sonhando com a aula de história ideal. Aquela que não nasce pronta, onde já se sabe início, meio e fim. Aquela que não é estática, sem nenhuma possibilidade de interpretação própria. Uma aula com os comentários e a participação de todos, com o devido merecimento que deve ser dado a participação de cada um. Com os “assombros”, (PEREIRA, 2018), diante de fatos desconhecidos. Com as inovações trazidas por outras ideias que possam ser construídas ou desconstruídas, naquele momento, por nós mesmos. Com a ‘hesitação’ citada por Nilton Mullet

Pereira (2018), em seu artigo: “O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo.”

Uma aula que não tivesse a redução a uma única narrativa, sem silêncios desatenciosos, com os intervalos temporais falados pelo autor que trariam a criação de novos conceitos, de novas temáticas, permitindo o: “E, se?”, capaz de mostrar o espaço da criação do conhecimento pelo próprio estudante, o diálogo tão enriquecedor que deve prevalecer num ambiente educacional, sem padrão estabelecido, onde acontece a análise de cada dito, com todo o encantamento que uma aula deve e pode ter. Esta seria, nas palavras de Nilton Pereira, uma aula de história: “Capaz de promover um encontro com a vida.” (PEREIRA, 2018, p.24). Este autor entende o ensino de história como um campo de produção conceitual, que os produz para pensar a aula de história e a forma como ocorre a aprendizagem histórica, considerando os modos de expressão para inserir o uso desses conceitos. A aula de história seria:

Um complexo por onde transitam saberes, memórias, narrativas e histórias, que permite o acesso a diversos modos de pensar o tempo, a realidade, o passado e o presente. Ela constitui em seu interior, um excesso que a torna lugar de criação, de novos modos de representar o tempo e de experimentar a vida, uma aula como lugar de experiência, como lugar improvável para deixar fluir uma nova e imprevisível relação com o passado. (PEREIRA, 2018. P.20)

Seria a sala de aula o espaço ideal para se propor essa nova forma de ver a história: dinâmica, presente, movimentada e construída com a participação de cada um de nós. Essa relação imprevisível com o passado seria a forma mais atuante de usarmos a consciência histórica, refletindo sobre o tempo, para então, podermos compreendê-lo e associá-lo a algo vivo e norteador, para tomá-lo como objeto de reflexão e de atuação no nosso contexto atual. Acho que não ando sonhando sozinha. Provavelmente este seja o sonho de todo professor de história.

A presente pesquisa tem como objetivo principal verificar como os estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio, e professores de história das Escolas Estaduais São Vicente de Paula e EREM Barão do Exu compreendem o conceito de consciência histórica, e algumas abordagens acerca da teoria da história. Partindo de uma visão que reflete sobre a importância deste conceito e desse conhecimento teórico, relacionado ao estudo do tempo e das narrativas históricas, como possibilidade de percepção de sua própria historicidade e de análise do seu papel, enquanto sujeito histórico, no contexto social e temporal no qual se insere.

A partir dessa contextualização, essa dissertação está fundamentada em três

capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma abordagem teórico-conceitual sobre consciência histórica, e seus elementos constitutivos, sendo o tempo e a narrativa histórica, além de trazer as próprias narrativas dos estudantes que contribuíram para uma compreensão de seus letramentos históricos, relacionados às temáticas abordadas, objeto de investigação dessa pesquisa. Observamos suas diferentes percepções sobre a consciência histórica e maneiras de colocarem seus conhecimentos em prática no cotidiano e como ocorre a assimilação do conhecimento teórico dessa disciplina.

O segundo capítulo apresenta a abordagem metodológica da história oral e os campos associados à pesquisa. Deveu-se a conhecer as narrativas dos docentes relacionadas a algumas memórias, que evidenciassem uma consciência histórica, suas compreensões sobre os elementos teóricos e conceituais abordados nessa pesquisa e no ensino de história, oportunizando-nos conhecer suas formações e trajetórias profissionais, suas práticas pedagógicas, destacando os dilemas e os desafios enfrentados cotidianamente nos espaços escolares.

O terceiro capítulo trata de uma investigação sobre a aprendizagem e uso do conhecimento histórico dos estudantes no dia a dia, que contribuiu para a elaboração de um manual didático voltado ao trabalho do professor que visa apresentar um glossário com conceitos teóricos, relacionados à história, para conhecimento dos estudantes, além de propostas didáticas voltadas à prática metodológica do professor em sala de aula, associada ao conhecimento proposto por essa pesquisa, ressaltando o que se defende neste trabalho, que seja desenvolver um ensino teórico e conceitual nas aulas de história como forma de facilitar o uso da consciência histórica na sua vida prática.

Por último, temos as Considerações finais, onde apresentamos os aspectos conclusivos, sem nenhuma pretensão de encerrar esse debate pertinente e necessário, que deve ser abordado em outras pesquisas, no ensejo de um ensino de história mais reflexivo e modificador da realidade social em que vivemos. Possibilitando aprendizagens e sentidos, dentro da busca de uma aula ideal de história.

CAPÍTULO I: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: A PARTICIPAÇÃO SIGNIFICATIVA DO TEMPO COMO ORIENTAÇÃO DA VIDA PRÁTICA

“No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas que o vento não consegue levar.”
(O que o vento não levou - Mário Quintana. In: *Rua dos Cataventos e outros poemas*).

1.1 Reflexões sobre a consciência histórica

Gostaríamos que este trabalho tivesse a representatividade e a leveza necessária, tomadas de empréstimos das suaves palavras poéticas de Mário Quintana, para se ampliar a quão significativa é a reflexão subjetiva dos seres humanos sobre si mesmo e sobre sua atuação no tempo e no espaço, enquanto sujeitos históricos. O ser humano é complexo, dinâmico, atuante, mas, acima de tudo, pensante. Este pensar direciona a ação, que por sua vez é condicionada por escolhas a serem feitas em torno de uma coerência individual e social, que demonstra maturidade racional necessária ao desenvolvimento mental e emocional de cada sujeito que se propõe a agir dessa forma.

A partir desse propósito, nesse capítulo, que se divide em cinco tópicos, discutimos a importância da consciência histórica como meio de reflexão de nossa relação com o tempo e a história, bem como sua relação com o ensino de história. Destacamos a ligação da consciência histórica com seus elementos constitutivos, como o tempo e a narrativa histórica, ancorados nas reflexões de teóricos e nas narrativas dos estudantes que colaboraram com essa pesquisa e que expuseram suas reflexões sobre o tema em voga.

A experiência histórica, segundo Jörn Rüsen (1996), enquanto experiência humana está situada dentro de nós, pois antes de pensarmos nela, já somos a história. E que é o uso da consciência que traz essa certeza de pensar antes de agir, de ponderar, antes de escolher, de buscar respostas para os questionamentos internos, ou para os problemas plurais vividos em sociedade. Devemos perceber a interação entre os tempos históricos para nosso conhecimento enquanto ser também histórico.

Peter Lee (2016) relata que sem o conhecimento ofertado pela história, as ideias das pessoas sobre o que é normal nas questões referentes à humanidade tenderiam a ser limitadas ao aqui e ao agora. Essa consciência que nos define, e que permanece em nós é responsável pela compreensão do eu, do conhecimento sobre o outro, do conhecimento sobre o mundo, sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e ambientais que trazemos de outros tempos até esse tempo presente. Enfim, sobre o conhecimento histórico que nos liga,

enquanto gênero humano. Estamos falando então, da utilidade da consciência histórica.

Refletir sobre a consciência histórica parece estar em voga. Acreditamos que isso esteja acontecendo porque estamos carentes da orientação oferecida por ela na sociedade atual. Vivemos em uma sociedade ligada ao “presentismo”, como disse Hartog (2008), presa ao imediatismo, a respostas rápidas e precisas, muitas vezes não processadas como deveriam ou sem a reflexão necessária, que possivelmente as relacionariam aos fatos vividos, ou as centrariam a um espaço, a um tempo, as ligando a um determinado contexto histórico, o que possivelmente tornaria mais fácil sua compreensão.

O conhecimento teórico é fundamental na compreensão da história. Em relação ao ensino, partindo de uma autorreflexão sobre a sua prática profissional, o professor tem a capacidade de dar um retorno ao seu processo de ensino-aprendizagem. Para Rüsen (2001) a reflexão é um elemento vital da ciência. Aprendemos a lidar com a prática através da reflexão. Sem a teoria é como se a história fosse um amontoado de fatos sem fundamentos plausíveis, pois os estudantes não se enxergam nela. Nas palavras de Jörn Rüsen (2001), essa teoria necessária advém dessa elaboração constante da reflexão do sujeito cognoscente sobre si mesmo e mantém relação com a história, que seria seu objeto primário. Para o autor: “A efetivação teórica ganha, no paralelo com a prática, amplitude e profundidade.” (RÜSEN, 2001, p. 26).

O cotidiano do historiador serve de base para a teoria da história (RÜSEN, 2001), fazendo parte de sua profissionalização didática, e sendo extremamente necessária para solucionar uma boa introdução histórica. A teoria adentra o campo do subjetivismo, dando uma complementação à história, trazendo a capacidade de reflexão associada à subjetividade e à objetividade do pensamento científico. Ela contribui inclusive, com o problema do aspecto introdutório das disciplinas, trazendo competência reflexiva, conciliando trabalho e pesquisa, mediando a prática funcional, além de ser parte integrante de qualquer pesquisa histórica. Não é à toa, que nas palavras de Rüsen:

A pergunta acerca da função da teoria da história na aquisição de competência profissional pode ser respondida sumariamente com a afirmação de que é dela que necessitamos se quisermos ver a floresta, ao invés de perdermo-nos em uma multidão de árvores. (RÜSEN, 2001, p. 38).

Quando os estudantes nos fazem perguntas, como: onde estão os sujeitos históricos que se associam a mim e ao meu tempo na história? O que esse assunto pode acrescentar na minha vida? Qual a ligação desse tema com a minha vida hoje? Por que é

importante estudar isso, professor? Que eu tenho a ver com essa história, se eu nem era nascido? São algumas das contestações feitas pelos estudantes no dia a dia na sala de aula, que já demonstram a necessidade de uma vinculação dos fatos históricos a seus contextos de vida.

De certo modo, quando o fazem, eles já estão colocando em prática o uso de uma importante reflexão histórica relacionada à busca de ligação da história aos fatos, aos grandes feitos expostos nos livros com o seu cotidiano. Para Rüsen (2001, p. 76) “O agir humano nunca ocorre sem pressupostos.” A resposta a tais questionamentos seria advinda da teoria da história, representada por seus conceitos históricos, pois ela ajuda a compreender que cada ação humana está associada à outra ação humana. Essas ações se articulam com seus efeitos e suas consequências, e fornecem uma resposta a cada leque de perguntas, direcionadas ao conhecimento histórico e a nossa presença no tempo e no espaço social e físico que ocupamos.

Segundo Rüsen (2001, p. 25) “Não se pode de forma alguma pensar um processo histórico de conhecimento em que o próprio sujeito do conhecimento deixasse de debruçar-se sobre si mesmo.” E, é nessa reflexão sobre si mesmo que se faz presente e necessária a abordagem teórica e conceitual da história.

Quando o professor consegue a prodigiosa ação de interligar a história, com a teoria da história, fazendo, a partir de suas observações, um importante apoio para que o estudante compreenda a relação das ações às necessidades teóricas por trás das explicações históricas, estaríamos mais próximos de fazê-los se utilizarem da consciência histórica. Estaríamos trazendo o estudante para dentro da história, e associando fatos a contextos, percebendo a relação destes com o tempo e com a vida prática em sociedade.

Percebemos que diante do cenário político, econômico, social em que vivemos, dificilmente sairemos de determinados abismos sem nos utilizarmos na prática, desse conceito de consciência histórica, que norteia tantas decisões, por sua vez, essenciais, para nos direcionar em sociedade. Se, somos a civilização que tem em mãos o poder da criticidade, da mudança e da formação de bases teóricas pertinentes, precisamos com o máximo de urgência nos apoderarmos dela, trazendo-a para o nosso dia a dia.

Diante do exposto, esta pesquisa está inserida no campo de estudo dos conceitos teóricos e históricos utilizados no ensino de história, mas especificamente o conceito de consciência histórica e de seus elementos de ligação, como o tempo e a narrativa histórica, a partir de uma vasta reflexão teórica sobre a temática e das narrativas de docentes e estudantes.

Segundo Bittencourt (2009, p. 193), os conceitos trabalhados na disciplina de

história são: “Necessários para tornar o objeto histórico inteligível.” Percebemos o quanto alguns deles, como fundamentos teóricos de aprendizagem, podem ser essenciais na aprendizagem histórica dos estudantes. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004, p. 69): “Um trabalho sistematizado no ensino de conceitos históricos contribui para que o aluno realize uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade social.”

Peter Lee (2006) defende no ensino de história a importância da compreensão dos conceitos de segunda ordem¹, que são aqueles que vão além de uma compreensão substantivada da história, nos quais se enquadram a consciência histórica, pois eles se relacionam diretamente com a estrutura do pensamento histórico, observando a história de uma forma transformativa, modificando e ampliando nossa visão e compreensão sobre ela. Para Peter Lee, quando há uma progressão no conhecimento de conceitos de segunda ordem a noção do ‘todo’ é melhor compreendida e fundamentada, ajudando os estudantes a não caírem numa armadilha de pensar que qualquer história serve, pois, a história abre novas possibilidades de ver o mundo. Isso se torna possível através da presença do conhecimento histórico onde o passado e o presente não sejam separados um do outro. Nos estudos feitos por Peter Lee (2006) sobre esses conceitos, o autor destaca que as ideias sobre conceitos de segunda ordem, são, de fato, um instrumento poderoso para compreendermos a disciplina de história e o funcionamento dessa compreensão nos leva ao uso da consciência histórica.

Para Alves (2011), os conceitos de segunda ordem, se relacionam com a própria natureza do conhecimento da história. Através deles torna-se possível aos estudantes mobilizarem as operações mentais que estejam voltadas ao seu conhecimento histórico para explicar e compreender as permanências, causas e consequências dos fatos e ações. É, através da utilização desses conceitos que a história se apresenta para eles, de forma prática.

Ainda, na percepção de Peter Lee, é necessário que no ensino de história esteja presente um aparato conceitual de segunda ordem para permitir que a história siga em frente, abrindo uma perspectiva de mudança, possibilitando ver o mundo historicamente. Tornando a história transformativa. (LEE, 2006). Para este autor é importante o estudante aprender a

¹Conceitos de segunda ordem são aqueles relacionados à natureza da ciência histórica, envolvidos nos aspectos estruturais, ou metahistóricos, tais quais: cultura, ideologia, consciência histórica, política, imaginário, mentalidade, memória, patrimônio, dentre outros. São aqueles que estão envolvidos em quaisquer que sejam os conteúdos a serem aprendidos, dentre os quais podemos citar noções temporais como continuidade, progresso, desenvolvimento, evolução, enfim, aqueles que se referem à natureza da história (LEE, 2001. In: CAINELLI; BARCA, 2018, p. 4). “LEE (2001) chama a atenção para a necessária análise dos conceitos substantivos e os conceitos de segunda ordem, ou seja, os conceitos substantivos se referem a conteúdos da História, como por exemplo, o conceito de indústria. Conceitos de segunda ordem são os que se referem à natureza da História, como por exemplo, explicação, interpretação, compreensão.” (SCHMIDT, 2008, p. 87).

abordar o passado historicamente, ampliando seu aparato conceitual, incluindo a si mesmo como objeto de investigação histórica, desenvolvendo sua consciência histórica, sua forma de literacia histórica. (LEE, 2006). A literacia histórica seria a capacidade de ler e entender o mundo a sua volta, aprendendo e interpretando o passado e as temporalidades. Na perspectiva de Maria Auxiliadora Schmidt, a literacia histórica:

Assume que sua finalidade é a formação da consciência histórica, tendo como referência a construção não de uma relação prática, ou morta como passado, mas uma relação histórica, cada vez mais complexa, em que a consciência histórica seja portadora da orientação entre o presente, passado e o futuro, no sentido de voltar-se para dentro (o papel das identidades) e para fora (na perspectiva da alteridade). (SCHMIDT, 2009, p. 19).

Segundo José Carlos Reis (2006), para a compreensão de assuntos relacionados à história é importante a criação de conceitos. Para este autor, seria impossível pensar a história sem conceitos, pois eles se constroem através da problematização, da reflexão sobre algo importante, e enriquece nossa percepção de mundo, e, ao mesmo tempo, nos encaminha para o universo das singularidades. “Só o conceito individualiza.” (REIS, 2006, p.128), pois traz a especificidade de cada termo e se debruça sobre o que ele trata para uma melhor definição e compreensão.

Partindo dessa premissa, em umas das mais conhecidas definições de consciência histórica, Jörn Rüsen a define como: “A suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam se orientar intencionalmente no tempo.” (RÜSEN, 2001, p. 57). A consciência histórica pertence aos conceitos abstratos que constrói significados para o agir humano. Esse agir é histórico, pois, ocorre a superação dos limites naturais, onde a ação humana realizada sobre o tempo representa uma mudança de ordem natural.

O agir humano tampouco pode ser tão esperto que ache que já esteja voltando do lugar para onde vai, quando ainda se encontra no caminho da ida. Só a consciência histórica, mediante seu recurso rememorativo às experiências do tempo passado, fornece ao presente uma orientação no tempo, que, no movimento mesmo do agir não é percebido. (RÜSEN, 2001, p. 80).

O ser curioso e sábio que é o humano não se contenta em não obter respostas para suas inquietações, ou pelo menos não deveria contentar-se. Ao perceber sua historicidade, sua condição de ser, estar e fazer a história, este sujeito condiciona melhor o seu agir, percebendo

sua dinamicidade. Essa historicidade é a própria condição de perceber-se como um ser existente e prático no tempo. Agnes Heller (1993) disse que a historicidade de um homem implica na historicidade de todo gênero humano, sendo o plural anterior ao singular, pois, a partir dessa compreensão do indivíduo, enquanto sujeito histórico, teríamos a exata noção de que todo o gênero humano também é histórico.

Ofertando sua compreensão aos estudos sobre consciência histórica e historicidade, Estevão de Rezende Martins (2019) entende que a consciência histórica é a expressão contemporânea para designar a consciência que todo agente racional adquire ao refletir sobre sua própria vida e sobre sua posição no tempo. Na compreensão deste autor, o conhecimento que está envolto no pensamento histórico está ligado à operação de aprendizagem que conduz à consciência histórica, tendo como base o conhecimento de dados empíricos sobre um passado pertinente e reflexivo, envolvendo o reconhecimento de sua identidade e do grupo social ao qual pertence.

A consciência histórica inclui a consciência da historicidade intrínseca a toda existência humana, inserida no conjunto da cultura, das instituições e das ações das pessoas. A historicidade é um pressuposto fundamental da condição existencial de todo ser humano. Refletir sobre essa condição é um procedimento de pensamento histórico, necessário a todos e a cada um, a que se procede sempre e a todo momento, em toda e qualquer circunstância, ao longo de toda a vida. Historicidade e temporalidade coincidem. (MARTINS, 2019, p. 21).

A historicidade, como refletida anteriormente, é uma condição de sentir-se sujeito histórico, presente e atuante na história trazendo a reflexão necessária para tornar possível a compreensão das temporalidades. Geysy Dongley Germinari (2010, p.53), entende que a consciência histórica:

Não é equivalente à quantidade de informações que uma pessoa acumulou sobre o passado ao longo da vida, mas diz respeito às operações mentais que articulam o passado, presente e futuro numa estrutura temporal coerente, na qual o passado é chamado para guiar a interpretação das mudanças temporais sofridas pelos homens no presente. Essa convocação do passado ao presente orienta e alimenta a esperança no futuro.

Esse pensamento de Germinari traz de forma bem sensata, a verdadeira utilidade da consciência histórica. Ela não é um acumulado de informações sem sentido. São orientações mentais utilizadas na intenção de direcionar as atitudes necessárias do nosso cotidiano e para interpretar determinados fatos da nossa atualidade que interferem diretamente

na vida social e pessoal dos sujeitos, bem especificamente ligados à história.

As articulações temporais aparecem nos momentos em que precisamos utilizá-los diante de escolhas e posicionamentos que serão feitos no presente e que nortearão as ações futuras. É uma possibilidade de vislumbrar um futuro mais coerente, a partir de nossas ações do presente, conduzidas por essa reflexão necessária e possibilitando um olhar analítico sobre o tempo, advindo da consciência histórica. Na perspectiva de Ronaldo Cardoso Alves:

A consciência histórica pode ser compreendida como o trabalho intelectual que tem como objetivo relacionar as experiências vivenciadas pelos seres humanos ao longo da história às expectativas geradas nesse mesmo processo. Ter consciência é apropriar-se das operações mentais do pensamento histórico com o objetivo de refletir sobre as experiências concebidas no presente ou mesmo criar novas expectativas a serem transportadas no futuro. (ALVES, 2011, p.49)

Para este ato, relacionado às operações mentais estariam envolvidas competências relacionadas à experiência, criando intenções a serem colocadas na vida prática, articulando as temporalidades na vida do sujeito. Além da interpretação necessária na busca de ressignificação do passado, a partir da demanda do presente. Na orientação que se encontraria no ato de narrar, onde o sujeito se utilizaria das operações mentais para isso. Segundo Daniel Hortêncio de Medeiros:

A consciência, então, constrói-se por um ato de reflexão sobre o vivido, sem a pretensão de obter qualquer registro de autenticidade mesmo desse vivido, mas uma marca, um signo, a partir do qual se possa olhar para o presente e para o futuro, encontrando nesses “lugares tempo” um sentido para essa reflexão. (MEDEIROS, 2005, p. 76).

Em seus estudos sobre a consciência histórica, Luis Fernando Cerri a define como: “Uma das estruturas de pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que está inserido.” (CERRI, 2011, p. 13). Essa obrigatoriedade de agir é verídica, na medida em que se está no mundo em constante ação, diante disso, não se pode ficar parado e pensar que as coisas acontecem por si mesmas.

Agnes Heller compartilha o mesmo entendimento de Rösen, para quem a consciência histórica seria inerente ao ser humano. Seria: “A resposta à pergunta: de onde viemos, o que somos e para onde vamos?” (CERRI; PACIEVITCH, 2017, p.189).

Embora Agnes Heller e Jörn Rösen sejam de épocas e contextos diferentes, seus

pontos de vista são coerentes diante do que seja o fenômeno da consciência histórica. Segundo esses autores, a consciência histórica não tem sua existência relacionada a determinado período da história, nem limitada a determinados grupos humanos. Ela se apresenta na essência do ser humano e independe de sua cultura e de seu posicionamento social, a partir do momento que este ser evidencia uma reflexão sobre o tempo e suas ações presentes neste tempo e no espaço que está inserido, diante de suas narrativas e de suas formas de agir.

Diante dos estudos de Rüsen (1992, 2001) e de Agnes Heller (1993)² essa base de pensamento histórico parte da essência pessoal, ligada a cada indivíduo, de um grau de consciência que identifica essa percepção de finitude, de tempo e de espaço da qual cada ser humano tem como certeza.

Essa consciência da finitude, da morte física do ser humano gera a noção de tempo e de perspectiva de futuro, ultrapassando nosso mero limite biológico. Segundo a autora; “Era um ser humano que estava lá, naquele tempo, e só seres humanos podem contar sua história, porque só eles sabem o que aconteceu. Aquele tempo é o tempo dos seres humanos, o tempo humano.” (HELLER, 1993, p. 13-14). Essa afirmativa gerará também a noção de memória, pois os que continuarão existindo irão lembrar-se dos demais, posto que vão elaborar a narrativa de sua saga, depois de seu perecimento, e isso gerará cultura, onde conheceríamos o outro através do legado que foi depositado dentro da sociedade a qual estava inserido. Para Agnes Heller: “O passado e o futuro nossos estão relacionados com os outros. Nosso passado é o futuro dos outros, assim como o nosso presente é o passado dos outros. Somos os outros. Historicidade é história.” (HELLER, 1993, p. 55).

² Agnes Heller nasceu em Budapeste, em 12 de maio de 1929 e faleceu em 19 de julho de 2019. Foi uma filósofa húngara, discípula de Lukács. Foi professora de Sociologia na Universidade de *Trobo*, na Austrália. *New school for social Research* de Nova Iorque. Tem várias obras publicadas. Na sua teoria, Heller escreveu profundamente sobre a filosofia da história e da moral, sobre a teoria da modernidade. Segundo a autora, todo homem nasce no cotidiano, mas ao produzir reflexões teóricas, filosóficas, artísticas e políticas estaria na dimensão não-cotidiana, que, evidentemente, tem sua origem no próprio cotidiano. Heller indica que qualquer um, não importa o estágio de consciência histórica em que seja lançado ao mundo, nasce no cotidiano e aí se desenvolve. (AGUIAR e HERSCHMANN, 2014. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gnes_Heller/WWW.mcnbiografiasyvidas.com/WWW.publicopt

Jörn Rüsen é um proeminente historiador e filósofo alemão. Nasceu na cidade de Duisburg, em 19 de outubro de 1938. Estudou História, Filosofia, literatura e pedagogia, na Universidade de Colônia. Doutou-se em 1966 com um trabalho sobre a teoria da história do intelectual Johann Gustav Droysen. Lecionou nas universidades de *Bochum*, *Bielefeld* e *Witten*, da qual se aposentou em 2009. Seus estudos englobam a teoria da história, da história da historiografia e de metodologia do ensino de história. No cenário brasileiro atual relacionado à teoria da história e historiografia, o nome de Jörn Rüsen pode ser reputado como incontornável. Seus livros foram publicados no Brasil pela editora da Universidade de Brasília, com tradução de Estevão Martins, e seus títulos são: *História Viva*, *Reconstrução do Passado* e *Razão Histórica*. (São os fundamentos de uma teoria da história), que constitui o elemento principal do corpo de suas publicações na área de teoria da história. Fonte: TEIXEIRA, Rodrigo Yuri. Perfil Jörn Rüsen. Boletim do Tempo Presente, nº 08, de 03 de 2014.

Esclarecemos então, que as mudanças históricas, certamente são mais percebidas quando conhecidas e entendidas pelo grande laço histórico que envolve a todos. Nestes termos, Marília Gago afirma que:

A consciência histórica atende a uma interconexão complexa de várias demandas de fazer sentido da vida. Assim, conjuga-se a interpretação histórica para que seja possível construir ponte (s) entre passado, presente e futuro, concebendo-se o todo temporal significativo e significante, com a experiência de olhar para o passado e compreender a sua qualidade temporal específica, diferenciando-o do presente, e através deste processo dos sentidos/significados das noções de mudança temporal, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico. (GAGO, 2016, p. 78).

Gago (2016) entende que essa interconexão entre a consciência histórica e a história é fundamental para a noção de um tempo significativo, para uma compreensão sobre a diferença entre as temporalidades e contribui para a reflexão do professor que analisa o perfil dos estudantes, ajudando-os na orientação da vida prática. Sem essa função da consciência histórica, sem a percepção da própria identidade, sem as necessárias relações com os tempos corre-se o risco de se perder diante das transformações desse mundo e de si mesmo. (RÜSEN, 2009)³.

Após essas reflexões, sobre o que seja a consciência histórica, trazemos abaixo o perfil dos estudantes que participaram da pesquisa e suas assimilações relacionadas aos elementos que compõem a consciência histórica. Esclarecemos, no entanto, que ao pesquisarmos sobre as reflexões trazidas pelos estudantes do Ensino Médio sobre o conceito de consciência histórica e suas percepções relacionadas à disciplina de história, não temos

³ O filósofo Hans-Georg Gadamer tem uma opinião divergente de Rüsen e Heller sobre a consciência histórica, o autor diz que ela é algo típica do homem moderno, onde: “O aparecimento de uma tomada de consciência histórica constitui provavelmente a mais importante revolução pela qual passamos desde o início da época moderna. (GADAMER, 2006, p.17). Gadamer pensa a consciência histórica como algo que foi adquirido pelo homem moderno, e representa uma característica verificada nessa época.

Segundo o autor, essa tomada de consciência que foi adquirida pelo homem moderno, foi fundamental para que a sociedade pudesse ter uma visão mais abrangente sobre as coisas, os fatos, os acontecimentos que permeiam suas vidas. Que ela é caracterizada como um fardo que foi imposto ao homem moderno e que nunca tinha sido imposto a nenhuma outra geração (GADAMER, 2006). Segundo Hans-Georg Gadamer, esse privilégio advém do fato do homem reconhecer a historicidade do tempo presente e de perceber que toda opinião é relativa, deixando essa consciência se manter de forma permanente em nós, pois o homem moderno tem um espírito reflexivo. Para Gadamer, a consciência histórica é uma posição reflexiva com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição. A crítica que se faz ao pensamento de Gadamer é que o adjetivo de homem moderno utilizado pelo autor exclui todos aqueles que não tenham passado pelo processo de modernização, que pertenciam a outros contextos e a outros tempos históricos, ou que tenham permanecido “refratários” (CERRI, 2001) durante esse período moderno. Gadamer oferece ao sentido da consciência histórica uma restrição, retirando a percepção de que a consciência histórica estaria presente em outras temporalidades e em outros grupos humanos que não fizeram parte do período moderno. “Desse modo, essa parte da humanidade está alijada das subversões espirituais da nossa época.” (CERRI, 2011, p. 25). Diferentemente de Agnes Heller e de Jörn Rüsen, Gadamer não percebe a consciência histórica como uma condição intrínseca do ser humano, mas sim, como algo a ser alcançado, a partir do conhecimento adquirido pelo homem moderno.

intenção de analisarmos, ou compararmos nenhuma de suas respostas aos conhecimentos trazidos neste trabalho pelos teóricos que estudam a temática, já que sabemos que a consciência histórica é uma reflexão pessoal, inerente ao ser humano que raciocina sobre sua forma de significar e analisar o tempo, utilizando esse conhecimento no seu cotidiano.

Destacamos que se faz necessário que haja mais discussões em sala de aula sobre os aspectos teóricos e conceituais da disciplina de história, vistos pelos professores colaboradores da pesquisa como uma dificuldade em seu uso nas aulas de história (pesquisa apresentada no segundo capítulo), e como algo ainda distante da realidade pedagógica do estudante, observada na prática do professor. Na opinião de Kátia Abud: “Os alunos tendem a elaborar conceitos de acordo com sua experiência vivida e não formalizam o conhecimento histórico se não tiverem a possibilidade de vivenciar movimentos e conceitos históricos colocados em questão na sala de aula.” (ABUD, 2008, p. 26)

Essa perspectiva de análise busca tornar o ensino de história mais reflexivo e mais pertinente no dia a dia do estudante, tornando possível ele saber analisar com mais propriedade o conceito em voga, e outros conceitos e fatores relacionados à natureza da disciplina de história.

1.2 Perfil dos estudantes colaboradores da pesquisa

A preocupação com a aprendizagem dos estudantes é o fator crucial do processo de ensino. Existe por parte de pesquisadores e professores um interesse na busca de um ensino de história que visa contemplar as particularidades dos estudantes e as formas deles compreenderem o passado, presente e o futuro (CAINELLI; SANTOS, 2014). Achamos interessante colocar as narrativas dos estudantes na pesquisa, como forma de verificar suas compreensões sobre a história e a forma como eles descrevem suas concepções sobre o conceito de consciência histórica, atrelado à relação com o tempo e com a narrativa histórica, devido ser ele o principal sujeito do processo de ensino-aprendizagem.

Para esta fase da pesquisa nos utilizamos da técnica de coleta de dados, através de um questionário semiestruturado, elaborado de acordo com as temáticas da pesquisa, que obedeceu a todos os preceitos atentados pelo Conselho de Ética, da plataforma Brasil, que aprovou a referida pesquisa em maio de 2020. Privilegiamos a participação de estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais da cidade de Exu-PE, sendo elas: Escola São Vicente de Paula e EREM – Escola de Referência em Ensino Médio

Barão de Exu.

Como atualmente vivemos um período pandêmico, associado à contaminação pelo Novo Coronavírus, no momento de construção da pesquisa e da escrita, as aulas no Estado de Pernambuco assumiram, a partir de outubro de 2020, o formato híbrido. Ficou opcional para o estudante frequentar as aulas presenciais, acompanhar as aulas *online*, ou participar dos dois formatos. Isso fez com que alguns estudantes retomassem seus estudos na escola e aproveitamos esse espaço para realizar a pesquisa com eles⁴.

Na escola São Vicente de Paula os questionários foram aplicados nos dias 26, 27 e 28 de outubro de 2020, e em outros dois momentos, nos dias 03 e 04 de novembro de 2020. Para fecharmos a amostra de trinta estudantes, percorremos as residências de alguns deles, através de uma busca ativa em seus endereços, dos que residem na zona urbana da cidade, também nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2020.

Os estudantes foram bem receptivos e aceitaram participar da pesquisa ao ouvir todas as explicações relacionadas a ela. Foram orientados, em sala, a não consultar livros nem trocar informações com os colegas para não falsificar o teor do questionário e o resultado da pesquisa. Esta escola conta com seis turmas de terceiro ano, totalizando 169 estudantes matriculados. A grande maioria dos estudantes não retornou ao ensino presencial. Somente 02 estudantes do terceiro E, e 02 do terceiro F voltaram às aulas presenciais, sendo que os estudantes dessa turma, em sua grande maioria são moradores da zona rural, de regiões distantes do centro da cidade. Estudantes do terceiro D não retornaram ao presencial. Fomos pedir a 03 deles que moram na zona urbana para que respondessem o questionário. Do terceiro A responderam o questionário 13 estudantes, deste total, 07 deles foram procurados em casa, os demais na escola. Do terceiro B, 06 responderam na escola e 03 responderam em casa. Do terceiro C somente 01 compareceu ao ensino presencial e participou da pesquisa, totalizando 30 colaboradores.

Na escola Barão de Exu, o questionário foi aplicado nos dias 05, 06, e 09 de novembro de 2020, agendada com a gestão e a professora da disciplina de história, e contou com 20 colaboradores, distribuído entre os estudantes que estão frequentando o presencial. A escola conta com 03 terceiros anos, totalizando 108 estudantes matriculados. Do terceiro C, somente uma estudante optou para a volta no presencial, tendo mais presença dos estudantes do terceiro A (06) e do terceiro B (13). Não houve por parte dos estudantes resistência

⁴ Serão fornecidos mais detalhes sobre o ambiente de pesquisa, sobre os aspectos do trabalho durante a pandemia do Novo Coronavírus no segundo capítulo, onde detalharemos o perfil didático-pedagógico de cada escola participante e os aspectos metodológicos utilizados. Esta pesquisa foi aprovada pelo parecer/CEP nº 4.051.096 de 27/05/2020, CAAE: 300.96820.0.0000.5055, da Plataforma Brasil.

declarada em participar da pesquisa. Apresentamo-nos e dissemos como precisaríamos da contribuição deles para a pesquisa. A turma do terceiro B, foi mais receptiva, ouviram atentamente a explicação sobre o que tratava a pesquisa, fizeram perguntas e responderam em silêncio, tirando dúvidas sobre questões que não compreenderam. A turma do terceiro A já se demonstrou mais fechada, embora, ouviram também atentamente os detalhes da pesquisa. A única aluna do terceiro C que estava participando do ensino presencial mostrou-se bastante atenta às explicações. Acreditamos que o perfil sobre os sujeitos da pesquisa transparece como algo importante porque contribui com elementos fundamentais na compreensão de seus contextos de vida, que impactam diretamente na sua aprendizagem e nas suas relações sociais.

QUADRO 1- Aspectos socioeconômicos dos estudantes da Escola Barão de Exu

Estudantes	Cor/ raça	Escolaridade dos pais Pai/mãe	Renda familiar Em salários mínimos	Tipo de moradia	Profissão dos pais Pai/mãe	Você trabalha?
1	Branca	Superior completo	8 a 10	Própria	Policial /Professora	Não
2	Branca	Fund.completo /superior	3 a 8	Própria	Agricultor /Professora	Não
3	Branca	Ens. Médio	1	Própria	Desempregados	Não
4	Branca	Ens. Médio Incompleto	1 a 3	Própria	___/Func. Pública	Não
5	Parda	Fund. lcomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
6	Parda	Ens. Médio/ superior	De 3 a 8	Própria	Comerciante /Assist. social	Não
7	Parda	Analfabetos	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
8	Parda	Ens. Médio	Até 1	Cedida	Agricultores	Não
9	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
10	Preta	Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Engenheiro/ Professora	Não
11	Parda	Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Policial / professora	Não
12	Parda	Fund. Incompleto	Até 1	Alugada	Agricultores	Não
13	Parda	Superior Completo	Até 1	Própria	Autônomos	Não
14	Preta	Ens. Médio	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (roça)
15	Branca	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Agricultores	Não
16	Branca	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Vendedor / téc. enfermagem	Não
17	Pardo	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Empresário/ Téc Enfermagem	Sim (empresa do pai)
18	Branca	Fund. Completo	Até 1	Alugada	Motorista/dona de casa	Sim (cuidador de animais)
19	Parda	Analfabetos	Ate 1	Própria	Agricultores	Não
20	Parda	Fund. Completo	Até 1	Cedida	Agricultores	Sim (bico)

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Desta escola, os participantes da pesquisa foram 09 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, na faixa etária entre 17 e 18 anos. Em relação à cor/raça 40% se declaram brancos, 50% se declaram pardos e 10% se declaram pretos. Sobre a formação educacional dos seus pais, a maioria deles concluiu o Ensino Médio (35%), outros 30% apresentam formação em Ensino Superior. Do restante do percentual alguns apresentam Ensino Médio incompleto, ou Fundamental completo. Apenas 02 estudantes relataram ter pais com Ensino Fundamental incompleto. Outros 02 estudantes afirmam que seus pais são analfabetos. A grande maioria tem casa própria, apenas 02 estudantes moram em casas alugadas, e outros 02 em casas cedidas por outros. Seus pais desempenham variadas funções, sendo que 50% trabalham como agricultores. Com relação à renda dos seus pais 35% deles apresentam uma renda de até 01 salário mínimo, 15% destes vivem com menos de um salário mínimo e observamos que todos os pais que conseguiram concluir o Ensino Superior apresentam uma renda superior que varia entre 3 a 10 salários mínimos. Dos 20 estudantes participantes da pesquisa desta escola 04 já trabalham em empregos informais.

QUADRO 2- Aspectos socioeconômicos dos estudantes da Escola São Vicente de Paula

Estudantes	Cor/ raça	Escolaridade dos pais Pai/mãe	Renda familiar Em salários mínimos	Tipo de moradia	Profissão dos pais Pai/mãe	Você trabalha?
1	Parda	Ens. Fund. Incomp.	De 1 a 3	Própria	Agricultor /manicure	Não
2	Parda	Analfabetos	Menos de 1	Outros	Agricultores	Não
3	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Cedida	--- /cozinheira	Não
4	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
5	Preta	Médio/Superior completo	De 3 a 8	Própria	Autônomo/ aposentada	Não
6	Branca	Médio /Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Agricultor/ Professora	Não
7	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
8	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Pedreiro/dona de casa	Não
9	Parda	Ens, Fund. Comp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
10	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
11	Preta	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Servente/dona de casa	Não
12	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	----/ doméstica	Não
13	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Cedida	----/ cozinheira	Não
14	Branca	Analfabetos	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
15	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (roça /servente)
16	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
17	Parda	Ens. Médio	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (aulas de reforço)
18	Parda	Analfabetos	De 1 a 3	Própria	Pedreiro / dona de casa	Sim (casas de famílias)
19	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Alugada	Agricultores	Não

20	Branca	Ens. Fund. Incomp	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (babá)
21	Parda	Ens. Médio	Até 1	Alugada	Sargento/cozinheira	Não
22	Parda	Ens. Fund. Completo	Até 1	Própria	Agricultores	Não
23	Amarelo	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Pedreiro / dona de casa	Não
24	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
25	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
26	Indígena	Ensino Médio	De 1 a 3	Própria	Agricultores	Não
27	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Alugada	Não respondeu	Não
28	Parda	Médio Incompleto	Até 1	Própria	Pedreiro/manicure	Não
29	Parda	Analfabeto/Médio Incomp.	Menos de 1	Própria	Vaqueiro/dona de casa	Não
30	Branca	Médio incompleto	Até 1	Própria	-----/atend. Lanchonete	Não

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Na escola referida, os participantes da pesquisa formam 16 estudantes do sexo feminino e 14 do sexo masculino, na faixa etária entre 17 e 20 anos. Nesta escola, sua grande maioria se declara pardos (60%), outros 26% se declaram brancos e os demais se identificam como indígena, preto e amarelo (14%). Em relação à formação de seus pais, a grande maioria (60%) não conseguiu concluir a etapa do Ensino Fundamental. Tendo 13% de pais analfabetos e 13% de pais com Ensino Superior. Apresentando os demais, formação no Ensino Médio completo, ou incompleto. Uma grande maioria mora em casa própria, sendo que apenas 03 moram em casas alugadas, e 02 em uma casa cedida por outros. Em termos de renda, 33% destes pais vivem com menos de um salário mínimo por mês, e 40% destes, vivem com até um salário mínimo. A renda maior se encontra entre os 02 pais de estudantes que apresentam formação em Ensino Superior que varia entre 03 a 08 salários mínimos. Dos 30 estudantes pesquisados 04 já trabalham em empregos informais. Percebemos que a renda dos pais está diretamente relacionada ao desenvolvimento de seus estudos. Conheceremos abaixo, as percepções dos estudantes sobre aspectos relacionados à disciplina de história a partir de seus letramentos históricos.

1.3 Letramento histórico dos estudantes sobre a história e o conceito de consciência histórica

E no ensino de história? Como age e como se define o conhecimento histórico e a consciência histórica? O que temos definido sobre nós mesmos e sobre os outros homens e seus feitos no tempo? Como me vejo, enquanto ser histórico? Segundo Selva Guimarães (2012), é justamente nas instituições escolares que os saberes docentes e discentes se

defrontam, tendo em vista às demandas da sociedade e tendo em frente a produção de valores, de saberes e de cultura. Para a educadora: “Ensinar é confrontar-se cotidianamente com a heterogeneidade e partilhar saberes.” (GUIMARÃES, 2012, p. 115).

Nesse tópico, temos a pretensão de compreender o letramento histórico dos estudantes sobre a disciplina de história e a consciência histórica. O letramento histórico, segundo Marcos Antônio da Silva, é a condição adquirida pelos sujeitos de se utilizarem de uma estrutura histórica para ler, interpretar, e analisar de forma crítica e consistente os conhecimentos atrelados à história, gerando a capacidade de projetar-se frente a um futuro, e de redefinir, se necessário, conhecimentos que se tinha do passado, nas mais diversas situações sociais onde se encontram as narrativas históricas e suas práticas socioculturais. (SILVA, 2011).

De acordo com Peter Lee (2006), o letramento histórico é definido por uma estrutura histórica utilizável que contribui para que o estudante elabore, planeje e diferencie o encontro com novas passagens da história. Essa estrutura deve ser aberta, flexível, modificável, que o encoraje a pensar e refletir, ajudando o estudante a compreender diferentes estruturas, consolidando uma coerência interna de aprendizagem. A partir daí, ele seria capaz de realizar conexões mais complexas, frente ao seu conhecimento da história. Diante dessa perspectiva de LEE (2006), Antônio Marcos Silva, diz que:

O sujeito historicamente letrado não se limita apenas a estabelecer conexões entre as informações novas e uma série de fatos históricos objetivos durante os processos de leitura das narrativas históricas. Para além disso, o letramento em História exige uma interação mental durante as leituras das narrativas históricas com uma estrutura histórica utilizável estabelecendo uma orientação temporal e permitindo a construção de novos significados para o sujeito. (SILVA, 2011, p. 124).

Segundo Aurélio Fernandes (2016), uma das preocupações do ensino de história é a busca pelos elementos para a compreensão da consciência histórica, gerando uma orientação para a ação nas situações reais da vida presente. “Essas interpretações diagnosticam as necessidades dos sujeitos históricos e propõem ações no presente e projetos de futuro.” (FERNANDES, 2016, p.7). Sendo, a finalidade da consciência histórica a superação das carências de orientação dos homens no tempo através das interpretações históricas.

A educação histórica e a didática da história desempenham esse papel na compreensão da representação temporal, factual, didática, fazendo a conexão necessária entre os tempos e direcionando o pensamento para um futuro. Dessa forma, tanto a educação

histórica, como a didática da história visam trazer para dentro do ensino de história a possibilidade de aproximação entre o que se vive e o que se estuda, a relação que há pura e transparente entre o sujeito, enquanto ser histórico, presente e transformador do meio e da sociedade, com sua própria história de vida. Sobre estas questões, Daniel Medeiros aponta que:

A Educação Histórica, na medida em que assume o empenho de contribuir para a produção de consciência histórica, deve procurar saber, a partir dos jovens alunos, como eles vêem o que estudam o que eles sabem do passado e como o utilizam na sua vida cotidiana. A expectativa de dar aos estudantes algum senso de onde eles se encontram em relação ao passado e ao futuro parte do pressuposto de saber se não vamos nos fazer entender ou se seremos redundantes. Daí a importância de perguntar para eles. (MEDEIROS, 2005, p.88).

Perguntamos inicialmente aos estudantes participantes da pesquisa das duas escolas se eles gostam da disciplina de história, como forma de abordar outros pontos importantes relacionados à aprendizagem histórica, com o propósito de conhecer suas narrativas sobre esta disciplina.

Quadro 3 - Você gosta da disciplina História? Respostas dos estudantes da Escola Barão de Exu

1. Sim, porque entendo o processo de construção social.	11. Sim, porque acho importantes os fatos históricos.
2. Sim, porque é prazeroso conhecer o passado.	12. Sim, porque é através dela que conseguimos conhecer um pouco de nós e do mundo.
3. Sim, porque temos conhecimento sobre o nosso país na antiguidade.	13. Sim, porque acho interessante estudar sobre história antiga.
4. Sim	14. Sim, porque ela trata de nossos antepassados.
5. Sim, porque podemos aprender com nossos erros.	15. Sim, porque acho importante compreender o passado.
6. Não, porque envolve muitos fatos, entre outras coisas.	16. Sim, porque é uma disciplina que trabalha bastante sua mente, trabalha tanto o passado como o presente e também o futuro.
7. Não, não sou afim.	17. Sim, porque ensina várias coisas do passado.
8. Sim, gosto de todas as matérias de humanas	18. Sim, porque fala muito das coisas do passado que ainda tenho muito que aprender.
9. Sim, porque sem ela seria muito difícil saber dos nossos antepassados	19. Sim, por conta das informações.
10. Sim, porque gosto de saber dos acontecimentos do passado.	20. Sim, porque é conhecimento.

Temos 02 estudantes que relataram não gostar da disciplina, sendo que os demais disseram que gostam. Percebem que ela faz parte da sua construção social, que ajudam na compreensão do passado, que ela possibilita informações relacionadas ao seu conhecimento e

01 estudante tem a compreensão que a história faz essa correlação entre todos os tempos históricos.

**Quadro 4 - Você gosta da disciplina História?
Respostas dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. Sim, porque aprendemos muito sobre o passado, como as pessoas viviam etc.	16. Sim, porque ela nos ensina sobre o passado das coisas.
Sim, porque adoro a segunda guerra	17. Sim, porque é uma disciplina interessante
Sim, porque é uma tradição antiga	18. Sim.
4. Sim, porque é uma leitura de mundo.	19. Sim, sempre é bom aprender sobre o passado. Acho interessante.
Sim.	20. Sim, porque me ensina as coisas do passado.
6. Sim, porque aprender sobre a história nos deixa menos alienados.	21. Sim, porque é uma disciplina onde aprendemos e conhecemos os vestígios do homem de diferentes épocas.
7. Sim, porque é um conhecimento que não nos deixa ser alienados.	22. Sim, ajuda no dia-a-dia
8. Sim.	23. Sim, pelo fato da matéria ter o estudo da terra e dos povos.
9. Sim, gosto de pesquisa e de estudar o tempo.	24. Sim, porque é uma maneira de facilitar a vida.
10. Sim, porque eu acho interessante.	25. Sim, é muito importante para se ter uma noção do passado.
11. Sim, porque é legal	26. Sim, porque eu acho muito bom.
12. Não, porque não me encaixo	27. Não, porque é ruim.
13. Sim, porque estuda os antepassados.	28. Sim, porque ela ensina muito o passado.
14. Não, porque não sinto interesse na matéria.	29. Sim, porque conhecemos seres humanos na época.
15. Sim, porque estudamos tudo sobre antigamente.	30. Sim, porque ensina muita coisa importante.

Da Escola São Vicente, 03 estudantes relataram não gostar da disciplina, outros reconhecem que ela pode ajudar no dia a dia, pois ensina sobre o passado, sobre o tempo, sobre os vestígios humanos, sobre os fatos históricos e que contribui para evitar a alienação. A partir do letramento histórico dos estudantes sobre o seu gosto pela história percebemos que uma parcela deles ainda associa o estudo da história apenas a aspectos relacionados ao passado e a seus antepassados, sentindo dificuldade em relacionar a história com o seu presente.

Marília Gago diz que: “Compreender como alunos e professores fazem sentido de sua compreensão da história numa lógica de orientação temporal tem sido o desafio aceito e perseguido em termos de investigação em Educação Histórica.” (GAGO, 2016, p. 80). Tudo faz parte de uma grande correlação. É essa percepção que tem que ser repassada ao estudante através do ensino, fazendo-o enxergar-se como sujeito histórico e analisador do meio em que vive, bem como da sociedade em que está inserido, sendo capazes de analisar suas ações no tempo, de forma reflexiva.

Perguntamos aos jovens estudantes participantes da pesquisa qual seria sua compreensão sobre o conceito de consciência histórica.

**Quadro 5 - O que você entende por consciência histórica?
Respostas dos estudantes da Escola Barão de Exu**

1. Entendo os acontecimentos passados, eu tenho maior facilidade em entender acontecimentos presentes e futuros.	11. Conhecimento sobre os acontecimentos passados e em que eles influenciaram nos dias de hoje.
2. Conhecer e entender o que aconteceu no passado.	12. É uma representação social que uma coletividade adquire do seu desenvolvimento no espaço.
3. Aquilo que passou e que passamos a ter conhecimento sobre aquela época específica.	13. Não sei responder
4. Não sei. Não me lembro.	14. Quase nada.
5. Nunca ouvi falar do termo.	15. Uma representação social que é adquirida ao longo do tempo por todos.
6. Não tenho ideia.	16. É você entender e ter consciência que a história do passado é vivida por muitos.
7. Não sei.	17. Entendo que é importante para saber as coisas do passado.
8. É toda época que nos faz refletir sobre como os atos foram cometidos injustamente.	18. Não tenho nada em mente.
9. Quando a pessoa tem consciência do que aconteceu no passado e entende isso.	19. Saber o que as outras pessoas passaram e ter consciência para fazer diferente.
10. Saber o passado de tal pessoa, ou grupo e entender que aquilo pode se fazer presente no futuro.	20. Nada

Dos estudantes da EREM Barão de Exu, 08 deles não conseguiram ter uma ideia formada sobre esse conceito, relatando que nunca ouviram falar sobre ele, e que não tem em mente uma resposta sobre o assunto. Os demais estudantes acreditam que seja uma forma de conhecer os acontecimentos do passado, ou fatos de uma época específica, uma forma de representação social.

A consciência histórica é um fator mental, é uma abstração individual, perceptível apenas quando refletimos sobre fatos, conceitos e problemas verificados em nosso cotidiano e no nosso tempo. Obviamente, não tínhamos pretensão de pensar que o estudante devesse ter obrigatoriamente estudado sobre o conceito em voga, mas, já que a consciência histórica é uma construção mental de sua percepção sobre o tempo e sua utilidade na vida prática, esperávamos apenas que eles não tivessem tantas dificuldades em elaborar mentalmente alguma resposta sobre a temática.

**Quadro 6 - O que você entende por consciência histórica?
Respostas dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. Não sei o que é.	16. Bom, pode se dizer que é um conhecimento, ou entendimento por parte das pessoas no geral, em relação aos fatos e que também podem ser especulações passadas.
---------------------	--

2. Nada.	17. Desenvolvimento do espaço social.
3. Não sei.	18. Não sei
4. É a noção que temos e entendemos para com o mundo que tivemos os acontecimentos e com o mundo que iremos ter futuramente.	19. Uma coisa boa.
5. Nada	20. Não sei.
6. Tudo que foi vivenciado por você.	21. Não sei explicar.
7. Serve para a história não se repetir.	22. Não sei.
8. Nada	23. É saber em que tempo atual vivemos e o que aconteceu em outros séculos, e ter consciência da história dos povos e civilização já existentes em tempos passados.
9. Seria o fato de saber sobre as histórias (fatos) ter a plena consciência de que está analisando e entender os fatos.	24. É uma representação social.
10. Não me lembro de ter estudado sobre esse conteúdo.	25. Que a gente sempre deve buscar aprender que não é qualquer matéria e sempre ter consciência.
11. Não sei responder.	26. A Era Vargas, a política.
12. Nada	27. Nada
13. Não sei.	28. Não sei.
14. Não sei.	29. Não sei
15. Não respondeu	30. Não sei

Dos estudantes da Escola São Vicente de Paula 19 tiveram dificuldade em relatar uma ideia sobre o conceito. Os demais relacionam o conceito com os acontecimentos existentes, com o que foi vivenciado pelos seres humanos no passado, ou com fatos que irão existir, ou também como uma representação social. O estudante 26 associou o conceito a Era Vargas, pois provavelmente seja um assunto que estivesse sendo estudado na disciplina.

Ao lermos tantos: “não sei”, ou ausências de respostas, que se traduzem como um “não sei” também, temos a evidência da necessidade de diálogo, de elaboração de temáticas discursivas, debates e estudos conceituais atrelados à aprendizagem histórica, que gerariam reflexão sobre o tempo, sobre nossa relação com ele, que facilitariam nossa dinâmica de elaboração de respostas, capazes de preencher um vazio discursivo por parte dos estudantes, ao estudar e discutir história, aprimorando seu letramento histórico e consciência histórica.

Os estudantes já chegam com a sua consciência histórica formada em alguns de seus principais aspectos. Não se propõe por nenhum autor que essa formação irá ocorrer na escola, e sim, que é lá o ambiente propício para que façam debates, para que se articulem várias percepções de pensamento onde o estudante possa atribuir o sentido necessário que tem que ser dado ao tempo e ao modo de pensar historicamente. Nessa perspectiva percebemos que:

Pensar historicamente é nunca aceitar as informações, ideias, dados, etc. sem levar em consideração o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e

classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto em análise. (CERRI 2011, p.59).

Esse pensar historicamente leva a compreensão de um significado da história, voltado para o novo, para a sucessão do inesperado, impedindo de vermos a história como algo permanente, contínuo, já determinado. (CERRI, 2001). Isso comprova que no ensino de história importa não somente estudar os acontecimentos, os conteúdos em si, mas, associá-los a seus contextos, em suas definições, em sua relação com a atualidade, caracterizando-o como ações humanas que de forma direta, ou indireta nos fizeram chegar até o hoje.

Conseguir realizar essa tarefa seria aproximá-los da história para que a juventude atual possa ter essa noção de sua importância, percebendo que não são uma geração perdida no tempo presente, e sim, que existe uma grande “costura”, uns “nós” que nos interligam a outros seres humanos e a outros tempos. É a consciência histórica que faz uma intermediação entre o tempo, a memória, a narrativa humana e a identidade pessoal de cada ser. Percebe-se então, que esse conceito está extremamente relacionado à vivência diária e a história.

Existe um entrelaçamento da história com a consciência histórica, através dessa envoltura de valores pessoais, morais e temporais e de uma dimensão dialética que envolve os saberes históricos necessários a uma articulação reflexiva sobre todos os diferentes sujeitos históricos para que estes se vejam como parte da história, como veremos na reflexão a seguir.

1.3.1 “Quando alguém morre vira história.”

Esse letramento histórico de um estudante colaborador da pesquisa chama a nossa atenção, mas, não nos traz perplexidade, porque sabemos pela nossa prática em sala de aula que uma parcela dos estudantes do Ensino Médio ainda pensa que a história é uma ciência feita por quem não se encontra mais vivo, por quem realizou algum ato heroico, ou alguma atrocidade contra a humanidade. São os figurões, os vilões, os que morreram, os que lutaram em prol de uma causa, são estes os agentes da história, não eles.

O ensino de história contribui para que aos poucos, os estudantes se vejam enquanto sujeitos dessa história. Muitas vezes eles não se encontram em determinado contexto especificado nos conteúdos vivenciados em sala de aula, em uma história que ainda se baseia em dados biográficos, políticos e informativos, sobre nações aparentemente distantes e sem relação nenhuma com a sua vivência. Isso, como resultado da forma de se trabalhar a história no formato em que ela surgiu, ainda recheada de datas comemorativas,

ligadas a contextos políticos e a homens de poder, dissociando-os do restante da sociedade.

Compreendendo um pouco mais sobre a disciplina história, Peter Lee (2016) diz que ela é uma conquista frágil, que deve ser tratada com respeito e cuidado nas escolas. O lugar da história na educação está ligado ao fato dela contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica, na forma de analisar essas relações temporais que se entrelaçam com a vida em sociedade, pois, as grandes questões colocadas pela história causam impactos sobre as nossas vidas.

Perguntamos aos estudantes participantes da pesquisa quem faz a história para verificarmos, diante de suas narrativas, se eles se percebem enquanto sujeitos dela:

**Quadro 7 - Na sua opinião, quem faz a história?
Respostas dos estudantes da Escola Barão de Exu**

1. A sociedade	11. Todos nós
2. Nós mesmos	12. Somos nós mesmos.
3. Nesse momento estamos fazendo história.	13. Não respondeu
4. Não sei	14. O povo. Todo mundo tem uma história para contar.
5. Todos	15. Todas as sociedades antigas e até mesmo as atuais.
6. Não sei	16. Não respondeu
7. Nós mesmos	17. Os antepassados
8. Todos fazemos a história	18. A sociedade
9. Os humanos	19. O povo
10. O povo	20. Quem se interessa.

Diante do questionamento, 02 estudantes disseram não saber quem faz a história, outros 02 preferiram não responder a esta pergunta. Os demais já têm essa percepção que eles fazem a história, ou identificando que as sociedades, o povo, os antepassados, ou seja, as pessoas fazem a história.

**Quadro 8 - Na sua opinião, quem faz a história?
Respostas dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. O homem que viveu em certo tempo e lugar.	16. A história é criada pelas escolhas da sociedade.
2. Historiadores da antiguidade	17. Somos nós, pessoas que ajudam a criar a história
3. Os seres humanos	18. Seres humanos
4. O homem, a humanidade	19. Nós mesmos, cada um vivenciando uma história.
5. Todo mundo	20. Nós mesmos
6. O ser humano	21. Os povos
7. O homem	22. Tudo começa com o passado.
8. As pessoas	23. As pessoas que convivem em sociedade.
9. Os seres humanos de diferentes meios	24. O homem
10. O ser humano	25. Somos nós mesmos.
11. Nós	26. Não respondeu
12. Não sei	27. Quem já morreu
13. O ser humano	28. Os seres humanos

14. Não respondeu	29. Seres humanos
15. Cásper Líbero	30. Não sei

Na Escola São Vicente de Paula, 02 estudantes responderam que não sabem, e outros 02 não responderam ao questionamento. Um estudante chegou a citar o jornalista Cásper Líbero, talvez por ter lido recentemente algo sobre ele. Outros identificaram o homem, os historiadores, os seres humanos, as pessoas da sociedade, alguém que já morreu, sem inserir-se dentro dessa análise. Apenas 05 se inseriram como produtores de história.

Compreende-se que os estudantes chegam à escola com opiniões formadas, com ideias a serem postas em prática. O que cabe ao ensino é tentar fazer com que eles se atentem para a necessidade de usar essas reflexões associando-as à sua vida individual e coletiva, à formação de sua identidade e na sua relação com o outro. Vendo-a como a dimensão de uma consciência que ultrapassa o individualismo, que gera debates, análise de soluções, formação de diferentes pontos de vista, que permite troca de conhecimento, atribuindo sentido ao tempo, à narrativa, à vida em sociedade. Sendo esta aprendizagem também, capaz de gerar essa sensação de pertencimento ao gênero humano, colocando em prática o respeito pelo outro. Que esses estudantes e professores possam dialogar, transpondo assim uma “ponte” entre os tempos e os sujeitos da história, gerando uma identidade, uma consciência temporal importante e uma fundamentação dessa narrativa que possibilitaria um reconhecimento pessoal de estar na história e de fazer história. Na perspectiva de Luís Fernando Cerri:

O ensino da diferença é fundamental na própria elaboração de uma perspectiva de passado que considere o que não aconteceu, os projetos dos vencidos, uma história das ideias do mundo: para que não se ensine e não se aprenda que o presente, tal qual o conhecemos, era a única possibilidade, com a qual acabamos organizando o conhecimento do passado em função do presente (objeto cognitivo). Também para que percebamos que a realidade não é una, e que a história, portanto, modificável depende da ação humana, e que vale a pena agir na esfera coletiva, quebrando o principal auto de fé neoliberal, que é a ação individualista salvadora de si mesmo. Para que alguém possa agir é preciso uma perspectiva de futuro, uma utopia, no melhor sentido. (CERRI, 2011, p. 126-127).

Esse ensino de história deve permitir um grau de consciência, onde o estudante não somente se enxergue dentro da história, como também reconheçam as inúmeras possibilidades de modificações dos fatos. Muitos dos seus enredos e seus acontecimentos estão relacionados aos “quereres” de alguns poucos grupos sociais e políticos. É preciso reconhecer esse esmagamento de classes, essas imposições feitas pelo poder aquisitivo, bem como as diferentes versões sobre o mesmo fato, a história vista de baixo, os contextos de lutas

impostas por mudanças sociais. Enxergar-se dentro de uma realidade histórica, analisar-se como um sujeito histórico, perceber as mudanças sociais e temporais relacionadas ao seu tempo e aos outros, refletir sobre esse contexto, inserir-se nas ações necessárias às mudanças na vida em sociedade. Ter uma reflexão válida sobre o que acontece em seu entorno, reconhecendo a importância do outro e certificando que nós somos a história.

Essa capacidade de análise, na perspectiva de Maria Auxiliadora Schmidt (2017), traria esse olhar histórico sobre tudo que está à nossa volta. Somente através dessa ligação possivelmente dada pela educação histórica, por uma didática da história, pela utilização da consciência histórica, mais voltada ao conhecimento e debate teórico, ocorreria essa renovação do ensino de história nas escolas. Para Schmidt e Garcia, torna-se necessário que:

Professores e alunos busquem a renovação dos conteúdos, a construção de problematizações históricas, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Assim, busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez, que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, uma ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real. (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 299-300)

É preciso não somente se ver na história, ser produtor da história, como também pensar historicamente, observando toda essa mudança das relações temporais com a nossa vida, e com a vida dos outros, como também colocar esse conhecimento adquirido em prática, junto aos estudantes, nas escolas, e em todos os lugares em que se possa esclarecer sobre o nosso pertencimento histórico e temporal, como veremos agora.

1.4 O Tempo como elemento da consciência histórica

“O tempo nos define, nos limita e nos constrange: estamos condenados a ele, sem opção de não estar nele. Não estar no tempo é estar morto. Mesmo assim, o morto está indiretamente no tempo – o passado – e segue influenciando os vivos pelos sentimentos e conhecimentos que eles mantêm daquele que morreu.” (CERRI, 2011, p. 60)

A curiosidade humana demarcada sobre a definição do tempo faz parte de todo gênero humano. Quem nunca quis saber o que é o tempo? Qual seria sua cor? Sua forma?

Onde ele estaria presente, além de sabermos de sua ocupação de todos os lugares, mas de outra forma que não invisível? Sabemos que o tempo existe que ele define nossa organização temporal, mas, de igual modo, por ser tão definidor da categoria humana, gostaríamos de conhecê-lo mais a fundo. Esse tempo, tão incógnito para todas as gerações, é um dos principais elementos da Consciência Histórica.

Neste tópico, buscamos problematizar as análises sobre o conceito de tempo, abordadas pela historiografia. Trazemos autores que se debruçam sobre a compreensão do tempo e das temporalidades e evidenciamos o quanto esse conhecimento pode ajudar na compreensão histórica. Por mais que não saibamos exatamente definir o tempo, percebemos sua presença e sua fundamentação em nosso cotidiano. Ele está aqui e passa. Podemos percebê-lo escorrendo pelas mudanças verificadas em nós e no outro.

E o que seria mesmo o tempo? Um elemento tão abstrato, e, ao mesmo tempo tão concreto, no seu sentido humano e físico de se fazer sentir. Um elemento que traz um nível de complexidade tão debatido, e que por mais que saibamos indiretamente dizê-lo, não sabemos resumi-lo, muito menos descrevê-lo de uma única forma. Não somente porque o tempo não é algo “palpável,” que escorre por entre nossos dedos, mas, porque ele é um objeto de observação da nossa vivência em sociedade, e que cada um tem uma forma individual de representá-lo e de percebê-lo, mas não de descrevê-lo. Ele é misterioso, perturbador e envolvente. Não conseguimos nos desprender dele, e estamos associando-o constantemente a todos os fatos que acontecem em nossas vidas.

Antoine Prost lança um questionamento que dá ênfase nesta tarefa de compreensão sobre o tempo:

A História faz-se a partir do tempo: um tempo complexo, construído, e multifacetado. O que é, portanto, esse tempo caracterizado pelo fato de que, ao servir-se dele, a história simultaneamente o constrói, além de constituir-se uma de suas particularidades fundamentais? (PROST, 2008, p.96)

Para Prost (2008), o tempo está ligado às sociedades, à coletividade, incorporado aos documentos, aos fatos, às questões humanas. Seria o tempo “A própria substância da História” e “O principal ator da história.” (PROST, 2008, p. 96; p.114) ligando passado e presente, e fazendo a história ser construída dentro de uma estrutura temporal.

Para torná-lo passível de estudos, o historiador trata o tempo, recorta, analisa, mergulha nele para compreendê-lo, na tentativa de conhecê-lo e de interpretá-lo. Dessa forma, o estudo sobre o tempo traz as possibilidades de análise dos diferentes ritmos, dos fatos que se

modificam, e daqueles que permanecem inalterados, ou até mesmo daqueles que parecem se repetir, sem transformar. Nessa análise, estariam presentes essas observações de um tempo contínuo, descontínuo, longo, ou curto, permanente ou alterável. (PROST, 2008).

A célebre frase de Marc Bloch (2001), que revolucionou a forma de vermos a história, tão conhecida, e hoje, melhor compreendida, dizendo que a história é a ciência dos homens no tempo, trouxe a profundidade dessa relação extremamente forte entre a história e o tempo. Os dois elementos são indissociáveis, sendo impossível pensar as relações humanas sem um marco temporal. O tempo da história, para Marc Bloch, era o lugar da sua inteligibilidade, o respiro sobre sua duração. Para esse grande historiador: “Difícilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja que possa abstrair do tempo.” (BLOCH, 2001, p. 50).

Koselleck (2006) em sua obra *Futuro e Passado*, também pergunta, e responde sobre a complexidade do tempo:

Que é o tempo histórico? Essa é uma das perguntas mais difíceis de responder no campo da historiografia. A questão nos leva necessariamente a adentrar o terreno da teoria da história, sob uma perspectiva ainda mais profunda do que a habitual, pois as fontes do passado são capazes de nos dar notícia imediata sobre os fatos, as ideias, sobre planos e acontecimentos, mas não sobre o tempo histórico em si. (KOSELLECK, 2006, p. 13).

O autor nos convida a investigar o campo da teoria da história para que haja uma melhor compreensão sobre as ideias, sobre os fatos, embora reconheça a dificuldade de compreensão do tempo histórico.

Em seu livro *Memória e identidade*, Joël Candau afirma que:

Somos sempre “condenados ao tempo”, condição a qual não escapa nenhuma existência. O tempo voraz que segundo a segundo, como um inseto perseverante (...), devora mecânica e inexoravelmente toda vida, realizando assim sua obra de decomposição: o tempo presente, agonizante por essência (...) prestes a desaparecer no passado, no momento mesmo em que anuncia o futuro. O fluxo do tempo, por essa razão, ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como parar esse tempo devastador, essa corrida desabalada, como evitar seu trabalho, incoerente, indiferente, impessoal, destruidor, como se livrar da ruína universal com a qual ameaça toda a vida? (CANDAU, 2019, p.15).

Estaríamos mesmo diante de um tempo tão voraz e ameaçador? De onde viria essa ameaça? Poderia ser dito, que viria talvez, do medo que perpassa a cabeça de cada ser humano, que é o processo da mortalidade, da finitude, enquanto ser físico. Acabada sua

existência, estaria ele sujeito ao aniquilamento, ausência total do que se foi. O tempo é visto como uma ameaça, segundo Joël Candau (2019), porque tira a permanência física no espaço em que o corpo estava tão acostumado e adaptado. E sua passagem aterroriza, porque não queremos deixar de existir, nem de estar nele. Daí, a importância do registro, da memória, perpassada de geração a geração para se provar que viveu.

E dentre os tantos questionamentos feitos sobre o tempo, atentamo-nos um pouco para as inquietações, presentes nas “Confissões”, de Santo Agostinho, no seu livro XI, capítulo XIV ao XXI, mas especificamente no capítulo XIV, onde ele indaga que Deus fez o próprio tempo, e nenhum tempo seria coeterno com Deus, pois ele seria imutável. E pergunta:

O que é o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras? E, no entanto, haverá noção mais familiar e mais conhecida e usada em nossas conversações? Quando falamos dele certamente compreendemos o que dizemos, o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quisesse explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou? Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente para ser tempo deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela para qual deixará de existir? Por isso, o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência a não existir. (S. AGOSTINHO, 2007, p.119).

Na reflexão de Santo Agostinho, podemos perceber que sabemos pessoalmente formar uma ideia do que seja o tempo, mas, se alguém pede para definir, já sentimos certa dificuldade, porque esse tempo que rodeia e organiza os afazeres humanos não é algo sólido, estático, mensurável. É algo teórico, totalmente envolvido em nosso percurso, mas difícil de ter uma definição prática. Para ele, a razão perceptível do tempo é deixar de existir. Mas, percebemos claramente que o tempo presente norteia as outras noções temporais. Estamos no presente vivido, analisando o que deixou de ser, e o que será posteriormente. Nisso implica o caráter extremamente complexo e necessário do tempo: as definições de suas temporalidades.

Em suas conclusões, Santo Agostinho revela que essas três temporalidades só existem em nossas mentes, não existem em nenhuma outra parte, e que todas se interligam ao seu entendimento do que seja o presente. Seriam eles o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança. Para ele essa palavra tempo demanda

mistérios. Seu desejo, assim como o nosso, seria conhecer a natureza e a essência do tempo. Diz, Santo Agostinho, em seu capítulo XXIII:

Ninguém, portanto, me diga que o tempo é o movimento dos corpos celestes. Quando a oração de um homem fez parar o sol para concluir vitoriosamente a batalha, o sol estava imóvel, mas o tempo caminhava; e a batalha terminou no espaço do tempo que era necessário. (S. AGOSTINHO, 2007, p.123).

Santo Agostinho traz essa reflexão tão profunda sobre o tempo. Sentimos que ele se faz presente nas manifestações da natureza humana, seja por uma simples modificação da paisagem. Definir o que é o tempo, essa incógnita que nos devora, é difícil. Ele confessa que diz todas essas coisas no tempo, mas, não sabe dizê-lo: “Ai de mim que nem sei, nem mesmo o que ignoro!” (S. AGOSTINHO, XXVI, 2007, p. 124). Se não temos como defini-lo claramente, seria necessário compreendê-lo, dentro de cada contexto histórico e dos fatos marcantes vivenciados pelo homem em suas trajetórias.

Para Nobeit Elias (1998), o tempo também não existe em si. O tempo é um símbolo social que resultou de um longo processo de aprendizagem humana. É algo que dá para ser sentido pela própria fuga dos anos no calendário, pela observação do relógio. Não é algo que o indivíduo possa forjar em seu conceito. Ele vai se tornando evidente em cada sociedade, de acordo com as tarefas que os homens vão desenvolvendo. É um instrumento de orientação. Uma representação simbólica presente nas relações individuais, sociais, físicas, onde o homem verifica suas condutas e a conduta de outros homens que vieram antes dele, bem como, ele também é verificador das sensibilidades humanas.

O autor José Carlos Reis (2006, p. 180), ao fazer uma análise sobre o tempo, vai além ao dizer que: “O tempo é a relação da alma consigo mesma – ela se lembra e espera.” Segundo este autor, a grande problemática do tempo seria acompanhar a humanidade em seu percurso, vendo o quanto a duração temporal se relaciona com as mudanças verificadas no próprio ser. Este autor, afirma que:

O ser que estava na origem não é o mesmo que chega ao final de alguns anos, ou séculos. Entre o ser inicial e o final há o tempo, a duração que altera o ser. Essa duração não é natural, contínua, homogênea, regular, mensurável, é humana, vivida, portanto, descontínua, heterogênea, irregular, qualitativa, não mensurável. A mudança vivida é irreversível e incomensurável. (REIS, 2006, p. 180)

Um dos grandes objetivos do historiador, no anseio de conhecer os sujeitos no tempo, a partir da analogia da ampulheta, ou clepsidra, é a observação compenetrada sobre o

seu vão. Isso lhe possibilita lançar sinais, interrogações, e para sua alegria, ele obtém respostas: “O fundo da ampulheta fala, expressa-se, é capaz de dialogar com a parte superior, retirando os vivos da solidão, em sua passagem inexorável pelo vão.”(REIS, 2006, p. 183).

Então, que função importante essa do historiador! Tornar possível, através de seus métodos de investigação, descobrir vivências, que estavam no passado e que se mostram através dos vestígios e dos ecos no presente. Relembrar aos vivos, que estão na parte superior da clepsidra, sua interligação com outros tempos e com outras pessoas, que outrora eram vivos, e que não deixaram de ser, enquanto humanos, porque puderam, de forma insistente, deixar seus restos, seus lastros por onde passaram. Uma prova essencial da necessidade de se fazer lembrar, que é típica dos humanos, que não querem se perder, sem provar que existiram para as gerações sucessoras.

Partindo dessa análise temporal, extremamente ligada aos vestígios humanos e a alteridade, Reis (2006) diz que seria necessário recorrer a um terceiro tempo, como uma forma de mediação entre os dois tempos já existentes: o tempo físico e natural, e o tempo da consciência, que é individual e próprio de cada ser humano. Seria esse o tempo histórico, que chegaria representando a sucessão de gerações biologicamente e culturalmente.

Gerações que possuem afinidades, que participam de uma mesma memória, de uma mesma espera, mesmos distantes entre si quanto às suas datas. Ele identifica as gerações que valorizam a tradição, e as que inovam, interrompendo a tradição. Postando ali, no buraco do tempo, ele realiza a mediação, ele põe em diálogo, homens que nunca se encontraram, nunca se viram e se conheceram, mas repletos de dados e informações sobre sua própria experiência de vida para se oferecerem reciprocamente. (REIS, 2006, p.188).

Essa mediação é feita através de vestígios, dos arquivos, dos suportes materiais, entendidos como mensagens e fontes utilizadas no trabalho do historiador. Para este autor, o surgimento do calendário teria a função de narrar a vida humana e orientar as continuidades e as rupturas: “Com o calendário as sociedades se organizam, as gerações ganham uma posição em sua sucessão, os documentos são datados. Seria ele: a primeira ponte que a história lança sobre o abismo entre a natureza e a consciência.” (REIS, 2006, p.184-185). Do tempo físico, o calendário extrai a continuidade; do tempo da consciência ele extrai a irreversibilidade, a mudança, a memória. Ele relata um evento que é sucedido por outro evento, numa sucessão humana no tempo. O calendário numera essa repetição anual, numa sucessão de experiências humanas. É uma primeira ponte entre o vivido humano e o natural.

Para Paul Ricoeur (2010, p. 09) “O tempo se torna tempo humano na medida em

que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal.”

Em contraponto, Reinhart Koselleck (2006) entende que a compreensão sobre o tempo histórico não se resolveria somente pelo calendário. A datação ajuda a localizar o mundo histórico dentro de suas sucessões, mas existe a necessidade de conhecer o mundo humano. Esse tempo histórico estaria então associado às ações políticas, institucionais, concretas, realizadas por esses seres humanos, e ligado também aos seus vestígios. O autor traz a seguinte questão:

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então, as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casa; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. Por fim, que contemple a sucessão de gerações dentro da própria família, assim como no mundo do trabalho, lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe. Esse olhar em volta já é suficiente para que se perceba a impossibilidade de traduzir, de forma imediata, a universalidade de um tempo mensurável e natural – mesmo que esse tempo tenha uma história própria – para um conceito de tempo histórico. (KOSELLECK, 2006, p.14).

Na perspectiva de Reinhart Koselleck, para que haja compreensão sobre esse tempo histórico, é preciso relacioná-lo às ações humanas e ao seu cotidiano. O autor afirma que observando a diferença entre passado e futuro, ou seja, esse entrelaçamento entre campo de experiência e horizonte de espera seria possível apreender alguma coisa chamada de tempo histórico. Para Koselleck, o que interessa é a idade interna do homem e a relação que ele estabelece entre seu passado e seu futuro.

O tempo histórico tornou-se pensável por duas categorias principais: campo da experiência e o horizonte de espera. São categorias formais que tornam possível o conhecimento humano. São conceitos que constituem tanto a história vivida, quanto a história conhecimento. Sem essas categorias a história seria impensável. (REIS, 2006, p. 193).

Tratando-se das categorias do espaço de experiência e horizonte de expectativas, Koselleck traz essa relação onde as elas podem se alterar, se expandir dentro das sociedades,

modificando a maneira até mesmo de se pensar as relações dessas sociedades. Essas duas categorias estudadas por Koselleck estariam entrelaçando o futuro e o passado, complementando-se. O autor utiliza a metáfora dos *Estratos do tempo* para remeter a diversos planos, com diferentes durações, pois a história está relacionada também ao espaço. Tempo e espaço seriam categorias conjuntas que possibilitariam o acontecimento histórico.

Na compreensão de Koselleck, tempo histórico e tempo natural se influenciam e a história humana pode ser interpretada através dessa metáfora, onde os diferentes estratos estariam relacionados às experiências acumuladas pelos sujeitos. Teríamos um tempo transcendente, que perpassa a experiência dos indivíduos e das gerações. Como exemplo, o autor cita a reprodução biológica, o ato de concepção, de nascimento e de morte, “Que acolhe todas as histórias de amor e de ódio, todos os conflitos geracionais” (KOSELLECK, 2014, p.24) e que se repetem ultrapassando gerações. Eles já existiam e continuarão a existir pelas gerações seguintes.

Outro importante autor que descreveu sobre a complexidade do tempo histórico foi o francês François Hartog, em suas discussões sobre os *Regimes de historicidade*. O autor escreve sobre três modelos temporais bem nítidos para a compreensão das mudanças dos tempos históricos, bem como descreve suas características. Para Hartog (2008) existe uma grande diferença entre época e regime: época seria apenas um recorte no tempo linear, enquanto o regime organiza o passado em forma de estruturas. Hartog diz que: “Um regime não é uma entidade metafísica, que desce dos céus, mas antes um arcabouço durável, que é desafiável tão logo se torne predominante, ou simplesmente funcional”. (HARTOG, 2008, p.10).

O primeiro modelo descrito por Hartog via a história como mestra da vida, ou *Magistra Vitae*⁵, que tinha nos feitos do passado uma lição a ser vivenciada, ou afastada, para se chegar a um futuro exemplar. Nele o passado podia ser um perfeito modelo do que seria vivido no presente do que estava por vir no futuro. Fatores como o lugar ocupado pelas igrejas e instituições religiosas muito influenciáveis, bem como a formação das grandes monarquias contribuíram para dar vida longa ao modelo *Magistra Vitae* que perdurou até meados do século XVIII.

⁵ O termo *Magistra Vitae* faz referência ao período histórico onde a história fornecia normas gerais que serviam como fontes de exemplos de vida, de guia, de como deveria se atuar e que seriam colocados em prática no presente. Nas palavras de Rüsen: “Na *Magistra Vitae* a história dita as regras da vida humana, mediante a acumulação de experiência de vida, para além do horizonte de uma única vida”. (RÜSEN, 1996, p. 80). O exemplo é vinculador do passado ao futuro. Foi um modelo de Regime Histórico que perdurou do séc. IV a.C. até o séc. XVIII e sua dissolução ocorreu com o moderno conceito de História surgido na Alemanha, e na França, com a Revolução de 1789. Ver mais especificidades sobre este regime nas obras de François Hartog e de Reinhart Koselleck apresentadas na bibliografia desta pesquisa.

A partir da Revolução Francesa, de 1789, surge outro modelo, que Hartog chamou de *Regime Moderno de Historicidade*. A partir dessa Revolução o futuro entrava em cena e rompia com o antigo regime, permitindo o desdobramento de um questionamento do historiador sobre essas relações com o tempo. Surge a ideia de que o tempo deveria estar direcionado a um futuro, e que esse por sua vez, poderia ser idealizado ou contemplado, a partir de uma visão de progresso e de processo. A história vista como a preparação para um futuro, pois sua intenção era estabelecer um caminho, o melhor possível, para se chegar com êxito a esse futuro, vislumbrá-lo para alcançá-lo.

Mas, com um grande acontecimento político, econômico e social que foi a queda do muro de Berlim, na Alemanha, em 1989, que trouxe mudanças, antes não imaginadas pelas sociedades, como a total falta de previsibilidade sobre o futuro, houve a quebra do que Hartog chamava de Regime moderno de historicidade. Para o autor: “Então chegou 1989, inesperadamente marcando o fim efetivo da ideologia que sempre se apresentava como o fio de corte do modernismo ou do futurismo.” (HARTOG, 2008, p.17). Portanto, nesse modelo ficou claro que não era mais possível trabalhar com a ideia de um futuro direcionado. Várias vertentes se abriram, não havendo mais espaço para um direcionamento ao futuro. O próprio passado teria se tornado opaco, como também imprevisível, pois poderia ser ampliado, colocando-se novas questões para obtenção de outras respostas, que por muitas vezes poderiam ter sido interrompidas, evitadas, ou destruídas, e dependendo do contexto, poderiam vir à tona.

Inicia-se assim, um novo regime que Hartog denominou de *Presentismo*, pois essa crise que se abateu sobre o futuro, deixou a humanidade sem nenhuma imagem formada sobre ele. O próprio presente passou a ter uma imagem sobre si, como se já fosse futuro. Ocorreu uma aceleração temporal jamais imaginada, pois não dava para orientar o presente, nem deixava margem para se tentar interpretar o futuro. O autor exemplifica como se existisse uma brecha temporal. Não havia, naquele momento, como explicar o tempo histórico. Por isso, a ideia de um ‘presentismo’, não somente pela falta de projeção do futuro, mas, pelo desmantelamento dos instrumentos que poderiam dar essa previsão.

Portanto, até o começo dos anos 1980, existiam três linhas de pensamento que configuraram o tempo na história: a história mestra da vida, voltada para o passado, o regime moderno de historicidade, voltado para o futuro, e a história do tempo presente, ou presentismo, situada no hoje, aqui e agora. Referindo-se ao hoje, mais precisamente ao agora. Hartog diz que todos os três modelos se quebraram, não havendo mais como basear-se em nenhum deles. Nas suas palavras:

Escrever uma história dominada pelo ponto de vista do futuro, como uma teleologia, não é mais possível, restaurar a antiga *história magistra* poderia ser tentador, mas intelectualmente, e não intelectualmente, não muito satisfatório! E o presente mesmo, como acabamos de ver, não é um chão seguro. Assim o historiador não tem escolha a não ser edificar seu próprio ponto de vista tão explicitamente quanto possível. A abordagem comparativa parece-me oferecer uma resposta possível: tanto modesta que complexa. (HARTOG, 2008, p.18).

Essas colocações abrem a oportunidade de trabalhar a interpretação sobre os fatos históricos que desejamos entender no tempo, levando em conta a produção, ou adequação de conceitos que venham a contribuir com essa compreensão. É importante tentar compreender a humanidade no tempo presente e analisar como foram essas relações com o conhecimento do passado, de uma forma estrutural, pois as ações do homem no tempo estão diretamente ligadas às nossas vivências atuais e a nossa relação com esse tempo.

O estudo sobre as temporalidades amplia e aperfeiçoa nossa compreensão sobre a consciência histórica e coopera para um ensino de história voltado para essa reflexão sobre nossa relação com o tempo e com os demais sujeitos históricos que compõem a sociedade a nossa volta, como veremos adiante.

1.4.1 Abordagem sobre o tempo no ensino de História

“Não é de agora que o tempo está aqui, ele sempre esteve aqui.” (*Uma teoria da História*; Agnes Heller, 1993, p.395)

Nesse tópico abordamos como as definições sobre o tempo são muitas e necessárias para dar sentido ao ensino de história. Todas as reflexões feitas sobre o tempo vêm mostrar como ele é fundamental na apropriação do conhecimento humano. Segundo Luísa Rosati:

Não há como pensar a historiografia ou o ensino de História sem conferir historicidade à categoria tempo, refletindo sobre como a passagem do tempo é percebida pelas sociedades, mas também por historiadores e professores que produzem conhecimento histórico. (ROSATI, 2016, p. 12).

Essa reflexão deve perpassar por todo o ensino, por todas as modalidades educativas, pois o estudante deve se apoderar desse conceito e de sua compreensão para torná-

lo pensável dentro da categoria de conhecimento sobre ele mesmo, dentro do seu percurso histórico.

Segundo pesquisa realizada por Elza Nadai e Circe Bittencourt, uma das grandes dificuldades observadas por quem se dedica a ensinar história é a noção de tempo. As autoras afirmam que essa é uma das questões mais complexas e problemáticas, pois quando o professor informa algo sobre esse tema, geralmente é referente ao seu lado cronológico. Muitos alunos aprenderam que o tempo está associado a datas, a eventos, que simbolicamente estão presentes nessas datas, como se o tempo fosse algo uniforme, seja em qualquer período que ele faça referência. Até mesmo ao estudar o cotidiano, as questões mais simples, é necessário ter noção sobre o tempo histórico, compreendendo os acontecimentos breves, as médias e longas durações. Enfim, abrir as discussões sobre o tempo, pois este trabalho é inerente ao trabalho do professor. (NADAI; BITTENCOURT, 2002).

A autora Sônia Miranda também reflete sobre o: “Quão desafiadora é a tarefa de apresentar mecanismos disparadores que nos permitam refletir sobre o tempo.” (MIRANDA, 2013, p. 74). Para ela:

As conexões entre o passado e o presente seguem sendo para o tratamento da História escolar, um tema prioritário e desafiador, e ainda temos muito que avançar no tocante à compreensão acerca de como a apropriação do presente se manifesta como um elemento potente, e necessário, capaz de reorientar a escola em direção ao tratamento de questões socialmente relevantes, (MIRANDA, 2013, p.73).

Sônia Miranda diz ser necessário ensinar: “O desafio de educar a sensibilidade histórica, primariamente, educando o sentido da observação.” (MIRANDA, 2013, p. 60). Ao perceber sua própria história de vida e a forma como ele interage em sociedade, ao utilizar-se da linguagem, ao relacionar fatos aos tempos vividos, é possível relacionar o conceito de tempo ao estudo da história, e a utilizar-se da consciência histórica, bem como assimilar outros tantos conceitos que terão fundamento em sua aprendizagem.

A autora evoca o cuidado que devemos ter ao trabalhar com linha do tempo, como proposta metodológica, sendo necessário esclarecer que: “O tempo não é só linha, que a passagem do tempo representa não acúmulo, mas descontinuidades, decisões pelo apagamento, reinvenções, pautadas no arranjo envolvendo diferentes práticas sociais e históricas.” (MIRANDA, 2013, p. 61). Que seu trabalho deve envolver uma articulação histórica com: agrupamentos de eventos, processos de seleção de fatos históricos, ou pessoais, as noções de sucessão, simultaneidade, duração, a partir do hoje.

É preciso, pois, problematizar as temporalidades no tempo presente e a partir dele, tomando por referência o espaço imediato da vida. Algo tão trivial, contudo, tão ausente de nossos movimentos de formação docente, como se tal exercício de pensamento não fizesse parte do ofício do historiador. (MIRANDA, 2013, p. 63).

Na compreensão de Nilton Pereira (2018), vivemos uma temporalidade colonizada, adentrada no modelo europeu que determinou uma padronização de poder que acabou por enquadrar até mesmo o ensino sobre o tempo nas aulas de história. Quando este autor faz uma reflexão assertiva sobre a força que a colonialidade tem, inclusive, na forma de pensar o tempo, é possível pensar em formas de romper com o modo eurocêntrico de ensinar história. Esse conceito de colonialidade está ligado às relações de trabalho, de saber e de poder que foi fundamentado pelos europeus no seu domínio sobre novos territórios e na fundamentação da categoria de raças, que surgiu no colonialismo europeu dos séculos XV e XVI e se estendeu até os dias de hoje. Inclusive, como forma de controlar as verificações sobre o tempo, como se essa medida e esse controle fossem universais e naturais (PEREIRA, 2018). É necessário fazer o ensino de história ultrapassar essa barreira para que seja revista a forma de ensinar sobre o tempo na história.

É daí que nasce a compreensão do tempo, como elemento fundamental da consciência histórica. Nas palavras de Caroline Pacievitch: “É tarefa da consciência histórica criar formas de convivência entre os tempos (natural, humano, interno, externo) para que seja possível continuar movendo-se no tempo e preservando, na medida do possível o ‘eu’.” (PACIEVITCH, 2007, p.67).

Pedimos para que os estudantes colaboradores da pesquisa definissem em suas narrativas a sua percepção sobre a participação que o passado tem no tempo presente, observando se eles verificam existir uma necessidade da reflexão sobre essa temporalidade e sobre sua conexão com tempo presente.

Quadro 9 - Até que ponto o passado participa do presente? Respostas dos estudantes da Escola Barão de Exu

1. O passado tem ligação direta com o presente.	11. Não respondeu.
2. Na interferência da nossa vida, atos passados que até hoje nos prejudicam.	12. Até o ponto em que vivemos.
3. Até o ponto que aprendemos com o passado.	13. Não sei responder
4. Quando o passado faz parte do presente, as informações são usadas no presente.	14. Eles se interligam sempre em diversas formas diferentes.
5. Até o último nível.	15. Em todos os sentidos, até porque o que vivemos hoje é resultado de algum evento passado.

6. Sempre irá participar.	16. Participa até o ponto que precisamos aprender com os erros do passado para não cometermos novamente.
7. Não sei.	17. As políticas, as guerras, etc.
8. Acho que em uma escala de 0 a 10, 11. Todos os atos passados têm reflexo no presente, assim como terá no futuro.	18. Em certas atitudes que a sociedade faz que bem antes o povo antigo não fazia.
9. Até o ponto em que a pessoa começa a evoluir	19. Não sei explicar.
10. Em todo local, a qualquer hora, até se tornar futuro.	20. Muito.

Apesar de alguns estudantes não saberem responder, ou explicar o questionamento feito, a maioria deles percebem a participação do passado em suas reflexões apresentadas. Seja, através do uso de informações geradas pelo passado, pelas atitudes, ensinamentos trazidos por ele, seja pelos erros cometidos. De diferentes formas é possível a percepção da importância que uma reflexão sobre o passado pode trazer para os questionamentos debatidos no tempo presente, mesmo que essa resposta não fique tão clara para os estudantes, como percebemos.

**Quadro 10 - Até que ponto o passado participa do presente?
Respostas dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. Sempre, em todos os lugares, países, casas. Em qualquer lugar que fomos o passado está ali, presente, mesmo que não seja percebido, mas está.	16. Até o momento que as pessoas não se atentam em olhar para o passado de forma a compreender e mudar melhorar o futuro.
2. Não sei.	17. A cultura, o vocabulário do passado ainda utilizado no presente, a política.
3. Não sei.	18. Não sei
4. O passado está no nosso presente constantemente.	19. Até o ponto que sempre lembramos.
5. Sei lá, acho que muito.	20. Eu não sei.
6. Em todos os pontos, fatos passados estão sempre no cotidiano.	21. Não sei explicar
7. Não sei.	22. Não sei
8. Não sei dizer	23. Foi por meio do que já aconteceu que se formou o presente, recurso utilizado do passado que fazem o presente no mundo atual, conclui-se que o passado sempre estará no presente.
9. Penso que em tudo, pois quando estudamos os fatos automaticamente trazemos para o presente e comparando com os tempos.	24. Uma maneira de conhecermos as ações humanas na sociedade.
10. Participa em questões da violência que houve no passado, e que por incrível que pareça ainda hoje acontece, infelizmente.	25. Até o ponto que nós buscamos aprender sobre outras vidas, a cultura deles, etc.
11. Desde muito tempo.	26. Há muito tempo, se não fosse o passado não descobria a história.
12. Não sei	27. É o homem.
13. Não sei.	28. Nas lembranças
14. Uma continuidade do conhecimento histórico.	29. Não sei.
15. O passado participa de quase todas as coisas hoje em dia.	30. Não sei.

Dos estudantes da escola São Vicente 11, dentre os 30 participantes relataram não saber analisar a questão. Os demais relataram que o passado participa de suas reflexões, de seu cotidiano, nos ensina sobre outros tempos e outras vivências, como uma forma de mudar o futuro. Que ele está presente na cultura e na política, na análise sobre as violências, enfim, que o passado pode ser reconhecido como algo a ser pensado na sua relação com o tempo presente.

Peter Lee fundamenta essa percepção do passado com a vivência do presente ao dizer que: “A fronteira fixada entre o passado e o presente é ilusória: muito do nosso pensamento sobre o presente e o futuro, inconscientemente, se refere ao passado.” (LEE, 2016, p. 129). Ao obtermos essa noção e derrubarmos essa fronteira, e se: “Entendemos o que veio acontecendo do passado, então, o presente longe de ser cortado, a partir do que o precedeu, junta-se a ele” (LEE, 2016, p. 129). Com relação à aprendizagem sobre a abordagem do passado de diferentes maneiras, para atingir o objetivo proposto de seu conhecimento, Peter Lee defende que:

Se os nossos alunos aprendem a abordar o passado historicamente, eles terão disponível a possibilidade, não só de se apegar ou de abandonar suas lealdades, tradições e fidelidades sociais ou políticas, mas de vê-las sob uma luz diferente. A Educação Histórica não deve apenas confirmar formas de pensar que os alunos já têm: ela deve desenvolver e expandir seu aparato conceitual, ajudar os alunos a verem a importância das formas de argumentação e conhecimento e assim permitir que decidam sobre a importância das disposições que fazem essas normas atuantes. Ela deve desenvolver um determinado tipo de consciência histórica- uma forma de literacia histórica- tornando possível ao aluno experimentar diferentes maneiras de abordar o passado (incluindo a história), incluindo a si mesmo como objeto de investigação histórica. (LEE, 2016, p.140).

De acordo com Lee (2006), se os estudantes são capazes de se orientarem no tempo, eles terão que estarem equipados com uma compreensão do que seja a disciplina história e com uma estrutura utilizável sobre o passado, ligada ao seu letramento histórico. Para o autor: “Os alunos que nunca vão além das concepções do senso comum da história acharão mais fácil aceitar versões prontas do passado, ou alternativamente rejeitar todo o empreendimento como inerentemente fraudulento.” (LEE, 2006, p. 145).

Segundo Daniel Medeiros (2005), ao estudar história nas escolas, se espera desses estudantes que a aprendizagem sobre o passado os ajude a se orientarem no tempo, trazendo a percepção temporal para uma dimensão de vivência real, onde existe a possibilidade de relacionar sua vida com esse estudo. A partir daí, dessa orientação, eles teriam desenvolvido a

consciência histórica.

Desse modo, quando se trabalha em sala de aula o conhecimento sobre esses conceitos, os estudantes passam a reconhecer o entrelaçamento entre as temporalidades, percebendo seu pertencimento a esse tempo, bem como a ligação de outros tempos com o seu presente. Os fatos que eles observam no seu convívio diário com outras pessoas são expostos através de suas narrativas, e também percebem que essas outras pessoas participam de um contexto histórico semelhante, desempenhando cada um, uma importante função para o bom andamento das relações humanas na vida em sociedade.

Então, percebemos uma ligação profunda e necessária entre consciência histórica, percepção temporal e narrativa histórica, esses conceitos, quando bem evidenciados e conhecidos pelos estudantes possibilitam seu reconhecimento identitário e sua compreensão como sujeito histórico.

Da mesma forma que buscamos conhecer a percepção dos estudantes sobre o passado, buscamos perceber a compreensão que eles têm sobre o futuro, observando o que nos diz Peter Lee, quando se refere ao letramento histórico: a capacidade do estudante fazer projeções de futuro (LEE, 2006). Foi sugerida uma projeção temporal de 30 anos.

Quadro 11 - Como você se imagina daqui a trinta anos? Respostas dos estudantes da Escola Barão de Exu

1. Uma carreira profissional própria e muito viajada.	11. Casada, com um bom emprego, moradia própria, reconhecida na minha região por ser uma ótima profissional.
2. Vida financeira estável, emprego fixo, família estável.	12. Formada, exercendo a minha profissão e sendo totalmente independente.
3. Morando fora do Brasil, com o trabalho dos meus sonhos e dois filhos adotados, com saúde mental equilibrada.	13. Bem estabilizada.
4. Não sei, não penso muito no futuro.	14. Bem de vida, ganhando meu dinheiro todo mês e curtindo um pouco mais a vida.
5. Não consigo imaginar nada.	15. Formada em um ensino superior, com um bom emprego e uma boa renda.
6. Formado, com uma vida financeira estável, com a família.	16. Casado, com uma renda fixa e com dois filhos, vivendo bem e saudável.
7. Trabalhando.	17. Bem de vida, trabalhando, com uma vida boa, casado e só um filho.
8. Formada. Trabalhando com gosto e ajudando minha família.	18. Não sei ainda, mas daqui para lá quero está com alguns dos meus objetivos alcançados.
9. Nessa idade eu imagino que eu possa está estável com tudo, ou quase tudo que eu quero para mim.	19. Com trabalho e uma família formada.
10. Vivo, com uma sustentabilidade financeira, casa e carros próprios, família.	20. Com 47 anos.

Apenas 02 estudantes relataram não pensar sobre o futuro, os demais trazem junto a si, a ideia de trabalho, de formação de família, de realização de projetos, o que demonstra

que a perspectiva de futuro faz parte da organização humana ao refletir sobre as temporalidades, mostrando ser mais fácil uma construção mental de futuro.

**Quadro 12 - Como você se imagina daqui a trinta anos?
Respostas dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. Com uma boa condição financeira e morando fora do país.	16. Formado, trabalhando na área que me traz satisfação, tendo construído uma família.
2. Melhor na vida.	17. Bem estabilizada, com casa, com uma família e um bom emprego.
3. Rico	18. Trabalhando, fazendo curso e etc.
4. Na imaginação é tudo tão bom e diferente, mas, me imagino bem focada e centralizada nas coisas que sempre fui.	19. Não sei se vou chegar a tudo isso, mas pretendo está bem e dar um futuro bom a minha família.
5. Nunca me imaginei.	20. Ter um filho criado, ter um bom trabalho para mim, uma vida estável para mim e meu filho.
6. Casada, com vida e emprego estáveis, linda, rica e viajando o mundo.	21. Com um bom emprego, concursada, ter minha própria casa.
7. Não sei.	22. Com uma família completa.
8. Com saúde, felicidade e uma família.	23. Com um emprego fixo e meu próprio negócio.
9. Uma pessoa com mais experiência e com responsabilidade, como também mais realizada.	24. Eu me imagino trabalhando em um hospital, como enfermeira.
10. Eu espero estar empregada para ter condições de fazer cursos e quero conseguir muitas coisas através de meu próprio esforço.	25. Espero que trabalhando muito, ajudando minha família. Ter minha casa própria e ser um grande 'ensinador' da palavra de Deus.
11. Empregada, casa própria e com vida mais digna	26. Com um bom trabalho. Só isso.
12. Bem de vida, mas não faço planos para nada.	27. (Resposta inapropriada).
13. Cursando algo.	28. Espero ter concluído a faculdade e ter um bom trabalho.
14. Com meu próprio trabalho e conseguir minha casa.	29. Velha
15. Eu me imagino uma pessoa muito estável, com muitas responsabilidades nos meus obstáculos.	30. Eu me imagino trabalhando em minha própria casa e realizar todos os meus objetivos.

Nesses relatos acima, também percebemos que são poucos os que ainda não conseguem se projetar frente ao futuro. A maioria deles esclareceu que pretendem trabalhar, formar famílias, melhorar o padrão de vida. Alguns respondem de forma vaga e imprecisa, mas, percebendo que é possível ter uma dimensão temporal reconhecida como futuro.

Evidenciamos que compreender o conceito de tempo, observando as diferentes percepções que se pode ter sobre ele, e sobre as noções de temporalidades, permanências, rupturas, sincronias e diacronias, é entender que esse movimento temporal é necessário ao conhecimento da vida, esclarecendo sobre as ações vividas pelo ser humano nesses tempos, nos conectando a essa ciência. É compreender o quanto o outro também tem um papel relevante na produção da história de cada um.

O ser humano é este ser sociável e complexo. Através de sua narrativa, que detalharemos no tópico abaixo, ele é capaz de se fazer permanecer em sua própria história, deixando seus vestígios mergulhados no tempo e na história, para não deixar de ser.

1.5 A Narrativa como constituinte da consciência histórica

“É a ação humana que a narrativa imita, é uma história real que a narrativa narra.” (José Carlos Reis, 2006)

O autor José Carlos Reis relata que a narrativa é uma forma dos seres humanos contarem suas histórias. Vivemos diante de um tempo muito limitado, muito veloz. Quase não se tem mais tempo de narrar. Segundo Walter Benjamin (1994), toda narrativa tem em sua forma latente uma dimensão utilitária. Mas, essa experiência de narrar está cada vez mais rara. Para Benjamin, isso acontece porque a arte de narrar está definindo, devido à sabedoria está em extinção. Nem mesmo as notícias diárias que acompanhamos nas mídias estão a serviço da narrativa, pois, já vêm acompanhadas de suas explicações. De acordo com este autor, informação é diferente de narrativa. Informação só serve enquanto nova. Já a narrativa: “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças, e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIM, 1994, p. 203). Está impressa na narrativa a marca do seu narrador, e quem a ler partilha de sua companhia também.

Segundo Jörn Rüsen (2001), a narrativa histórica funciona como um meio de construção da identidade humana, sendo esta capaz de tornar: “Presente o passado, sempre em uma consciência de tempo na qual passado, presente e futuro formam uma unidade integrada, mediante a qual justamente constitui-se a consciência histórica.” (RÜSEN, 2001, p. 65). Nas palavras de Rüsen (2001), percebemos que a narrativa histórica é um elemento constituinte da consciência histórica, pois narrar, rememorar, traz orientação ao agir, e a função de orientação desempenhada pela consciência histórica se dá através da narração. Para o autor, narrar, seria:

Uma prática cultural de interpretação do tempo antropológicamente universal. A plenitude do passado, cujo, torna-se presente se deve a uma atividade intelectual a que chamamos de história, pode ser chamada categoricamente como narrativa. A história, como passado, tornado presente, assume, por princípio, a forma de uma narrativa. O pensamento histórico obedece, pois igualmente por princípio, à lógica da narrativa histórica. (RÜSEN, 2001, p. 149).

A narrativa que caracteriza a consciência histórica organiza procedimentos que dão sentido ao passado, gerando uma orientação temporal que é utilizada no tempo presente. (RÜSEN, 1992).

Marília Gago percebe a narrativa histórica como um produto do fazer histórico, enlaçada na consciência histórica, pois ela faz uma síntese entre as três dimensões temporais.

Na compreensão da autora:

A consciência expressa a si própria, narrativamente nas representações do passado. Estas representações não aparecem isoladas como um discurso objetivo, mas também, através das imagens concretas como símbolos ou monumentos. Narrar é uma operação cognitiva que dá sentido atendendo a uma ética orientadora do agir e que pode ajudar na superação do sofrimento. Existe a conjugação do empírico, do normativo e do emocional numa lógica de construção de significado(s) e sentido(s) de todo humano. A narração permite a interpretação de si e do mundo em contra ação com a contingência do ser humano, que tem necessariamente de se confrontar com a temporalidade do ser humano e a sua incontornável finitude. (GAGO, 2016, p.78).

Narração gera a compreensão de si mesmo e do que está a sua volta. Vimos na tese de Paul Ricoeur (2010) que é a narrativa que torna acessível à experiência humana do tempo, e o tempo, por sua vez, se torna humano através da narrativa. O mundo que se expõe através de uma obra narrativa é sempre um mundo temporal, e a própria experiência humana segue um caráter temporal, pois existe essa vinculação entre os tempos e os homens.

Essa narrativa histórica, não advém de uma mera lembrança, embora ela mantenha uma relação determinante com a experiência do tempo e sirva de orientação existencial para a vida do homem. Ao falar sobre a lembrança, Jöel Candau (2019) diz que ela não contém em si a consciência, mas a evidência, e se manifesta nas experiências do presente que trazem a dimensão do passado. Para Candau:

As falhas da memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo, por demandas do futuro. (CANDAU, 2019, p. 63).

A consciência histórica não é uma simples memória, ou lembrança porque ela necessariamente tem que trazer uma correlação entre os tempos, de forma explícita no presente, que serve de estrutura entre esses tempos, representando as mudanças de forma contínua, onde as experiências entre essas temporalidades geram uma perspectiva de futuro.

Utilizando-nos dessa prática tão necessária e rara nos dias atuais, que é a narrativa, pedimos para que os estudantes relatassem suas considerações sobre a ciência histórica em suas vidas.

**Quadro 13 - A história é uma ciência importante para a sua vida?
Narrativa dos estudantes da Escola Barão de Exu**

1. Sim	11. Sim, para aprendermos com os erros cometidos no passado.
2. Sim, para ajudar a conhecer nossos antepassados e reconhecer o quanto evoluímos.	12. Sim, é através dela que posso conhecer o passado e conseguir vivenciar o presente.
3. Sim, pois conhecemos o nosso passado e não cometer os mesmos erros que ele.	13. Sim, nos dar conhecimento sobre os acontecimentos antigos.
4. Sim, aprender sobre o passado.	14. Sim, porque nos mostra a evolução dos povos.
5. Sim, para o conhecimento das coisas que aconteceu.	15. Sim, porque é por meio dela que compreendemos as sociedades passadas e a origem de muitas coisas importantes.
6. Não, porque não utilizo muito meus conhecimentos sobre a matéria	16. Sim, precisamos aprender cada vez mais sobre a história, pois nela pode conter respostas para muitas perguntas.
7. Não, não faz diferença em minha vida.	17. Sim, pois aprendemos várias coisas com ela.
8. Sim, preciso entender meu passado para compreender meu futuro.	18. Sim, porque quando vamos fazer algo me lembro como eles faziam aquilo antes.
9. Sim, porque sem a história nós não saberíamos do nosso passado.	19. Não, não utilizo.
10. Sim, por saber de atos do passado que influenciam no presente.	20. Sim, porque é conhecimento.

Destacamos que 03 estudantes disseram não considerar a história como uma ciência que tem importância para sua vida. Os demais estudantes da Escola Barão de Exu associam o conhecimento da história como importante porque traz o conhecimento sobre o passado, sobre a aprendizagem histórica, solucionam com respostas algumas de suas perguntas, sobre erros cometidos, ou trazendo conhecimento.

**Quadro 14 - A história é uma ciência importante para a sua vida?
Narrativa dos estudantes da Escola São Vicente de Paula**

1. Sim, como eu gosto muito de história, a todo momento estou citando fatos históricos, eu gosto muito.	16. Sim, porque nos ensina o passado para compreender o futuro.
2. Sim, porque ajuda a entender como tudo começou.	17. Sim, porque adquirimos conhecimento e permite compreender fatos da nossa vida.
3. Sim	18. Porque tem muitas histórias.
4. Sim, porque passamos a entender e a compreender muito.	19. Sim, procuro saber de onde vim.
5. Sim, porque eu posso saber o que posso aprender.	20. Sim, mostra a história para o mundo.
6. Sim.	21. Sim, não sei explicar.
7. Sim, é importante para ter conhecimento e não repetir os erros.	22. Sim, vai nos ajudar com as nossas vidas.
8. Sim	23. Sim, por meio dela utilizo recursos importantes.
9. Com ela eu pesquiso os vários meios e viajo no tempo.	24. Sim, para nos ensinar como ter uma vida mais facilitada.
10. Porque adquiro informações que eu acho importante.	25. Sim, eu aprendo sobre a vida das pessoas que viveram isso.
11. Sim	26. Sim, aprendo muito sobre a história
12. Porque conta a história do passado.	27. Sim, quando alguém morre vira história.
13. Sim, a história antiga	28. Sim.
14. Sim, porque mostra muito a realidade.	29. Sim. Seres humanos

15. Sim, porque estudamos tudo sobre antigamente.

30. Sim. É importante para a nossa vida.
--

Os estudantes da Escola São Vicente de Paula reconhecem a importância da história, de forma que ela pode ensinar sobre a própria vida, pessoas, acontecimentos, fatos passados, dentre outros ensinamentos. Essa reflexão, envolta no que chamamos de consciência histórica, abarcada por seus elementos de temporalidade e de narrativa contribui para que os estudantes se percebam como uma pequena parte, nesse todo envolvente que é a história.

Concluindo nossa discussão, em consonância com as narrativas dos estudantes, percebemos o quanto a aula de história se relaciona com esse debate. É preciso trazer esse contexto de discussões teóricas e conceituais para a sala de aula. Existe claramente a necessidade de uma análise sobre as discussões feitas em sala de aula para verificação da aprendizagem e para ampliação dos letramentos históricos e a colocação em prática do uso das consciências históricas dos estudantes.

A narrativa ampla, a discussão sobre o tempo, o uso da consciência histórica entre os estudantes traria para a aula de história o que Nilton Pereira chama de espaço para os “não dados” da imaginação (PEREIRA, 2018). O autor sugere que em uma aula, a narrativa histórica não deve gerar um encarceramento, pois o intervalo entre essas narrativas, fruto de uma hesitação diante do presente: “É a dimensão ética do ensino de História.” (PEREIRA, 2018 p. 31).

É necessário para o professor, na sua relação de ensino em sala de aula, conhecer as narrativas e letramentos históricos dos estudantes, ampliar o espaço de significações dos conceitos históricos trazidos por eles, ou fazer estudo de novos conceitos. Essas ações abrem um espaço mais amplo para uma melhor aprendizagem e gosto pela história. No entanto, se faz necessário ouvir os professores também, para uma melhor compreensão dessa complexidade que é ensinar e aprender história na atualidade.

CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DOS PROFESSORES E OS PROFESSORES NA HISTÓRIA

“De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história.” (Michel de Certeau, 2002).

Michel de Certeau perguntou certa vez: “O que fabrica o historiador quando faz história?” (CERTEAU, 2002, p. 65). E muito contribuiu através de sua “Operação Historiográfica” ao nos dizer que nosso lugar de fala é uma marca indelével nessa fabricação da história, pois é ele quem molda o formato do nosso trabalho e aos poucos direciona os métodos de pesquisa aplicados ao mesmo. Adquirimos então, a compreensão da história a partir desse lugar, aplicamos seus procedimentos de análise e colocamos em prática nosso trabalho, tentando, a partir daí, construirmos um texto, que por sua vez, procura ser coerente com os resultados do trabalho e do que espera ser pesquisado por seu fabricante.

Para Certeau (2002), a fabricação que sai deste trabalho, por mais que seja um objeto de estudo já conhecido por alguns, traz sempre algo novo, pois mexe com outros cenários, outras narrativas e outras culturas. A fonte de pesquisa é retirada do lugar que estava guardada e é ressignificada através de outra construção textual. Existe sempre uma transformação feita no trabalho fabricado pelo historiador. Como nos disse Michel de Certeau (2002), o historiador aprendeu a trabalhar nas margens e na racionalidade, não imagina mais ser possível construir um império global. Seu lugar vai produzindo esta história. É preciso combinar esse lugar, com suas práticas de pesquisa e chegar a uma escrita que venha a responder sobre o objeto fabricado pelo historiador: a história e seu contexto.

José Carlos Reis (2006) concorda com o posicionamento de Certeau, quando ele se refere a esse estudo não global, pois, segundo o autor, o historiador tem essa consciência que o conhecimento produzido por ele é limitado, parcial e obviamente temporal, pois os homens se expressam no seu tempo. Para Reis: “Ele e seu objeto são históricos, temporais, o que torna impossível um olhar global e absoluto.” (REIS, 2006, p. 165). Mas, tem na produção do historiador a esperança de estar projetando algo útil para a construção da humanidade. (REIS, 2006).

E assim, ao adentrarmos no universo da pesquisa estamos a fabricar histórias e conhecer outras, sendo elas humanas e conscientes de suas limitações, do seu lugar de fala e de suas diferentes possibilidades.

Neste capítulo pretende-se conhecer a relação dos professores com a história, sendo ela sua própria história de vida, relacionadas a algumas lembranças, resgatadas, no intuito de levá-los a um mergulho de volta às memórias que perpassam a construção de suas consciências históricas, através de um sentido histórico próprio, revelados em suas narrativas. O capítulo também abrange a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, destacando seu lócus e o perfil dos professores colaboradores.

Teremos, em um segundo momento, através das narrativas dos professores, uma análise sobre a história, como disciplina de ensino, relacionada à sua prática pedagógica e profissional. Outro ponto que se propôs conhecer através dessa pesquisa com eles, diz respeito ao conhecimento histórico voltado às suas formações, sobre aspectos trabalhados com a parte teórica da disciplina história. Detalhamos suas percepções de consciência histórica, as formas de analisar o passado e suas compreensões sobre as temporalidades. Conhecemos suas práticas didáticas e a percepção que cada um tem da aprendizagem dos estudantes, destacando o interesse pelo estudo e as dificuldades encontradas nesse processo educacional diário.

2.1 A abordagem metodológica

A linha de pesquisa escolhida: Saberes históricos no espaço escolar era uma entre as três possibilidades ofertadas para este mestrado profissional, em rede nacional PROFHISTÓRIA. Objetiva desenvolver pesquisas que adentrem o processo de ensino-aprendizagem em um ambiente de pesquisa específico que é a escola. Analisando o exercício do ensino de história por parte dos docentes e da aprendizagem assimilada por parte dos estudantes. Essa linha de pesquisa visa analisar as formações tanto do estudante, como dos professores com relação ao ensino de história.

Inicialmente desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica qualitativa que nos serviu como um primeiro passo, de aporte teórico e de conhecimento sobre a temática, servindo de base para verificação das narrativas dos participantes da pesquisa, como visto no capítulo I.

Foi dada a devida importância à teoria da história, para a compreensão do conceito de consciência histórica, levando-nos a entender o que foi colocado por Certeau (2002), que não se pode chegar a uma prática sem uma teoria, pois se assim o fosse, desembocaria: “Mais dia, menos dia, no dogmatismo de valores eternos ou na apologia do intemporal.” (CERTEAU, 2002, p. 65).

Em seus estudos sobre teoria e pesquisa histórica, José Carlos Reis diz que estes termos: teoria e pesquisa histórica estão associados, imbricados, e, que remetem um ao outro, apesar de certas tensões existentes entre eles. Para o autor:

A pesquisa histórica mantém com a teoria da história uma relação de fecunda tensão: por um lado toma-a como diferenciadora do seu olhar, por outro, nega-a, para sustentar que o vivido é sempre novo e alheio a toda teoria. A teoria também mantém com a pesquisa uma relação igualmente fecunda e tensa: quer se impor sobre a documentação e sistematizar a experiência vivida, mas aceita a pluralidade de perspectivas possíveis e considera necessária e desejável a resistência do vivido às suas orientações. Dessa resistência depende a sua renovação, a criação de novas interpretações. Portanto, a relação entre teoria histórica e experiência vivida é tensa, uma relação ao mesmo tempo de aceitação e de recusas recíprocas. Não há pesquisa histórica empírica sem o apoio implícito ou explícito da teoria e a teoria é estéril sem a pesquisa histórica. Uma se articula com a outra e se constituem reciprocamente. (REIS, 2006. p.07).

Com essa consideração sobre teoria e pesquisa, Reis (2006) explica que existe a relação de consideração da pesquisa como algo novo e diferenciado por cada vivência, e, que apesar das tensões verificadas entre a teoria e a pesquisa existem a realização e a renovação das interpretações trazidas pelas pesquisas, geradas pela reciprocidade com a teoria. Para José Carlos Reis (2006) temos necessidade de teoria da história porque ela ajuda a estruturar a subjetividade do historiador, o levando a compreender o porquê dos fatos e de suas fontes históricas. E que é importante para o historiador raciocinar sobre os fatos, buscando sua inteligibilidade e atribuindo sentido aos mesmos, considerando os caminhos possíveis, e as alternativas ofertadas por eles, lhes atribuindo um sentido histórico. O conhecimento histórico, na perspectiva do autor (Reis, 2006) passa a ser uma reflexão sobre a vivência do homem no tempo. Esse conhecimento, por sua vez, aproxima esses homens no tempo, e se estrutura a partir de um diálogo. O presente e o passado estão lá, representados nesse diálogo, gerando trocas de ideias e de reflexões sobre o que é vivido.

Segundo Jörn Rüsen (2001) a teoria da história se faz necessária para ajudar na contribuição e compreensão dos estudos históricos, na coordenação do conhecimento sobre as disciplinas, servindo também de motivação para solucionar problemas relacionados ao subjetivismo, diante do objetivismo do pensamento histórico científico. Auxilia a nossa capacidade de compreensão e a busca de solução para os questionamentos feitos no nosso cotidiano. Sem a teoria da história não seria possível achar uma solução, ou conciliação para os trabalhos científicos, pois seu papel é fundamentar essas pesquisas e dar propriedade de conhecimento ao pesquisador.

Na perspectiva de Jörn Rüsen (2001) a teoria da história ajuda na compreensão dos fatores do conhecimento histórico que delimitam a pesquisa, mostrando que esse processo é dinâmico e tem como objeto o que o autor chama de Matriz disciplinar⁶ (Rüsen, 2001) que seria o: “Conjunto de fatores, ou princípios do pensamento histórico determinante da ciência da história, como disciplina especializada.” (RÜSEN, 2001, p. 30). O ponto de partida para esse conhecimento seria as carências nossas, relacionadas à orientação no tempo, e, a partir dela, constituiríamos a ciência histórica, que assim, estaria integrada com a vida prática. O autor diz que:

A teoria lança, por conseguinte, uma ponte – mesmo se construída de material um tanto rarefeito da reflexão sobre os princípios – entre o estudo e a profissão, sobretudo nos pontos em que a vida profissional parece ficar longe da prática científica. (RÜSEN, 2001, p. 42).

O que lembra e remete muito bem o trabalho do professor da Educação Básica, quase sempre sem tempo, pelas inúmeras aulas em seu horário semanal de trabalho, e muitas vezes sem nenhum estímulo para adentrar no universo da pesquisa, preso em suas ferramentas didáticas limitadas. Mesmo assim, vemos naqueles que se esforçam dentro desse ambiente restrito de estudo, a necessidade de se utilizar da teoria para se ampliar o seu próprio conhecimento histórico e colocá-los em ação na prática educativa.

Para Agnes Heller (1993), a teoria da história não vem prometer a realização dos sonhos, pois as promessas que nos chegam nela incrustada não estão postas na história e sim, nos atos humanos que se compreendem a si mesmos em termos históricos, sendo eles sustentados pela sua própria historicidade. Para a autora: “Quanto mais importante e

⁶ A matriz disciplinar de Jörn Rüsen se baseia em princípios relacionados ao estudo sobre a consciência histórica, sendo eles numerados em cinco: 1º- INTERESSES: onde o movimento inicial da consciência em direção ao passado serve para interpretar os desafios da realidade presente, seria as carências humanas de orientação o agir. 2º- As IDEIAS, onde o passado seria experimentado e o conjunto de ideias do presente organiza os dados e informações sobre o passado, constituindo uma orientação para o agir, dando organicidade e significado aos dados 3º- O MÉTODO, as regras que orientam a pesquisa, existe a necessidade de submissão dessas ideias e das experiências à ciência que qualifica a relação entre o homem que age motivado pelas suas carências de orientação e os dados que ele consegue recuperar do passado. 4º- Seriam as formas de APRESENTAÇÃO desse conhecimento ao público através da narrativa e da historiografia. O 5º- A função de ORIENTAÇÃO, onde o conhecimento deve retornar como orientação para a sociedade satisfazendo àquelas carências iniciais de orientação. Segundo Barom (2017), Rüsen vê as carências de orientação verificadas no tempo presente como definitivas para o despertar de nosso interesse cognitivo com relação ao passado, reclamando, por sua vez o pensamento histórico que nos fornece consciência histórica e nos serve de orientação na vida prática. Segundo Barom: “Esse passado reivindicado pelo presente se torna história na medida em que é uma interpretação, uma reflexão específica sobre o passado e que atribui sentido à vida humana.” (Barom, 2017, p. 164). Ver mais em Barom, Willian Carlos Cipriano. Os principais conceitos da teoria da história de Jörn Rüsen: uma proposta didática de síntese. In: **Albuquerque Revista de História**, vol. 09, nº 18, jul-dez. de 2017. E em Rüsen, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência da História. Brasília, UNB, 2001.

significativa for a história, mas ela envolve o nosso agora e a nossa conjuntividade.” (HELLER, 1993, p. 73).

Temos como base, uma pesquisa explicativa, já que se procura conhecer fatores relacionados à aprendizagem histórica e as formas de como ela acontece no ambiente de pesquisa, procurando esclarecê-los, utilizando-se do método qualitativo e das narrativas orais de professores e estudantes, voltados a uma investigação perceptiva, ligada à subjetividade do sujeito, referendados na sua prática social e escolar.

Segundo Cecília de Souza Minayo, (2012, p. 21), esse tipo de método de pesquisa: “Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Dados estes, que dificilmente poderiam ser colocados, de forma reduzida somente em números, porque envolve aspirações, intenções e compreensões subjetivas. De acordo com a autora:

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro, porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade. (MINAYO, 2012, p.17).

No que se refere à metodologia, essa dissertação se apoiou na perspectiva da história oral. A introdução da História oral em estudos históricos no Brasil se deu por volta dos anos 70, ganhando expressão mais forte a partir dos anos 90, e, mais notoriedade ainda com a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994.

Para Marieta de Moraes Ferreira (2002), a história oral, como uma metodologia de pesquisa, serve como um importante instrumento de compreensão para construirmos estratégias de ação e de representações dos diversos indivíduos de uma determinada sociedade. Percebemos a importância da história oral para construção de um registro de história de vida, ou de experiências vivenciadas, como forma de partilhar com os demais membros de uma sociedade o seu vivido, a sua história, tornando-a pública.

No entendimento de Júlia Matos e Adriana Senna, a história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico: “Reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem serem ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas.” (MATOS e SENNA, 2011, p. 107).

Possuindo uma proximidade muito grande com o presente, pois ela depende do relato dos indivíduos vivos que participaram das pesquisas.

Na compreensão de Alessandro Portelli (1997) nenhuma outra fonte de pesquisa possui uma medida igual em relação à subjetividade do expositor quanto à história oral. Ela não unifica os sujeitos, pois é contada por uma multiplicidade de pontos de vista, tendo como resultado o produto de ambos, narrador e pesquisador, exigindo a arte da escuta. Segundo o autor:

As fontes orais não são os achados do historiador, mas, construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação. Trata-se então, de uma fonte relacional, em que sua comunicação vem sob a forma de troca de olhar (entre/vista), de perguntas e respostas, não necessariamente em uma só direção. (PORTELLI, 2017, p. 183).

Para Samanta Castelo Branco, é possível, a partir da escuta dos relatos, que sejam construídos diversos tipos de conhecimentos, e: “A produção de conhecimento requer que essa relação se defina em medida ajustada, que afasta qualquer possibilidade de ocupação, por parte do entrevistador, de uma posição de superioridade.” (BRANCO, 2020, p. 20)

Compreende-se assim, que esse método de pesquisa histórica, a modalidade de história oral, colaborou para uma melhor definição da realidade em voga pesquisada, principalmente nessa análise de como conceitos teóricos relacionados à consciência histórica são trabalhados no campo da pesquisa e na valorização das vozes dos sujeitos pesquisados.

O uso da história oral permitiu que obtivéssemos dados importantes da vivência e da memória dos entrevistados, pois a percebemos como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir os relatos e os conhecimentos dos sujeitos que não estão inclusos na história oficial e inseri-los dentro dela. Fazendo com que suas vozes, suas opiniões, seus pensamentos sejam ouvidos, respeitando suas trajetórias profissionais e pessoais, relacionando-as ao contexto social e profissional na qual a pesquisa é realizada.

Para Júlia Matos e Adriana Senna (2011, p. 96) “A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos.” Para essas autoras:

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. (MATOS, SENNA, 2011, p. 97).

Utilizamos a técnica de entrevistas com professores participantes da pesquisa. Na perspectiva de Samanta Castelo Branco:

As entrevistas da História Oral podem ser entendidas como técnicas de coleta de informações que, ao serem transcritas, constituem importantes fontes para a compreensão de temáticas e objetos de estudo, especialmente se combinadas com outras fontes, a exemplo de documentos escritos, materiais e sonoros. Tais entrevistas são realizadas a partir da iniciativa do pesquisador, que procura o entrevistado para tal fim. A relação entre pesquisador e entrevistado merece especial atenção quando da opção pela História Oral. (BRANCO, 2020, p. 19-20)

A entrevista ao mesmo tempo em que possibilita o compartilhar de experiências e a aproximação entre o pesquisado e o pesquisador, mostra que eles têm interesses diferentes, pois o pesquisador tem interesse em ouvir e registrar a narrativa, de acordo com seu objeto de estudo e de pesquisa, aprendendo sobre ela, enquanto o entrevistado tem a pretensão de narrar o que há de mais significativo para ele e que merece ser estudado e conhecido. Na perspectiva de Otávio Cruz Neto, a entrevista:

É o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (CRUZ NETO, 2012, p. 51).

Houve a preocupação no início das entrevistas com o conhecimento subjetivo dos sujeitos pesquisados, colaborando na compreensão do conhecimento de sua história de vida, de suas lembranças pessoais, de sua introdução ao seu mundo social, para depois adentrar no seu espaço formativo profissional e na sua prática educacional diária enquanto professor de história da Educação Básica. Segundo Otávio Cruz Neto, com relação à história de vida:

Para muitas pesquisas a história de vida tem tudo para ser o ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela, geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confidências. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência, ou sobre determinado fato. Esse fato fornece um material extremamente rico para análise do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva, a partir da visão individual. (CRUZ NETO, 2012, p. 59).

Esse tipo de entrevista que perpassa o objeto de pesquisa, acaba por demonstrar que a história de vida do sujeito esclarece muito sobre suas escolhas, suas trajetórias, ampliando ainda mais o conhecimento almejado pelo pesquisador. Na verdade, ela amplia a noção de profundidade da pesquisa, pois gera segundo CRUZ NETO (2012), um diálogo muito mais intenso entre o pesquisador e o pesquisado.

Janaína Amado (1997) chama a atenção para a dimensão ética que perpassa pelo trabalho com história oral. A autora diz que os historiadores estavam habituados a conversarem com os mortos e hoje dialogam com os vivos através da história oral, e essa dimensão ética requer de nós, historiadores, uma grande responsabilidade e compromisso. Essas pesquisas com entrevistas nos trazem numerosas revelações e até mesmo um maior conhecimento sobre o lado pessoal e sobre as narrativas e lembranças que fazem parte da vida dos entrevistados. Corroborando com a temática, Luís Fernando Cerri (2011) nos fala que:

A entrevista permite que se adicionem questões ou outras estratégias que permitam que o depoente produza um tipo especial de narrativa: os relatos sobre a própria experiência de vida e a elaboração de interpretações do tempo que são inerentes a eles. Ela analisa como cada sujeito significa o tempo e o seu tempo. (CERRI, 2011, p. 71).

Depois desse ponto de abordagem, foi proposta uma carta dissertativa com os professores, onde eles puderam relatar a sua prática pedagógica, descrevendo a sua aula (planejamento, metodologias, recursos pedagógicos, avaliação) a partir da temática conceitual em questão que é a metodologia aplicada para a aprendizagem sobre a consciência histórica com seus alunos em sala de aula.

2.2 Os ambientes da pesquisa e a razão para sua escolha

Os campos escolhidos para a realização da pesquisa foram a Escola Estadual São Vicente de Paula (onde atuo como coordenadora pedagógica) e a Escola de Referência em Ensino Médio – EREM Barão de Exu, pertencentes à rede Pública Estadual da cidade de Exu-PE.

O município de Exu localiza-se no Estado de Pernambuco, tem uma área de 1.337,5 km², com uma população de 31.825 habitantes. Faz parte da mesorregião do Sertão de Pernambuco e da microrregião de Araripina. Está localizada à distância de 618 km da capital, Recife. A denominação do nome da cidade deriva de duas versões, uma seria da tribo Ançu,

nação dos Cariris. A outra versão advém de um tipo de abelha comum da região denominada de Inxu⁷. A cidade possui quatro distritos: Viração, Tabocas, Zé Gomes e Timorante.

A referida cidade é conhecida por ser berço de nascimento de duas grandes personalidades históricas: Bárbara de Alencar, nascida em Exu, no dia 11/02/1760, revolucionária política, considerada heroína nacional, tendo seu nome escrito no livro dos Heróis da Pátria, pela Lei 13.056 de 22 de dezembro de 2014. A personagem histórica foi participante da Revolução Pernambucana de 1817, que defendia a independência do Brasil de Portugal, e da Confederação do Equador, de 1824, de caráter político separatista, ocorrida no Nordeste do Brasil. A cidade também é berço de nascimento de Luiz Gonzaga, nascido em 13/12/1912, famoso cantor, compositor e sanfoneiro, conhecido como “Rei do Baião”, que retratou o Nordeste e sua cultura em sua trajetória histórica e musical pelo país.

O município possui quatro escolas da Rede Estadual, sendo uma, de polo de Ensino Fundamental, outra de Referência em Ensino Médio semi-integral, e duas de Ensino Misto, Fundamental e Médio, dessas duas escolas de que apresentam mais de uma modalidade, uma localiza-se próximo ao centro da cidade e a outra, localiza-se no Distrito de Timorante.

A primeira escola que faz parte da pesquisa é denominada de Escola São Vicente de Paula. Ela funciona em um prédio alugado à paróquia do município, desde 1958, próximo ao centro da cidade. Segundo seu Projeto Político Pedagógico (2019, p. 10), a escola:

Teve origem com o nome de Escola Paroquial São Vicente de Paula, fundada pelo então padre Silvino Moreira, pároco da cidade. Foi registrada no 1º Cartório de documentos e títulos em 25-10-1950 e restaurada em Setembro de 1957 pelo Pe. Mariano de Sousa Neto, registrada também no Conselho Nacional de Educação em 15-05-1958. Devido ao aumento considerável do número de alunos foi oficializada com a denominação, Escolas Reunidas São Vicente de Paula, em Agosto de 1970 e em 27-10-1997 a Secretaria de Educação do Estado, com base no art. 10, inciso IV e V da Lei 9394/96 autoriza a mudança da denominação para Escola São Vicente de Paula.

Funciona em três turnos, ofertando as modalidades: Ensino Fundamental, Ensino Médio, e Educação de jovens e adultos. A maior parte de seu público estudantil é residente da zona rural e os demais das regiões periféricas da cidade. Os estudantes da zona rural se utilizam de transporte público, sob responsabilidade do município e do Estado. A maioria de sua clientela, segundo seu Projeto Político Pedagógico (PPP, 2019) é de baixo poder

⁷ Informações colhidas dos sites: WWW.biblioteca.ibge.gov.br/brasil/pe/exu/historico. WWW.cidade-brasil.com.br/municipio-exu. WWW.arquivohistorico.camara.leg.br/municipio-exu.

aquisitivo, em um total de 1.038 alunos. A escola possui 05 professores efetivos da área de história.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2019), documento que norteia o trabalho didático-pedagógico da referida escola, a maioria das famílias atendidas demonstra que são frutos de uma sociedade injusta, e apresentam muitas dificuldades financeiras, verificadas no cotidiano pelo corpo de profissionais da escola e pelo elevado número de famílias atendidas pelo programa Bolsa Família, e do Auxílio Maternidade, do Governo Federal e pelos relatos de empregos informais, que não lhes oferecem uma renda adequada ao sustento das famílias, ou direitos trabalhistas.

Quanto à desigualdade social, que se torna cada vez mais evidente e visível, a escola está inserida num meio social que tem esta característica e atende, em sua maioria, alunos que sofrem com esta mazela social. Sendo assim, tem uma importante tarefa de conscientização, para que os indivíduos não sejam manipulados e percebam as contradições desta sociedade. Pois, assim sendo, existem maiores chances de superação desta realidade. (PPP, 2019, 14.).

Quanto às dificuldades apresentadas no processo de ensino aprendizagem, a escola destaca que é visível a falta de compromisso de uns estudantes com a aprendizagem, falta de motivação para as atividades escolares, ausência de perspectiva para si mesmo, a sexualidade banalizada, dentre outros aspectos que geram insucessos nos estudos, levando à evasão ou repetência, que no período noturno é bem acentuada (PPP 2019).

De acordo com o PPP em estudo, o nível de Escolaridade dos pais dos estudantes é baixo, constando de muitos pais analfabetos e de outros que só conseguem assinar o próprio nome, apresentando o analfabetismo funcional e de outros que só apresentam formação no Ensino Fundamental, de forma incompleta.

O Ensino Médio é organizado por disciplinas, que estão nas áreas da Base Nacional Comum curricular: Arte, Biologia, Educação Física, Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática, Química, Sociologia, Filosofia, que compõem as áreas do Currículo, e a parte diversificada do currículo destina-se a atender a disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Inglês.

A escola em seu projeto político pedagógico demonstra a importância de colocar a família dentro do contexto de aprendizagem dos seus filhos, verificados nos Encontros Família-Escola e nas reuniões de pais e mestres existindo uma preocupação constante de chamar os pais a participarem desse processo de ensino-aprendizagem:

A escola realiza palestras direcionadas às famílias que fazem parte da comunidade onde está inserida. As mesmas também são convidadas a participar de festividades com o objetivo de integração entre família e escola. Também são realizadas reuniões de acompanhamento bimestrais, onde os professores, direção e educadoras de apoio ficam a disposição para atendimento aos pais que tiverem interesse em acompanhar o rendimento escolar de seu filho. Acreditamos, portanto, que a conscientização para a participação deve partir da escola que poderá formar/ensinar os indivíduos para que exerçam sua cidadania de fato, conhecendo e entendendo a realidade social onde estão inseridos e atuando sobre ela. (PPP, 2019, p.18).

Segundo estudo realizado em seu Projeto Político Pedagógico são os objetivos da escola:

*Organizar o andamento da escola de forma amplamente coletiva para que atenda aos anseios, aos desejos, aos sonhos, aos valores de toda a comunidade escolar de modo que os alunos que dela fazem parte se tornem cidadãos detentores de conhecimentos, exigidos atualmente no mundo, através da execução de atividades criativas em salas de aula e da realização de programas que atendam aos problemas urgentes dessa instituição.

*Articular a Proposta Pedagógica com vista a garantir a aprendizagem significativa dos alunos nos diferentes conteúdos selecionados em função dos objetivos que se pretende atingir;

*Tornar a escola uma instituição eficiente em atender os estudantes que a ela procuram, sem exclusão;

*Propiciar a participação e integração de pais, alunos, professores, funcionários e comunidade escolar, dinamizando e diversificando as atividades escolares e extraclases buscando melhorias da qualidade de ensino;

*Promover o acesso, permanência e o sucesso dos educandos dentro do âmbito escolar;

*Preparar o aluno ao longo do tempo para acompanhar as mudanças tecnológicas e científicas do mundo atual, possibilitando a eles interagirem junto à comunidade local, regional e planetária, visando à interação entre a Educação Fundamental e a Vida Cidadã. Os alunos, ao aprender os conhecimentos e valores da Base Nacional Comum e da Parte Diversificada, estarão também constituindo sua identidade como cidadãos em processo, capazes de ser protagonistas de ações responsáveis, solidárias, e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades.

*Formar cidadãos críticos, participativos, conscientes e que respeitem os valores, direitos e deveres, exercendo a cidadania, exercendo o protagonismo juvenil e respeito à diferença.

*Propor uma escola onde os alunos tenham vontade de estudar e que participem das atividades, deem opiniões, aprendam ouvir e a falar, respeitem os colegas, tornando-se verdadeiros cidadãos.

*Valorizar a experiência extraescolar dos alunos, seu conhecimento prévio, e proporcionar a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais e o uso de novas tecnologias. (Fonte: PPP da Escola, 2019, p. 13 e 14)

Esta unidade escolar conta com vários projetos interativos para resolver problemas apresentados pela comunidade escolar como, por exemplo, os mais observados: o alto índice de gravidez na adolescência, o uso de drogas e evasão escolar. Tais projetos mencionados em seu PPP são: Prevenção da gravidez na adolescência; Jornal Mural; Escola Segura; Ecossustentabilidade Escolar; Direitos humanos; Dia do artista na escola; Projeto sexualidade; Quem ama corrige; Educação para a justiça e a paz; Jogos Interclasses; Educação para os direitos humanos; Alimentação saudável; Reflexões sobre a consciência negra; Incentivo ao ingresso no Ensino Superior, além de aulas de campo nas disciplinas específicas, ligadas ao contexto do que se está estudando.

A segunda escola incluída na pesquisa é a Escola de Referência em Ensino Médio- EREM Barão de Exu. Esta referida escola foi construída em 1945, sendo a primeira escola da Rede Estadual da cidade, seu nome homenageia o barão de Exu, o Senhor Gualter Martiniano de Alencar Araripe. Essa unidade escolar ofertava a modalidade de Educação Fundamental e de Ensino Médio, sendo que a partir de 2010 foi incorporada ao Programa de Educação Integral pelo Decreto 34.608 de 12 de fevereiro de 2010, ofertando a partir de então, a modalidade de Ensino Médio semi-integral, oferecendo ao educando um regime escolar de tempo semi-integral, tendo em vista a transformação da vida do aluno e a sua formação enquanto cidadão, fundamentando-se nas diretrizes do Programa de educação Integral do governo do Estado de Pernambuco (PPP, 2019).

Quando se utiliza esse termo “referência” nas escolas públicas do Estado de Pernambuco (EREM - Barão de Exu) significa que essas escolas têm um acompanhamento diferenciado, no seu currículo, na sua metodologia de trabalho e na escolha de projetos voltados à seleção de disciplinas eletivas (tais como: jogos matemáticos, robótica, primeiros socorros, jogos de tabuleiro, educação no trânsito, coral musical, aulas de laboratório, de teatro e de redação), além de ofertar cursos profissionalizantes gratuitos no turno noturno para todos os públicos que queiram participar, nas modalidades: presencial e a distância. A Secretaria de Educação do Estado organiza um acompanhamento sistemático de seus resultados frente às escolas de ensino regular.

No ano de 2012, passou a integrar o Programa Ensino Médio Inovador, redesenhando o seu currículo, como também o Programa Ganhe o Mundo, com ofertas de cursos de Inglês e de espanhol e com a realização de intercâmbios para países que contemplem essas línguas, como Canadá, Argentina, dentre outros, para estudantes selecionados por notas e desempenho. Segundo seu PPP (2019), esse intercâmbio cultural:

É a realização de uma viagem ao exterior por um estudante. Os nossos estudantes participam do Programa Ganhe o Mundo (PGM), do Governo do Estado. O programa tem como objetivo promover o intercâmbio para que eles possam aprender costumes, as tradições, o idioma. São oportunizados a aprenderem a língua inglesa e o Espanhol. Ficam hospedados na casa de uma pessoa nativa do país. É uma oportunidade excelente para exercerem a autonomia, aprender uma nova língua, conhecer novos mundos. Os nossos estudantes, que participam do PGM, não voltam como foram no sentido de crescimento pessoal. Alguns destinos foram Canadá, Nova Zelândia e Argentina. Ao retornar os estudantes são acolhidos pelos colegas, contam a experiência vivida e têm que desenvolverem projetos para divulgar a cultura que conheceu e estimular outros a viverem a experiência que tiveram, além da aquisição de novos saberes. (PPP, 2019, p. 38)

A escola funciona diariamente pela manhã e em duas tardes, em regime semi-integral, contando com 471 alunos matriculados, sendo que cerca de 40% deles são residentes de zona rural e são oriundos de outras escolas, preferencialmente da Rede Estadual, e de outras particulares e municipais que ofertam a modalidade de Ensino Fundamental e que sinalizam querer a vaga na escola a partir de uma pesquisa prévia e com seleção de melhores notas, por estudante, com quantitativo de vagas limitadas.

Este ambiente educativo conta apenas um professor efetivo para o ensino da disciplina de História, e de outro professor contratado temporariamente para as áreas de Filosofia e de Sociologia, já que seu número de turmas é reduzido. Os professores que lecionam nesta escola recebem uma gratificação adicional em seus salários de 80% a mais do seu salário base, levando em consideração os níveis de seus tempos de serviços, ou mudanças de faixas salariais.

No seu turno noturno oferta cursos técnicos, na modalidade semipresencial e a distância, de formação tecnológica e profissionalizante, tais quais: Técnico em segurança do trabalho; Biblioteconomia; Designer de interiores; Logística; Secretariado escolar; Administração; Informática.

A EREM Barão de Exu tem o seguinte direcionamento didático-educacional, segundo o seu Projeto Político Pedagógico (PPP, 2019):

Ofertar como missão a formação integral, favorecendo a autonomia por meio de um ensino de qualidade, tendo em vista a transformação social. Como visão quer ser reconhecida como uma instituição que consegue concretizar o processo de ensino e aprendizagem com qualidade, compromisso e ética. Segue os valores de respeito, ética, comprometimento, responsabilidade social e ambiental, tendo um compromisso voltado a garantia de aprendizagem de seus estudantes através de uma gestão democrática e participativa. Visa como meta manter uma aprovação em torno de 96% de seus estudantes. (PPP, 2019, p.18)

O objetivo da escola, segundo seu Projeto Político Pedagógico (PPP 2019) é oferecer ensino de qualidade, visando à formação integral de seus sujeitos de aprendizagem, favorecendo a autonomia, por meio de um ensino de qualidade que promova a transformação social, através de ações como o protagonismo juvenil que é visto como algo:

Aceito e praticado enquanto laboratório de educação para valores. Mais do que estudada, a cidadania é exercitada na escola. Esse exercício começa no primeiro dia de aula, na acolhida dos novos educandos pelos veteranos, na qual os estudantes criam um ambiente favorável para receber os novos educandos, praticando a presença educativa, ou seja, a capacidade de exercer influência construtiva e duradoura sobre a vida dos outros. (PPP, p. 21).

A EREM Barão de Exu trabalha em seu objetivo principal, também, com a educação interdimensional, com a valorização das experiências bem sucedidas, adequação de suas tecnologias e com foco nos resultados. Entende-se como Educação interdimensional, segundo seu Projeto Político Pedagógico, seria uma educação que:

Aprofunda e amplia o papel do educador. Mais do que um transmissor de conhecimentos, papel importantíssimo do qual não se pode jamais abrir mão. O educador deve atuar junto aos seus educandos como um líder (polo direcionador do processo educativo), um organizador de atividades estruturadas e estruturantes e um cocriador, com seus educandos, de acontecimentos que lhes permitam vivenciar, identificar e incorporar em suas vidas, os conteúdos formativos que lhes são propostos. A perspectiva da interdimensionalidade pressupõe e requer uma convivência intercomplementar, solidária e sinérgica entre educadores, familiares, escolares e comunitários. (PPP, 2019, p. 20)

Essa forma de educação tem centralidade na pedagogia ativa e na educação por projetos, ajudando no desenvolvimento do potencial do estudante, na valorização da aprendizagem em grupos, e no seu desenvolvimento cognitivo. A escola desenvolve um ensino interdisciplinar com a manutenção de um diálogo permanente entre as áreas de conhecimento, promovendo a contextualização e aprendizagem significativa. Conta para isso também com a participação do grêmio escolar e com a formação continuada dos professores que acontecem semanalmente no turno da tarde, com participações constantes sobre educação integral e educação interdimensional.

Com relação ao acompanhamento das famílias dos estudantes a escola conta com reuniões periódicas, encontros família-escola e o SAE (Sistema de acompanhamento do Estudante), que mantém contato permanente com a família dos estudantes, através de ligações

e comunicações escritas, fazendo registros de acordos e ocorrências específicas através de atas.

Tratando-se de currículo, as escolas de referência de ensino integral e semi-integral do Estado de Pernambuco seguem um currículo diferenciado, pois, além de ofertar os conteúdos das áreas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já conhecidos, como das áreas de Linguagem e suas tecnologias. Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias. Ciências Humanas e suas tecnologias. Apresentam uma parte diversificada, que ofertam aulas de inglês, espanhol, de Empreendedorismo e Direitos humanos, além da parte de atividades complementares, relacionadas às disciplinas eletivas semestrais que são: Jogos matemáticos; Robótica; Primeiros Socorros; Jogos de tabuleiros; Matemática básica e Matemática na veia (voltada para o ENEM), Coral musical; Educação Ambiental; Educação no trânsito; Laboratório; Teatro e Redação, vivenciados diariamente, cada eletiva segue um horário e dia específico da semana.

A opção pela escolha dessas duas unidades de ensino foi motivada devido às escolas apresentarem perfis de Ensino Médio diferenciados. Uma escola trabalha com o Ensino Médio regular (Escola São Vicente de Paula), fazendo a adequação das faixas etárias, dentro de seu estabelecimento, pois possui também a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), inclusive para o Ensino Fundamental com estudantes que não frequentaram a escola no tempo previsto na legislação específica, além do Ensino Fundamental com turmas regulares. A segunda escola (EREM - Barão de Exu) conta com uma estrutura de ensino semi-integral e com uma diferenciação metodológica e curricular. Despertando assim a curiosidade de conhecer suas abordagens teóricas / práticas voltadas aos professores e aos estudantes. Os perfis dos estudantes e de suas famílias também se diferenciam um pouco, já que existe uma seleção baseada em notas, voltada a verificar o desempenho do estudante que ingressa na EREM Barão de Exu e uma exigência de que ele esteja dentro da faixa etária para a modalidade.

2.3 Os professores na pesquisa

Deparamo-nos nessa pesquisa com um grande desafio provocado pelo surgimento de uma pandemia. Muito do que foi pensado sobre a metodologia a ser utilizada foi

modificado, devido à contaminação pelo “Novo Corona vírus”⁸, relacionado à doença Covid-19, que rapidamente chegou a nossa realidade e que modificou a nossa rotina e a nossa forma de trabalho. Praticamente quase todos os países afetados tiveram que se adaptar à nova rotina adentrando em quarentena, ou, isolamento social, e passando a organizar suas relações sociais e profissionais de forma remota. Com o Brasil não foi diferente.

A pandemia do Novo Corona Vírus trouxe desafios e adiamentos de planos, antes nunca imaginados. Perdeu-se um pouco da previsibilidade que muitos estavam acostumados a fazer a partir de seus cronogramas e planejamentos, seja na vida pessoal, ou no trabalho.

Em se tratando de educação, as escolas foram fechadas, os estudantes passaram a ter aulas online, e os lares passaram a ser o novo ambiente de trabalho e de estudo de muitas pessoas. O ano de 2020 ficará marcado com essa ruptura no modelo de trabalho e de vida social que estávamos adaptados.

A palavra: “remoto” nunca esteve tanto em voga pela necessidade verificada na adaptação ao distanciamento social provocado por este vírus que tem provocado muitas mortes e exigido bastante cuidado para que se evitar ainda mais a contaminação por ele.

Por todo esse contexto, as entrevistas⁹ e as informações sobre os perfis profissionais dos professores participantes da pesquisa tiveram que seguir um novo direcionamento. Algumas informações foram coletadas por *e-mail*, e as entrevistas realizadas através das redes sociais para não provocar tanto atraso na pesquisa. As redes sociais e a *internet* passaram a ser, durante a pandemia, as principais formas de acesso ao trabalho e aos estudos.

Os professores da área de história das duas escolas foram convidados a participarem da pesquisa relatando sobre a sua história de vida, observada através de suas narrativas relatadas nas entrevistas. Da escola São Vicente de Paula aceitaram participar três professores que lecionam História, e da EREM Barão de Exu temos a professora que trabalha especificamente com a disciplina de História e é efetiva do quadro de professores da referida escola.

⁸ Em dezembro de 2019 houve a transmissão do Novo Corona Vírus (SARS-CoV2) em humanos, identificada em Wuhan, na China, ocasionando a doença COVID-19, disseminada e transmitida de pessoa para pessoas através de gotículas de saliva, advindas do espirro, ou tosse, ou de outras secreções, deslocando o vírus para as superfícies que em contato por outras pessoas provoca o contágio, ocasionando a partir de então, desde sintomas comuns gripais, febre, dor de garganta, pneumonia, até infecções respiratórias mais graves e um quadro respiratório agudo que pode levar à morte. Declarada pela OMS como pandemia, que é quando uma epidemia toma proporções em escala global. Fonte: WWW.coronavirus.saude.org.br

⁹ Coleta de dados realizada através de *e-mails* pessoais e entrevistas, concedidas via rede social - *WhatsApp* nas seguintes datas: Professor 1: entrevista concedida em 30/06/2020; Professor 2: entrevista concedida em 10/07/2020; Professor 3: entrevista concedida em 19/07/2020; Professor 4: entrevista concedida em 01/09/2020.

Foi pedido para que os professores apresentassem um perfil sobre sua formação profissional, onde relataram suas idades, estado civil, local de residência e cursos de formação:

QUADRO 15-DADOS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Professores na pesquisa	Idade e sexo	Estado civil	Tempo de atuação	Cidade onde reside	Formação Superior	Conclusão do Ensino Superior	Onde cursou o Ens. Superior	Pós-Graduação	Disciplinas que lecionam
1. SOUSA	39	casado	15 anos	Crato-CE	História	2005	URCA	História Social	História Sociologia Geografia
2. MATIAS	45	solteira	13 anos	Bodocó-PE	História	2007	URCA	Não tem	História Arte
3. PEREIRA	51	divorciada	20 anos	Exu-PE	História	2000	URCA	História e Sociologia	História
4. MORAIS	49	casada	14 anos	Crato-CE	História	2003	URCA	Ensino de História	História

Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2020.

2.4 Narrativas dos professores sobre seu contexto de vida

“A narrativa histórica é o elemento unificador da relação entre os tempos.” (Rüsen, 1992).

Ao fazermos a escuta sobre as narrativas de vida dos entrevistados, percebemos uma forma de fazer uma articulação entre o passado, o futuro e o presente dessas histórias. Através dessa ação compreendemos os elementos unificadores entre os tempos. A narrativa torna visível a percepção que cada um tem dos aspectos mais relevantes de sua vida que puderam ser perceptíveis em seus relatos e que transforma em realidade ao serem narrados, bem como, a percepção de que esse entendimento acontece naturalmente, a partir da colocação em prática de suas consciências históricas.

Para Caroline Pacievitch (2007), a consciência histórica ajuda a reinterpretar o presente em função do passado e do futuro. É a forma das pessoas atribuírem significados ao presente e modificar o passado, através de torná-lo presente em suas narrativas. Segundo a autora:

A narrativa histórica mobiliza a memória e coloca expectativas para o futuro. A memória traz os elementos de relações entre conteúdos, significados e valores morais. A forma narrativa é como a mente humana organiza sua consciência histórica. (PACIEVITCH, 2007, p.59).

Na compreensão de Paul Ricoeur (2010), a narrativa assume seu sentido plenamente quando consegue ser restituída ao tempo do agir e do sentir. O que é vivido se torna mais humano quando passa a ser narrado, e assim se faz a mediação entre tempo e narrativa.

Essa narrativa histórica, segundo Rüsen (2001), se formula a partir dessa continuação temporal, da evolução do tempo observada pelos homens em seu mundo e contribui com eles lhes fornecendo identidade e memória, determinando o sentido de sua vida, seu direcionamento social e humano. Seria a forma de marcar a intenção que narra sua história de não se perder nas muitas mudanças impostas pelo tempo, de manter seu mundo, de: “Se manterem seguros e firmes no fluxo do tempo.” (RÜSEN, 2001, p. 66).

Pedimos para que os professores antes de iniciarem a fala sobre suas experiências profissionais, pudessem descrever um pouco sobre suas memórias relacionadas à sua infância, o que nos possibilitou conhecer os usos de suas narrativas e a relação delas com a evocação de suas consciências históricas, seguindo um dos critérios mencionados pela história oral, mencionada como metodologia para realização dessa pesquisa.

As questões de 01 até a 06, mencionadas abaixo, procuraram conhecer um pouco sobre as narrativas da infância, seu conhecimento sobre temas de seu próprio passado, do que eles lembravam e a forma de trazer à tona essas lembranças, analisando o que Rüsen (2001) chama de atribuição de sentido, que lhe é dado pelos fatos rememorados e a relação deles com a consciência histórica dos sujeitos entrevistados, pois, segundo o autor:

As lembranças fluem naturalmente, mas elas só se relacionam com a consciência histórica, quando ela é mobilizada através da transposição de tornar presente o passado através da narrativa que é a atividade intelectual de induzir as lembranças e a memória. (RÜSEN, 2001, p. 64)

Quando os sujeitos fazem essa associação entre os tempos através de suas narrativas vão compreendendo que o tempo é uma continuidade que se entrelaça com o que é narrado. Sobre isso, o autor diz que:

A narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro, mediada por uma representação abrangente da continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificidade histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado. (RÜSEN, 2001, p. 63)

Pedimos para que os professores relatassem um pouco sobre as lembranças de sua infância e da época que nasceram pela guarda da memória, segundo o que lhes contaram referentes a essa época, justamente para compreender essa afirmação de Jörn Rüsen (2001).

Pergunta 1: Fale um pouco do que você lembra ou te contaram da época em que você nasceu:

**QUADRO 16 – REFERENTE À PRIMEIRA PERGUNTA
MEMÓRIAS DO PROFESSOR SOUSA**

Bem, no final de 1980 que foi quando nasci meus pais diziam que o Brasil estava passando por grave crise econômica, eles não tinham noção que o milagre econômico dos governos militares estava chegando ao fim. Também relatavam que estava iniciando uma praga nas plantações de algodão; o bicudo; embora a crise financeira seja algo constante na vida das pessoas pobres, todavia, viviam bastante felizes; um jovem casal que iniciava sua vida com a chegada do primeiro filho: eu.

**QUADRO 17– REFERENTE À PRIMEIRA PERGUNTA
MEMÓRIAS DA PROFESSORA MATIAS**

Era uma época dos festejos do padroeiro da cidade, as pessoas estavam na festa, no início da alvorada, por causa dos fogos.

**QUADRO 18 – REFERENTE À PRIMEIRA PERGUNTA
MEMÓRIAS DA PROFESSORA PEREIRA**

Segundo relatos dos meus pais, nasci no Sítio Nova descoberta em 1968, logo em seguida viemos morar em outro sítio chamado Sítio Ludugério, no qual passei boa parte da minha infância. Próximo a minha residência, lembro que tinha um riacho com água e areia límpidas, onde com mais três irmãos costumávamos brincar e pescar. Tempos depois fomos morar no Sítio Chapada do Barro, onde moramos até hoje.

**QUADRO 19 – REFERENTE À PRIMEIRA PERGUNTA
MEMÓRIAS DA PROFESSORA MORAIS**

Apesar de ter nascido na época da Ditadura Militar, esse assunto nunca fez parte do meu convívio familiar (não que eu recorde).

Pergunta 2: Como foi a sua infância?

QUADRO 20- REFERENTE À SEGUNDA PERGUNTANARRATIVA DO PROFESSOR SOUSA

Nasci na maternidade São Francisco na Cidade do Crato-CE no dia 23-10-1980, às 8:00 horas da manhã, minha mãe dizia que eu parecia uma “manga rosa” fazendo uma alusão à fruta que tem uma coloração rosa, coisa de mãe, não é? Ainda recém-nascido, fui morar no município de Granito, sertão pernambucano, pois meu avô tinha comprado uma propriedade e meus pais foram morar lá. “Não existe coincidências, tudo é providência divina” disse Albert Einstein. Pois bem, vez por outra, cito essa bela frase pra meus alunos. Apesar de meus pais terem retornado em 1998 e eu ter passado alguns anos estudando no Crato em casa de parentes, tenho plena convicção de que parte de minha identidade foi moldada naquele “lócus”, as lembranças de minha infância tão lá; a seca, o manejo com o roçado e com a criação de ovelhas, cabras e gado aprendi naquele recanto. Acredito que os primeiros 12 anos de vida de uma pessoa são essenciais pra sua personalidade.

O sertão me privou de uma escola boa, de uma alimentação adequada, por outro lado me possibilitou vivenciar o bioma caatinga com propriedade: observar meu pai e meus tios arrancar e queimar macambira para alimentar o rebanho bovino e caprino: cortar e queimar os espinhos do mandacaru para alimentar os animais. Assim, vivenciando esse o ambiente rural e urbano fui mesclando minha identidade; assim, minha infância foi repleta de significados: trabalho na agropecuária, vivências na escola, brincadeiras de bola, anel, cair no poço, cavalo de pau, bandeira entre outras. Tem uma passagem na minha adolescência que sempre relato pra meus alunos: por volta de 1987/88 a seca castigava o semiárido e bem próximo a minha casa existia uma açude e era comum nos períodos de seca os governos alistar as pessoas nas frentes de emergência; limpando açude, fazendo estradas e outros serviços; pois bem, nos anos supracitados tenho uma lembrança que carrego comigo ainda hoje: aqueles operários que tinham um pouco de leitura colocava seu nome no “carrinho de mão” aquele utilizado para retirar a lama dos açudes e quando chegava o final do dia guardavam os carrinhos de forma aleatória e no outro dia, cada um pegava o mesmo carro: aí eu perguntava;

- Ei, como é que tu sabe se esse carrinho é o teu se são todos iguais?

Aí, veio a resposta.

- É porque escrevi meu nome nele. E eu bem admirado respondia

-Rapaz, deve ser muito bom saber escrever o próprio nome, não é?

E eles respondiam:

-Demais.

Aquela passagem ficou no meu imaginário e no próximo ano comecei a decifrar o código alfabético e juntar as sílabas para formar as palavras. Daí em diante não mais fui o mesmo. A leitura possibilitou me tornar uma pessoa melhor, um cidadão do mundo. E tudo isso são apenas alguns recortes de minha infância, que futuramente pretendo transformar em um livro.

**QUADRO 21- REFERENTE À SEGUNDA PERGUNTA
NARRATIVA DA PROFESSORA MATIAS**

Foi uma infância feliz e inocente

**QUADRO 22 – REFERENTE À SEGUNDA PERGUNTA
NARRATIVA DA PROFESSORA PEREIRA**

Tive uma infância maravilhosa, em um tempo onde não haviam brinquedos industrializados, eu e meus irmãos confeccionávamos nossos próprios brinquedos. Mesmo com pais agricultores tive oportunidade de brincar e estudar.

**QUADRO 23 – REFERENTE À SEGUNDA PERGUNTA
NARRATIVA DA PROFESSORA (MORAIS)**

Alegre. Muitas brincadeiras no entorno de casa.

Ouvir esses depoimentos dos professores sobre suas infâncias emociona, pois esses detalhes adentrados em suas memórias trazem as significações mais marcantes de suas vidas. Resquícios de uma época voltada às descobertas e alegrias, vistas nas coisas mais simples. O depoimento do professor Sousa nos mostra o quanto a leitura foi algo que modificou sua vida e como ajudou na sua ampliação de visão de mundo, a partir da observação do entorno de sua infância. O imaginário, presente em muitas infâncias, costumam se ancorar nas memórias permanentes e são reveladoras de suas consciências históricas.

Pergunta 3: De que forma você acompanhava as notícias na fase da adolescência?

QUADRO 24 – NARRATIVA DOS PROFESSORES RELACIONADAS À TERCEIRA PERGUNTA

Pelo rádio de pilha, pois não tinha energia elétrica na localidade nesse período. Meus pais acordavam bem cedo, por volta das 4:00 horas da manhã sintonizado em uma rádio sociedade da Bahia e também na rádio Globo do Rio de Janeiro. Foi pelas ondas do rádio que ouvia as partidas de futebol, sabia do nome dos jogadores, mas não conhecia nenhum deles, somente quando vinha para o Crato é que as pessoas diziam aquele é jogador tal ou quando via eles em algum pôster que tinha o nome deles, muitos deles não se pareciam em nada com aqueles que permeavam meu imaginário. Ainda ouvi pelo rádio uma novela contando a saga de lampião e aquilo estimulava demais minha imaginação, uma criança descobrindo as letras e histórias que permeavam o imaginário de personagens populares. Para completar, existia uma senhora que contava algumas

Professor Sousa	passagens sobre o rei do cangaço, visto que, ela quando criança relatava a passagem dele por um povoado que residia. Nunca soube o nome dela, só conhecia pelo apelido de 'Bahia', certa vez ela me levou pra sua casa e eu passei uma semana lá, isso, por volta do ano de 1989. Tenho um caso de amor pelo rádio, só um ouvinte assíduo das rádios, deve ter alguma relação de como foi minha relação com rádio na infância.
Professora Matias	Apenas pela TV
Professora Pereira	Através do rádio e na escola pela minha professora
Professora Morais	Pelo rádio, TV e relatos de pessoas.

Pergunta 4: E hoje, de que forma você acompanha as notícias?

QUADRO 25 – RESPOSTAS DOS PROFESSORES REFERENTES À QUARTA PERGUNTA

Professor Sousa	<i>Internet, TV e rádio</i>
Professor Matias	Através da TV e da <i>internet</i>
Professora Pereira	TV, <i>internet</i> e redes sociais
Professora Morais	Fontes diversas: rádio, televisão, mídia digital, revistas, jornais. Muitas chegam também através de conversas nas calçadas, ainda muito presente na cultura interiorana.

Percebemos em suas memórias narradas, voltadas ao recebimento de notícias a presença do rádio e a comunicação entre as pessoas de seu convívio familiar. A professora Morais ainda cita as conversas nas calçadas, como uma prática vivenciada nas cidades do interior, cada vez mais rara na atualidade. Com as mudanças impostas pela tecnologia, ao acompanhar as notícias hoje, temos a presença significativa da *internet*, citada pelos professores.

Pergunta 5: Quantos livros você ler anualmente?

QUADRO 26 – RESPOSTAS DOS PROFESSORES REFERENTES À QUINTA PERGUNTA

Professor Sousa	05
-----------------	----

Professora Matias	03
Professora Pereira	02
Professora Morais	03 ou 04

Pergunta 6: De que forma chegaram até você as primeiras compreensões sobre história?

QUADRO 27 – RESPOSTAS DOS PROFESSORES REFERENTE À SEXTA PERGUNTA

Professor Sousa	Por meio dos livros e aulas de professores de História
Professora Matias	Pela escola bíblica da igreja que pertenceo
Professora Pereira	Através das histórias contadas pelos meus pais e avós
Professora Morais	Quando comecei a perceber que existia uma desigualdade grande entre as pessoas, e passei a ter curiosidade em entender algo que aos meus olhos era (é) injusto.

Conhecemos os diferentes canais pelos quais se fizeram chegar os conhecimentos sobre a história: conversas familiares, escola bíblica, livros, aulas, foram os primeiros caminhos percorridos pelas suas aprendizagens históricas.

2.5 Formação dos professores e perspectivas para o ensino de história

“Como alguém se torna professor de História?”
(Selva Guimarães, 2012, p. 111)

A autora Selva Guimarães ao fazer essa indagação traz uma reflexão bastante pertinente sobre a profissão de professor de história levando-nos a refletir sobre o que motivou a adentrarmos nesse universo do ensino, mas especificamente no ensino de história. Esse é um questionamento em que vemos bastante interesse em nos deter, porque depois de muitos anos de profissão, às vezes se torna necessário voltarmos a essa reflexão e fazermos uma análise sobre as nossas escolhas profissionais, nos detendo nas motivações, nos avanços e permanências do que se faz necessário à nossa prática educativa.

Segundo Selva Guimarães (2012), ao exercermos essa função de professor de história aprendemos na prática, na experiência acumulada ao longo dos anos, e, essa

aprendizagem gera em nós uma formação profissional permanente e visivelmente complexa. Vamos, através desse processo, criando nossa identidade profissional, nos tornando professor, pois como a autora costuma falar não se nasce professor, e sim, nos tornamos professor, e isso se dá através desse longo processo, que por sua vez, é sempre atualizado e inacabado. E dentro desse processo inacabado cada um vai construindo seus saberes, sua identidade profissional, seu jeito específico de aprender e de ensinar a história. Obviamente, enxergando e tentando driblar muitas dificuldades ao longo desse processo.

Para Maurice Tardif (2000) uma parcela dos saberes docentes advém de sua própria história de vida, dos resquícios de sua vida escolar, que vão sendo verificadas através de suas práticas profissionais. Segundo este autor, os saberes dos docentes são temporais, e eles, nos primeiros anos de docência já vão adquirindo esse senso de competência, de rotina a ser cumprida, de estruturação sobre a sua prática. Temporais sim, porque estão arraigados na sua própria história de vida e na sua história construída através de sua prática diária na escola.

Esse saber vai se estruturando nos anos iniciais de sua vida profissional ele vai adquirindo as competências necessárias e determinando a organização de sua rotina de trabalho. Esses saberes são também, heterogêneos (TARDIF, 2000), pois são advindos da sua prática, de sua vida pessoal, profissional, do que ele estudou e leu, de sua cultura, da sua formação acadêmica, dos currículos a serem cumpridos em sua escola, não se unificando este saber em torno de um único direcionamento. Faz-se presente em sua rotina um conjunto de práticas e de saberes que permeiam sua vida profissional, através de estratégias que são constantemente analisadas para se atingir seus objetivos diante de suas turmas e salas de aula. Um trabalho que se expande em diferentes linhas, por diferentes vieses.

Maurice Tardif diz que: “Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, seus pensamentos e ações carregam suas marcas dos contextos nos quais se inserem.” (TARDIF, 2000, p. 15). Cada professor desenvolve então, um trabalho personalizado, ou seja, aplica seus saberes apropriados, incorporados, subjetivados, saberes esses que não se podem dissociar das próprias pessoas, de sua experiência e de sua situação de trabalho (TARDIF, 2000). Saber este, que se confunde com o seu próprio modo de ser. É o professor, a principal forma de mediação e de interação com os estudantes no ambiente escolar. Quando ele fala de seu trabalho, fala também de si mesmo, de sua personalidade, de seu eu, pois: “O objeto de trabalho do docente são seres humanos e, por conseguinte, os saberes dos professores carregam marcas do ser humano.” (TARDIF, 2000, p. 16).

Ainda, segundo o autor (TARDIF, 2000), a marca do trabalho do professor, que é, sobretudo, humana, carrega uma análise sobre a individualidade de cada estudante que embora ele saiba evidentemente que trabalha com grupos divididos em turmas, precisa compreender a personalidade, as carências pedagógicas e pessoais de cada um deles. Na perspectiva do autor, ele fala que:

Esse fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho dos professores, pois embora eles trabalhem com grupos de alunos, devem atingir os indivíduos que os compõem, pois são os indivíduos que aprendem. Do ponto de vista epistemológico, essa situação é muito interessante. É ela que orienta a existência do professor, de uma disposição para conhecer e para compreender os alunos em suas particularidades individuais e situacionais, bem como em sua evolução a médio prazo no contexto da sala de aula. (TARDIF, 2000, p.16-17).

E, dentro desse trabalho personalizado e coletivo ao mesmo tempo, o professor vai conhecendo a si mesmo, conhecendo suas emoções e a grande responsabilidade que habita nesta relação docente-discente, e no seu trabalho, como um todo, vai desenvolvendo o respeito mútuo, a cordialidade e a tolerância, tão necessária no tempo presente.

Sabemos que são muitos os desafios enfrentados pela profissão. Luís Fernando Cerri (2013) nos aponta alguns problemas verificados ao longo de suas pesquisas, relacionados à profissão e à formação do professor de história que também são históricas. Para o autor o contexto atual de formação de professores de história continua marcado por muitos problemas, pelas más condições de trabalho, pelo desinteresse na escolha do magistério. Segundo o autor:

O que hoje é tornar-se professor de História no Brasil só pode ser compreendido – isso é recurso a nossa identidade profissional específica – por meio da história do que foi ser ou tornar-se professor (de História, inclusive) no país ao longo do tempo. Pode-se pensar o presente da profissão não somente como o resultado do que aconteceu no passado e promoveu mudanças já absorvidas, mas também como a permanência de ideias e perspectivas já parcialmente superadas, que, no entanto, também sobrevivem parcialmente, relativamente intactas, em formulações, raciocínios, espaços, atitudes e elementos integrantes de instituições. (CERRI, 2013, p. 168)

Relacionando essa discussão com a pesquisa, foi perguntado nas entrevistas aos professores **o que os levaram a optarem pela graduação em História**. Alguns professores foram bem concisos em suas respostas, talvez pelo contexto temporal das entrevistas, ou, por não se sentir tão à vontade em mergulhar fundo em suas análises sobre a profissão. Sente-se,

de forma bem visível o cansaço e a sobrecarga do professor da Educação Básica, geralmente atribulados entre dois, ou mais vínculos para justificar um acréscimo salarial necessário para a sua manutenção financeira, ou com os resultados não tão satisfatórios de sua prática educacional.

Quando lançamos essa pergunta à professora Matias, ela disse apenas que teve a oportunidade de migrar de um curso que tinha começado para o curso de história. A professora Pereira relatou que sua escolha pela história se deu pelas ótimas aulas que ela teve no Ensino Fundamental, ministradas por duas professoras que até hoje ela lembra com muito carinho, e que foi motivada por elas levarem para a sala de aula: “Metodologias didáticas que despertaram em mim o gosto por essa disciplina”. (PEREIRA; entrevista concedida em 19/07/20). A professora Morais, por sua vez, falou que foi motivada a fazer o curso de História através da primeira discussão sobre religião que ela participou nas aulas do Ensino Médio. O professor Sousa, extremamente reflexivo sobre tudo o que foi lhe perguntado, relatou que sempre gostou muito de literatura e que por isso pensou em ir cursar a licenciatura em Letras, mas, que aos poucos foi se aproximando da história, por achar que:

Por meio da compreensão da sociedade poderíamos transformar o mundo e diminuir as injustiças sociais: nesse período tive acesso à leitura do marxismo e achei aquilo tudo muito empolgante, entretanto, o tempo vai passando e vamos nos decepcionando com algumas práticas de pessoas e governos revolucionários. Agora, estou bem mais pé no chão. “Ideologia. Quero uma pra viver” (Cazuza). (SOUSA; entrevista concedida em 30/6/20).

Aproveitando a fala do professor Sousa, foi perguntado também, o que eles **ainda se lembram das aulas da graduação** e ele deu esse belo relato:

Dos autores trabalhados, que vez por outra encontramos textos fazendo referência a eles: Marc Bloch, Eric Hobsbawm, Peter Burke, Christopher Hill, Ellen Wood, Leandro Karnal e tantos outros. Sempre falo pra meus alunos que, se por ventura fosse fazer outra faculdade jamais me arrependeria de ter feito História, pois esse curso me possibilitou uma compreensão de mundo fantástica. Um pouco do que sou hoje, devo muito as leituras do curso de História e aos meus professores. Às vezes passo em frente à Urca e fico lembrando dos professores, colegas, foi um tempo muito importante pra minha formação intelectual, tive professores inspiradores. Prefiro me lembrar daqueles que debatiam os textos e não daqueles que colocavam a gente pra ler de forma silenciosa e pronto. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

Sousa destacou as disciplinas que guarda na lembrança, relacionada à História Antiga, guardou na memória a lembrança do livro de Heródoto, pois ao lê-lo escreveu um

artigo onde destacou o pessimismo dos povos antigos, relacionado à narrativa que estava no livro de Heródoto, através do que ele chamou de narrativa Herodotiana. Lembrou também das abordagens das aulas de História Medieval, através dos autores, Hilário Franco Junior e de Jaques Le Goff que lhes explicavam o funcionamento da História Medieval. Sobre História do Brasil ele destacou os textos de Lilian Schwartz.

A professora Matias, ao responder sobre o que ainda guarda como lembrança das aulas de história, da vida acadêmica, falou que se lembra de algumas aulas sobre História da América e de Filosofia, sem dar maiores detalhes.

A professora Pereira relatou que ainda tem belas lembranças das aulas de campo que aconteceu na região do Caldeirão em Crato-CE, vivenciando ali e resgatando a história do beato Zé Lourenço, e de outras aulas de campo que ocorreram em alguns bairros do Crato, enfatizando as questões sociais e econômicas da população local. A disciplina que ela mencionou está relacionada ao estudo da Antropologia, pois foi a forma dela compreender uma visão mais ampla sobre a origem humana, sobre a evolução, sobre a cultura.

A lembrança relatada pela professora Morais sobre o que ficou de seus estudos da vida acadêmica é de que ela achava as aulas da faculdade muito parecidas com as aulas do Ensino Médio e que ainda consegue lembrar-se de algumas aulas de Filosofia, de História Contemporânea e de História do Brasil.

Foi perguntado aos professores nas entrevistas se **eles gostam da profissão que escolheram, e quais são as dificuldades que eles encontram no universo da sala de aula.**

O professor Sousa relatou que:

Sim, ando meio desmotivado depois de 15 anos e com uma carga horária exaustiva, já gostei mais, acho que estava na hora de parar um pouco e me dedicar mais a pesquisa pra ver se volto a encontrar um sentido novamente. Os problemas que encontramos na educação brasileira são muitos e acabamos sofrendo pelo monstro da desmotivação. Entretanto, quando entro em algumas salas e vejo alguns alunos apostando a ficha na contribuição que aquela aula pode trazer pra seu futuro, aí volto a me empolgar. Educação é assim mesmo, o professor vive de altos e baixos. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20)

Pedimos para que eles relatassem algumas dificuldades verificadas na sua trajetória profissional e o mesmo falou que existe muito desrespeito ao professor: “Quando estou na sala de aula não penso na minha remuneração, mas na forma que aquela aula pode contribuir para a formação daqueles estudantes.” (SOUSA; Entrevista concedida em 30/06/20). Segundo o professor Sousa falta interesse pela história, por mais que ele tente

motivar, instigar e fazer a ponte entre o aluno e a história se mostra uma situação muito difícil. Na opinião dele: “Falta recursos pedagógicos, sou professor há 15 anos e não conheço um laboratório de ciências humanas nas escolas. Educação não é somente teoria, a prática é muito importante.” (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

A professora Matias relatou que gosta da profissão escolhida por ela, pois tem a função de fazer os estudantes refletirem sobre questões que ela considera de extrema importância, mas que encontra com dificuldade a indisciplina, o desinteresse e a falta de estrutura das escolas.

De forma semelhante, a professora Pereira disse que gosta sim, de sua profissão, pois através dela tem a oportunidade de transformar os alunos em cidadãos conscientes e reflexivos, mas ver como dificuldade profissional a falta de subsídios por parte do governo que são muito necessários para a área de humanas, como também o desinteresse por parte dos alunos diante dos meios midiáticos que oferece tudo já pronto, e isso, no ponto de vista dela, emperra o aluno pelo gosto a leitura e a aprendizagem.

A professora Morais disse que sua profissão é importante, pois através dessa atividade e do espaço que ela ocupa pode de alguma forma contribuir para a construção de saberes necessários para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Na opinião dela: “Pode até parecer uma resposta batida, mas, ainda, as grandes dificuldades vêm do sistema que a cada dia promove narrativas que distanciam os estudantes de seu papel em sala de aula.” (MORAIS; entrevista concedida em 01/09/20).

Quando se comenta o ponto de dificuldade, verificada pela falta de interesse dos estudantes diante do ensino de história, se nota nos depoimentos quase uma unanimidade. Como agir nessa tarefa de motivá-los? Na compreensão de Maurice Tardif:

Motivar os alunos é uma atividade emocional e social que exige mediações complexas da interação humana: a sedução, a persuasão, a autoridade, a retórica, as recompensas, as punições, etc. Essas mediações da interação levantam vários tipos de problemas éticos, principalmente problemas de abuso, mas também problemas de negligência ou de indiferença em relação a certos alunos. (TARDIF, 2000, p. 17)

É preciso muita reflexão sobre a nossa prática. Esta não é uma profissão fácil, nem simplificada por fórmulas, ou normas que funcionariam de forma homogênea. É um trabalho muito desafiador, por lidar com um coletivo muito complexo, com um coletivo permeado de diferentes ideias, valores, intenções e perspectivas muito diferenciadas e expostas, na prática, dentro de cada individualidade do estudante.

Foi pedido que cada um dos professores colaboradores da pesquisa fizesse **uma análise de sua trajetória profissional e suas perspectivas com relação ao ensino de história**. O professor Sousa fez o seguinte relato:

Assim, logo que terminei em 2005 foi logo aprovado em seleção pra especialização em História social pela Urca e em concurso público na Rede Estadual, pode se presumir que o curso que fiz foi exitoso. Mas, depois que você sai da universidade e entra nas redes de ensino com uma carga horária de 300 horas/aulas, seu tempo fica limitado e o mundo da pesquisa praticamente acaba. Portanto, há alguns anos não tive tempo retomar minha linha de pesquisa. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20)

O referido professor disse que viu na reforma do Ensino Médio um ataque sistemático às ciências humanas como um todo, para ele, essa perspectiva fragiliza a disciplina de história, mas, que no seu ponto de vista, é necessário resistir e mostrar a sociedade que a história tem um papel essencial na preservação da memória coletiva, identidade cultural, luta de classes, para ele, é por meio da história que podemos ter uma leitura de mundo consciente.

A professora Matias falou que anda muito descrente, com os rumos do ensino de história, mas ainda esperançosa de dias melhores, pois, segundo ela a história pode esclarecer as mentes confusas e alienadas.

A professora Pereira disse que acha ótima a sua profissão, gosta de atuar na área de história, faz isso porque gosta mesmo e que foi através da profissão que ela teve: “Oportunidade de estudar mais, aprender mais, e concluir minha pós-graduação.” (PEREIRA; entrevista concedida em 19/07/20). Que sua perspectiva diante do ensino de história é que ela seja mais valorizada, inclusive na carga horária da educação pública, pois como uma disciplina que forma cidadão a história se apresenta minimamente no currículo escolar. Ela espera mais incentivos para que os estudantes despertem o gosto por essa área de conhecimento.

A professora Moraes considera a profissão muito difícil, porém, muito prazerosa, e diz que continua acreditando que através do ensino aprendizado de História podemos transformar o mundo.

No contexto de formação profissional do professor de história, a autora Kátia Abud diz que:

A formação histórica revela e define fundamentalmente os procedimentos da consciência histórica ou conhecimento histórico, dando algumas indicações

básicas sobre como se dá essa formação: em todos os processos de aprendizagem que tem a história como objeto. (ABUD 2008, p. 27)

Observamos que são muitos os problemas apontados por aqueles que protagonizam o ensino de história na Educação Básica: falta de estímulo profissional, falta de interesse pela disciplina por parte dos estudantes, falta de investimentos por parte do poder público, mas, todos reconhecem que a história tem o papel fundamental da transformação social. E que são muitos os desafios que se apresentam diante do professor e do ensino de história na atualidade. Esses desafios não se apresentam somente através de mudanças na estrutura escolar ou curricular, além de uma interessante e necessária formação profissional na área de história capaz de integrar as atribuições profissionais que unissem teoria e prática, pesquisa e ensino. Complementando, Luís Fernando Cerri (2013) diz que ela se trata de uma mudança muito mais profunda relacionada ao universo cultural, profissional, acadêmico e pedagógico.

Em suma, o desafio da mudança na formação docente no Brasil, diante de sua tradição, vai muito além de mudanças curriculares, de ementas e cargas horárias de disciplinas, de alocação de programas em tal ou qual departamento, ou faculdade. Trata-se de promover a mudança mais difícil, que é a mudança cultural, e fazer frente a concepções e posições pedagógicas aprendidas e ensinadas por muito tempo como as únicas válidas. (CERRI 2013, p. 180).

Retornando à pergunta inicial, sobre o que leva a nos tornar professores de história, observamos que como disse a autora Selva Guimarães (2012) são muitos os questionamentos que estão imbuídos na pergunta que nos leva a refletir sobre o que nos fizeram optar pela profissão. A autora diz que, ser, tornar-se, constituir-se professor de história: “É viver a contradição, é executar a luta, enfrentar a heterogeneidade, as diferenças sociais, econômicas e culturais no cotidiano dos diferentes espaços educativos”. (GUIMARÃES, 2012, p. 139).

Uma opinião semelhante tem a autora Maria Auxiliadora Schmidt (2017), ao dizer que o professor de história vive entre “dilaceramento e embates” (SCHMIDT, 2017, p. 55), onde o professor participa do conhecimento histórico e por muitas vezes se sente apenas um eco do que os outros já disseram. Esses embates e dilaceramentos estão presentes em sua relação pedagógica, profissional e de formação.

Segundo Antônio Nóvoa (2009), é preciso reforçar a presença pública dos professores, porque não adiantaria apelarmos para a existência de reflexão se não houver uma

organização nas escolas que facilite essa prática. É preciso reivindicar uma formação mútua, colaborativa, coerente, na troca de experiências exitosas entre os próprios professores, desenvolvendo uma cultura colaborativa, uma atenção ao estudo individual de cada caso de fracasso escolar, no compromisso social com a mudança, na formação de parcerias, no diálogo enriquecedor e profissional com o colega de profissão. A definição de carreiras docentes tem que ser coerente com esse propósito para dar certo. As normativas legais também têm que abrir esses caminhos e as metodologias devem se voltar para essa intenção de mudança, como veremos a seguir.

2.6 Abordagens metodológicas dos professores sobre teoria da história no Ensino Médio

“Teorizar é levar as ideias ao seu lugar.” (José Carlos Reis, *História & Teoria*, 2006)

Este tópico já adentra o campo teórico da aprendizagem histórica o que permite saber se o professor pesquisado reconhece a importância do aporte teórico para o ensino e aprendizagem de história, visto que neste trabalho de pesquisa, busca-se a evidência da compreensão da teoria no ensino de história, como forma de facilitar a compreensão e assimilação do conhecimento histórico por parte dos estudantes.

Defendemos o posicionamento que a teoria facilita não somente a compreensão como o gosto pelo estudo da disciplina, por fazer o estudante reconhecer a relação da história com a sua vida e com o seu cotidiano. Compreendê-la é tomar para si a responsabilidade de se enxergar como um sujeito histórico que se constrói em meio ao universo social que lhe rodeia e que ajuda a compor a sua trajetória humana. É saber refletir que a história e os sujeitos históricos estão atrelados, que se constituem, e reconhecer que suas reflexões sobre o tempo e suas ações dentro dele leva-os a colocar em prática a chamada consciência histórica, uma forma de dar sentido ao tempo vivido e de refletir sobre os aspectos de outros tempos passados, que por sua vez, os levam a ter uma perspectiva de um porvir, do que chamamos de futuro.

Quando tocamos no ponto sobre a **teoria da História, relacionada a alguma aula que tenha marcado a vida acadêmica dos professores participantes da pesquisa, ou maneiras de trabalhar teoria em sala de aula** o professor Sousa relatou, em entrevista, que lembra que foi na disciplina de Teoria da História que pela primeira vez teve acesso ao pensamento de historiadores franceses, citando sua lembrança sobre Lucien Febvre e Marc

Bloch, com sua fundamentação sobre a história dos Annales. Ele citou os estudos e a construção historiográfica de Varnhagem e de FHC no livro sobre Identidades do Brasil. Disse que se interessa muito pela teoria, pois é por meio dela que se busca o embasamento intelectual para entender o processo de construção historiográfica. Mas, sente dificuldade de trabalhar teoria em sala de aula porque a maioria dos autores tem uma linguagem muito rebuscada e o aluno do Ensino Médio tem uma dificuldade enorme com leitura e acaba não entendendo nada, e isso o leva a abandonar a leitura. Aí, o professor, de forma bem didática tem que dizer de fato, o que aquele autor aborda.

A professora Matias relatou que não guarda nenhuma lembrança das aulas de teoria, mas compreende que a mesma serve de base para o conhecimento histórico e que ver muita dificuldade de trabalhar com teoria em suas aulas devido à dificuldade de atenção e de concentração dos seus estudantes.

A professora Pereira disse que se lembra de algumas fontes históricas e correntes historiográficas e que ver a teoria da história como subdisciplina da história que ela serve para nortear e compreender as diversas formulações do conhecimento histórico, servindo também de introdução ao conhecimento histórico. Para ela, o trabalho com teoria da história se torna difícil devido à falta de recursos tecnológicos e econômicos por parte da escola, acompanhada da falta de interesse dos estudantes pela disciplina de história.

E a professora Morais, de forma semelhante às colocações do primeiro professor, também se lembrou da Escola dos Annales e da Micro-História e disse que a teoria é importante porque serve de base para nortear uma pesquisa, um estudo, para ajudar na interpretação dos fatos a serem analisados, mas ver muita dificuldade ao trabalhar teoria da história apresentada pelo desinteresse de aprender a disciplina verificada pelos estudantes, mas que tem o desejo grande de fazer o aluno olhar para si e compreender a importância de se estudar as sociedades humanas, fazendo com que eles percebam que também são sujeitos históricos.

Querendo conhecer um pouco sobre a metodologia no ensino de história, e o interesse pela parte teórica da disciplina, abordamos os professores sobre **os principais materiais didáticos utilizados por eles em suas aulas e se os mesmos percebem se os estudantes sabem fazer uso do conhecimento histórico.**

O professor Sousa indicou que faz parte do seu uso em sala de aula de textos, fotografias, músicas, filmes, imagens, mapas, dentre outros e que percebe alguns estudantes abertos à compreensão dessa parte da disciplina, desde que o professor saiba conduzir a leitura e o processo de forma didática. Segundo ele:

A maioria não sabe fazer uso do conhecimento histórico não entendem que a história é algo vivo e que eles próprios são autores desse processo, uma vez que, como afirma o historiador Marc Bloch: A História é ciência que estuda o homem num determinado tempo e lugar. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

A professora Matias faz uso do livro didático e da *internet*, e por sua vez acha que os estudantes não se interessam pela teoria da história e que eles não sabem fazer uso das informações históricas.

A professora Pereira exemplificou os livros didáticos, mapas, globos, *slides*, documentários, filmes e algumas fontes possíveis, como fósseis e fotografias. Relatou que nem todos se interessam pela teoria da história, somente alguns estudantes desenvolvem gosto pela disciplina e apresentam consciência crítica sobre o contexto histórico. Na opinião da professora nem sempre estes estudantes se interessam e sabem utilizá-la em seu cotidiano. Segundo a mesma:

Diante do que está acontecendo em nosso país, vejo muitos jovens com pensamentos conservadores. Posso perceber isso nos atos de racismo, machismo, homofobia e o patriarcalismo, que claramente é um atraso, visto a diversidade de gêneros e culturas do nosso país. (PEREIRA; entrevista concedida em 19/07/20)

A professora Moraes se utiliza de filmes e de livros didáticos, imagens e percebe que alguns se interessam pelos ensinamentos históricos, durante a sua trajetória profissional ela tem percebido que aqueles poucos que se identificam com a disciplina levam esse conhecimento adiante.

Percebemos em todos os relatos dos professores sobre o ensino aprendizagem de contextos teóricos de história a narrativa específica sobre a dificuldade em trabalhar com a teoria histórica e da falta de interesse pela disciplina, por isso a necessidade de discutir e pensar estratégias que amenizem essa dificuldade. Sem o conhecimento teórico, voltado à discussão do papel significativo da história para os indivíduos, só torna permanente aquela visão deturpada que eles têm de ver a história como um amontoado de fatos, que na percepção dos estudantes não tem relação, nem sentido para a vida deles.

Ainda em entrevista, pedimos para que os professores **descrevessem livremente sobre sua aula, a maneira que a prepara, evidenciando as metodologias que se utilizam, destacando os conceitos teóricos de história que mais estão presentes em sua prática**, foi dado exemplos tais quais: patrimônio, historicidade, tempo histórico, consciência histórica,

dentre outros, falados livremente, e que eles nos relatassem suas abordagens históricas, seus recursos utilizados, as dificuldades verificadas em determinada aula, enfim, que eles nos escrevessem o que chamamos de uma “carta dissertativa”¹⁰, como possibilidade de conhecermos melhor sua didática e prática metodológica em sala de aula.

QUADRO 28

Carta dissertativa do Professor Sousa
<p>A escolha de uma aula parte da escolha de uma temática da grade curricular ou de um tema transversal, um planejamento é, sobretudo, um ato político, aquele ato pedagógico está permeado de uma corrente pedagógica, dificilmente você será imparcial na condução da referida aula. Então, geralmente faço uma sequência didática levando em consideração os seguintes aspectos.</p> <p>1º passo: o tema da aula</p> <p>2º passo: o tempo aproximado para o estudo da temática</p> <p>3º passo: os objetivos do estudo daquela temática, lembrando que temos que elaborar uma aula pensando no aluno e não no professor, pois às vezes a aula é excelente para o professor e péssima para o aluno.</p> <p>4º passo: preparação prévia do material a ser utilizado: livro, filmes, músicas, textos e outros. Pensar também num plano B- Pois às vezes você planeja uma aula, mas que por algum motivo não foi possível a realização tal como o planejado.</p> <p>5º passo: o tipo de metodologia a da aula: explosiva, seminários, roda de conversa e outras. Em uma aula é importante que se consiga mesclar várias metodologias e também utilizar a inspiração de várias tendências pedagógicas.</p> <p>6º passo: A Avaliação de uma determinada temática é um dos pontos mais complicados para mim, mesmo lendo Luckesi e outros teóricos da educação, ainda é o ponto mais difícil, porque para saber se um aluno aprendeu ou não, e o quanto ele conseguiu compreender daquela temática são necessários vários instrumentos avaliativos; por isso que, devemos possibilitar as mais variadas formas de avaliação: escrita, oral, teatro e outros mais e ainda assim, ainda não é completa porque é algo bastante subjetivo. Por isso, tento disponibilizar esses vários instrumentos para que avaliação dele não seja tão injusta.</p> <p>7º passo: são as referências, pois como falei na aula anterior, o referencial teórico é muito importante na elaboração de uma aula, pois é a partir dele que é possível compreender a vertente pedagógica daquela aula.</p>

Observamos que o planejamento descrito pelo professor se revela bastante detalhado em todos os aspectos que uma aula deve envolver, descrevendo desde os objetivos que ele espera alcançar na aula, a metodologia que utilizará e descrevendo uma dificuldade que não se verifica somente em sua prática, como na de muitos professores que é a dificuldade de avaliar, pois, segundo ele, deve ser feito uso de diversos instrumentos que

¹⁰ Escolhemos o termo Carta dissertativa, na intenção de que o professor descrevesse livremente sobre a sua prática metodológica. O esboço dessa carta foi enviado por *e-mail* a cada um dos participantes.

amparem o professor na compreensão de que realmente houve aprendizagem por parte dos estudantes, já que a aprendizagem não acontece de forma igual para todos os envolvidos no processo. O professor não detalhou quais são os principais conceitos teóricos da disciplina de história trabalhados em suas aulas, mas, ao longo de sua entrevista podemos perceber que ele exemplifica muitos questionamentos históricos através de conceitos.

QUADRO 29

Carta dissertativa da Professora Matias
<p>Preparo uma aula, primeiramente pensando na receptividade do aluno, depois penso em sua realidade, como posso usá-la para ele entender o conteúdo. Abordo tudo que posso. Utilizo todos os conceitos necessários, utilizo do livro e da <i>internet</i>. Entro no cotidiano e na linguagem do aluno para chamar sua atenção. Porém, as perspectivas não são boas, pois vejo eles perdendo seus ideais e seus valores.</p>

Na carta dissertativa da professora Matias, e ao longo da entrevista concedida, percebemos que um dos principais problemas apontado é o desinteresse do estudante em aprender história. A docente relata que tenta usar um vocabulário próximo ao entendimento mais pessoal do aluno. Embora na carta dissertativa ela tenha relatado que faça uso de vários conceitos, a referida professora não citou nenhum deles, entre os que foram exemplificados no pedido do texto da carta dissertativa, ou outros dos quais ela faz uso em sala de aula. Ela disse que percebe que os estudantes têm um profundo desinteresse pelas aulas e que estão perdendo seus ideais, seus valores se demonstrando muito dispersos nas aulas.

QUADRO 30

Carta dissertativa da Professora Pereira
<p>Ao preparar minhas aulas de História, busco aparatos em várias fontes, busco também diversificar as metodologias que correspondam às necessidades de cada turma, já que apresentam habilidades de aprendizagem heterogêneas.</p> <p>Ao ministrar uma aula sobre a Introdução ao Estudo da História, o primeiro passo que utilizo é pedir para a turma fazer uma leitura do conteúdo, fichando as dúvidas ou curiosidades, depois faço uma explanação com esquema no quadro ou em slides. Se isso não contemplar esses requisitos dos alunos, faço uma segunda explanação, dos que não foram contemplados.</p> <p>Busco trabalhar vários conceitos teóricos, como cultura, historicidade, tempo histórico e espaço, conceito histórico, entre outros, utilizando mapas, fósseis, globos, gravuras</p>

rupestres, linhas do tempo, etc.

Contudo, diante de todo meu esforço, me deparo com várias dificuldades, como o despreparo de vários estudantes, que os leva ao descaso com a matéria, falta de leitura, motivação, falta de recursos tecnológicos e materiais de apoio.

Mesmo diante de todas essas dificuldades, busco fazer sempre o melhor nas minhas aulas e como cidadã, pois, como historiadora tenho gosto e amor pelo que faço: o esforço para tornar meus alunos e pessoas ao meu redor cidadãos conscientes e reflexivos.

A professora Pereira menciona em sua carta dissertativa a importância da leitura para que haja uma melhor compreensão do conteúdo a ser aprendido, e que os próprios estudantes fichem, anotem os principais pontos que mais chamou a sua atenção. A docente relatou quais são os conceitos históricos que estão presentes em suas aulas, tais quais: cultura, historicidade, tempo histórico, dentre outros que não foram citados.

QUADRO 31

Carta dissertativa da professora Morais

Nas minhas aulas eu tento aplicar um dos métodos que eu acho mais viável para o modelo de ensino que a gente tem no país na educação pública, principalmente no Estado de Pernambuco. Mesmo tendo aquela preocupação que a gente sabe em relação ao Estado. Mas eu tento trabalhar sempre com um conceito mais ligado à metodologia de Paulo Freire acredito que elas são as mais viáveis, apesar de inúmeras outras que existem, coma a construtivista. Essa ideia mais montessoriana, mas eu acho que elas cabem mais nas escolas privadas. Na escola Pública, como um todo eu acredito na metodologia de Paulo Freire que trabalha na perspectiva de transformar o aluno em um agente da própria história, desenvolver nele essa coisa mais da curiosidade.

Diante disso eu costumo dentro do contexto de mais normalidade, que não é o que estamos vivendo esse ano, infelizmente, eu tento trabalhar com projeto de pesquisa, projetos que eles vão desenvolver, e apresentar. Geralmente eu crio salas temáticas. Aliás, eles criam, eu dou a ideia e eles desenvolvem. Eu acredito que existe uma possibilidade maior nesse tipo de aula deles desenvolverem realmente um aprendizado e da gente observar mais o desenvolvimento do aluno.

Gosto muito de trabalhar com o conceito de história ligada ao tempo histórico, pois a partir desse conceito facilita tentar vislumbrar o passado no presente. Então, é um dos conceitos que costumo trabalhar. Tanto que quando vou trabalhar, por exemplo, civilizações egípcias lá no tempo da civilização eu sempre início com uma história mais presente à realidade local e a história deles, tendo trabalhado a história dos rios próximos à região dos alunos para poder falar sobre a importância dos rios no desenvolvimento dessas civilizações

Em relação aos recursos são poucos para um trabalho mais dinâmico, mas aí, eu costumo utilizar em sala de aula utilizar slides, gosto muito de trabalho de pesquisa que eles apresentam, sejam em um seminário, sempre criando essas salas temáticas, pois eles gostam também dessa ideia e ficam mais autônomos para construir a partir dos fatos que eles vão estudar. Gosto de levar também músicas, textos, às vezes textos mais poéticos, outros não. Dentro das condições de recursos que a própria escola oferece, pois temos laboratórios que não funcionam, laboratórios de informática sucateados com computadores e mídias que não

funcionam.

O trabalho efetivo se torna difícil pelo tempo e número de aulas que a gente tem. Tem que correr de uma sala para outra. Mas sempre em uma aula estou trazendo o passado, o presente, essa ligação. Eles acham interessantes. Estou tentando ouvir mais eles, como eles percebem determinados fatos históricos, algumas coisas que aconteceram lá no passado como percebem hoje. Gosto de pedir que eles criem conceitos para determinadas fatos que estão sendo trabalhados.

Percebemos no relato da carta dissertativa da professora Morais a presença de diversas ferramentas metodológicas atreladas às suas aulas. Ela aponta como algo que coopera para a aprendizagem histórica o desenvolvimento de salas temáticas, uma das metodologias utilizadas pela escola que trabalha com projetos específicos por áreas, na parte de currículo diversificado e complementar da carga horária oferecida como proposta às escolas de referência em ensino médio. O relato de dificuldade de oferta material didático é outra realidade observada nas entrevistas dos professores de ambas as escolas. A professora Morais mencionou o uso do conceito de tempo histórico e a importância de se fazer a ligação entre o passado e o presente, a partir de sua própria abordagem metodológica em sala de aula diante dos estudantes.

Para Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004, p.62), conceitos podem ser considerados “Possibilidades cognitivas que os indivíduos têm na memória disponíveis para os arranjos que mobilizem de forma conveniente, suas capacidades informativas e combinatórias.” Para estas autoras, o estudo de conceitos, possibilita o que elas chamam de poder conceitual, um poder que gera no estudante a possibilidade de ordenar os elementos científicos da realidade social a qual ele se encontra atrelado e que o auxilia na organização e interpretação do mundo, conseguindo construir categorias que ajudam a explicar essa realidade social a qual ele está inserido.

Notamos que os professores não fizeram menção ao uso do conceito de consciência histórica, muito citado nas pesquisas atuais, relacionadas ao universo acadêmico, mas ainda ausente dos debates teóricos da sala de aula da Educação Básica. Muitos professores podem estar trabalhando a ideia de reconhecimento das temporalidades, da ligação dos indivíduos com o tempo e o espaço histórico, atrelados à vida prática dos estudantes, sem associá-los necessariamente ao conceito de consciência histórica. Percebe-se que é um conceito muito novo na realidade das escolas públicas pesquisadas e que muito contribuiria para compreensão temporal da vida prática, como veremos abaixo.

2.7 História, tempo e orientação para a vida prática na perspectiva dos docentes

“O passado, bem como o presente, exige considerável conhecimento histórico.”

(Peter Lee, 2016)

Estamos discutindo neste trabalho a relação da aprendizagem histórica, mais especificamente a relação do ensino de história com o uso de conceitos teóricos de história, como forma de compreendermos a relação da consciência histórica a nossa vida prática e porque se faz necessária sua compreensão.

Para Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004) o ensino de História implica um trabalho diário com as temporalidades. Toda aula de história relaciona com se um: “Jogar com o tempo” (2004, p. 75), destacando o papel que os historiadores têm para a compreensão do próprio passado como uma reconstrução que serve para dar luz às questões que eles mesmos colocaram baseadas em seu presente. As autoras dizem que: “A ideia de dar um sentido ao presente, tendo como referência o passado, é o cerne da utilidade social da História.” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 76). E esse sentido nos abre um leque de possibilidades, pois dele sempre surgem novas questões colocadas sobre o passado que não cessam de evoluir e que por isso mesmo não permite dizer que exista um discurso historiográfico definitivo.

Esse estudo sobre o tempo nos permite perceber a existência de uma profundidade temporal, fornecendo referências sobre outras épocas, diferenciando-as do contexto que se vive no hoje, abrindo a possibilidade de conhecer a história do outro, que por sua vez, reflete no conhecimento sobre nós mesmos, para, segundo as autoras Schmidt e Cainelli, (2004), ajudar na compreensão da alteridade, embora elas concordem que esse é um grande desafio que ainda temos ao ensino de história.

Perguntamos, nas entrevistas concedidas **a opinião dos professores sobre a percepção deles em relação à existência de uma ligação da história com a vida prática**, e o professor Sousa relatou que se faz necessário entender que a própria situação de vida dos estudantes é o resultado de um processo histórico de racismo, de preconceito, de expropriação de terra, segundo ele: “A educação foi idealizada pra beneficiar um grupo. Entender a situação que você vive foi, e é, uma produção material e é isso que debato com eles.” (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

Para a professora Matias, que é evangélica desde a infância, é necessário para essa orientação com a vida prática aliar o estudo da história, com o estudo da Bíblia Sagrada, assim, as duas, bíblia e conhecimento histórico, esclarecem e orientam.

A ligação da história com a vida prática, para a professora Pereira, gera uma reflexão na própria forma de pensar: “Por exemplo, na economia, na política, na cultura, enfim, na sociedade como um todo.” (PEREIRA; entrevista concedida em 19/07/20).

A professora Moraes disse que para isso acontecer busca ter uma prática em consonância com o seu discurso, que sempre se apresenta recheado de aprendizado relacionado à história.

Adentrando nos aspectos temporais da História, SCHMIDT (2008) ao fazer uma análise sobre a teoria de Jörn Rüsen nos diz que a consciência histórica é uma forma de aprendizagem que se verifica na vida prática e que tem como elemento essencial o tempo, e que poderíamos fazer uma síntese através da percepção temporal, da utilização dela na vida prática através da fala, recorrendo às lembranças interpretadas na vida cotidiana.

Perguntamos aos professores participantes da pesquisa **qual a relação da história com o tempo**. O professor Sousa respondeu da seguinte forma:

Bem, sabemos que pra existências da ciência História: Marc Bloch criou três categorias essenciais: homem. Lugar e tempo. A relação do tempo com a história vou responder com um poema de Carlos Drummond:

Mãos dadas:

“Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente.”

Uso muito a poesia nas minhas aulas, os personagens são fictícios, mas os contextos são históricos. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

Observamos no depoimento poético do professor a observação que Jörn Rüsen (2001) faz em relação a nossa consciência histórica, a forma que ela tem de penetrar no passado a partir de nossa experiência com o presente e de falar no tempo atual, com base nas nossas carências de orientação temporal. Para o autor é essa associação do presente com

conhecimentos do passado que preenche essa carência de orientação, gerando uma relação dinâmica com nossa vivência entre os tempos.

O professor Sousa destaca também em sua fala a ligação da história com sua construção identitária. Para ele:

Foi a partir da do meu entendimento sobre história que passei a valorizar mais quem eu sou: minha fala, meu jeito, o gosto musical, minha origem camponesa e sertaneja. Negar sua identidade é negar sua essência, existe toda uma indústria cultural que prega uma homogeneização da cultura e muitos jovens para se sentir globalizado, negam sua identidade. Então, entra a história para desmistificar essa ideologia dominante. Voltando a minha infância, quando tinha de oito pra nove anos surgiu uma dupla sertaneja: Leandro e Leonardo; ainda hoje gosto das músicas, pois aquilo fez parte da minha identidade pessoal e musical. Depois tive acesso a todo o repertório da Música popular brasileira, gosto de Chico Buarque, Gonzaguinha, Gil e tantos outros e isso não impede que eu goste de Música sertaneja, pois faz parte de minha identidade. (SOUSA; entrevista concedida em 30/06/20).

O papel da história para este professor seria despertar uma leitura de mundo consciente em seus educandos. Para ele, sem dúvidas foi a história que lhe fez tornar-se um ser menos preconceituoso, levando-o a valorizar mais a sua identidade, proporcionando ao mesmo uma leitura de mundo bastante crítica e consciente.

A professora Matias deu uma resposta sintética, porém muito direta sobre o que ela acredita que possa ser essa relação da história com o tempo: “A história marca e esclarece o tempo.” (MATIAS; entrevista concedida em 10/07/20). Disse-nos ainda, que a história auxilia na sua formação social e pessoal e cumpre um papel primordial e esclarecedor. Os conhecimentos de história, na opinião da professora: “Esclarecem, orientam e direcionam a todos.” (MATIAS; entrevista concedida em 10/07/20).

A professora Pereira comentou que na sua compreensão, a relação da história com o tempo nos faz entender que embora a história siga um tempo linear, ela é capaz de transformações positivas na construção de seres pensantes que possam aprender com as diversas formas de sociedade. Percebe que tudo o que acontece em sociedade e no cotidiano serve para a aprendizagem histórica, pois aprendemos com a história diariamente. Para ela a história é vista como: “Um veículo de transformações de pensamentos, isto é, na formação do caráter do indivíduo, para a construção de uma sociedade mais humana e igualitária.” (PEREIRA; entrevista concedida em 19/07/20). Esta professora vê diferença através da aprendizagem histórica até mesmo com relação à sua renda, ligada à sua profissão como professora. Na sua formação como cidadã está presente também, o que ela pode compreender

sobre história, percebendo uma melhora fundamental em seu senso crítico, que por sua vez, reflete na criação de seus filhos e no trabalho com seus alunos.

Já a professora Morais, disse que a relação da história com o tempo é perceptível dentro de uma relação cíclica e linear. E que a história é essencial, além de ajudar na construção da identidade própria e social para qualquer pessoa que saiba dialogar com os fatos. Para ela, os conhecimentos que possui sobre história faz muita diferença em sua vida, pois: “Possibilita a cada dia apurar meu olhar em relação às mudanças que ocorrem na sociedade, bem como permite melhorar o meu seu senso crítico não somente relacionado às mudanças necessárias como também em relação às permanências.” (MORAIS; entrevista concedida em 01/09/2020).

Diante das respostas apontadas pelos entrevistados e das várias perspectivas sobre a relação do tempo com a história relatada pelos professores, Sônia Regina Miranda (2013) diz que existe uma complexidade de atribuição de sentido ao tempo, dentro da história, pois muitas vezes ele está diluído no meio de outros componentes, ou outros contextos escolares considerados mais importantes, e que esse estudo do sentido do tempo se torna um grande desafio para o professor e para o estudante desenvolver em sala de aula, já que esse trabalho depende de suas decisões didáticas.

No aspecto de ensino do conceito de tempo, Sônia Miranda (2013) diz que ainda se constitui uma tarefa bastante desafiadora apresentar no ensino de história reflexões que abordem aspectos sobre o tempo e que continua sendo difícil ensinar pautado em uma sensibilidade histórica, problematizando as temporalidades vividas e fazendo uso dessas conexões entre o passado e o presente.

Para Miranda (2013) é preciso percorrer caminhos metodológicos à procura de uma história que ensine a historiar. Esse é um dos grandes desafios que se apresentam para o trabalho do professor de história cotidianamente.

A partir dessa abordagem sobre a compreensão do tempo, propusemos uma discussão sobre a forma dos professores relatarem ou perceberem a relação do tempo passado com o tempo presente, contemplando a forma que eles observam essas relações temporais que se apresentam como desafiadoras ao ensino de história, que veremos a seguir.

2.8 O passado participa do presente? A consciência histórica em ação

“O homem não conserva o passado na memória, como os gelos do Norte conservam frigidificados

os mamutes milenários. Parte do presente, e, é sempre através dele que conhece e que interpreta o passado”.

(Lucien Febvre, *Combates pela História*, p. 25, 1989)

Ao longo desse trabalho estamos verificando a relação da aprendizagem histórica, mais especificamente a relação do ensino-aprendizagem de história com o uso de conceitos teóricos de história, da relação entre as temporalidades, da interpretação do passado a partir do presente, como forma de compreendermos o que seja a consciência histórica.

No primeiro capítulo de seu livro *Ensino de História e Consciência histórica* (2011), Luís Fernando Cerri nos faz uma pergunta muito interessante, levando-nos a refletir sobre o que adentra no conceito de consciência histórica: “Até que ponto o passado participa do nosso presente?” (CERRI, 2011, p.19) No seu entendimento, o passado deixa de ser estático à medida que dele nos apropriamos para conseguirmos explicar situações do presente e algumas situações que viríamos a vivenciar no futuro, ou de uma perspectiva que passamos a ter sobre ele.

Trabalhar com conceitos históricos no Ensino Médio é algo muito importante. Para Reis (2006) os conceitos constituem tanto a história vivida, quanto a história do conhecimento. A consciência histórica como já vimos até aqui se apresenta como uma aquisição própria dos seres humanos. (RÜSEN, 2001; HELLER, 1993; CERRI, 2011), pois, ao pensar historicamente como, por exemplo, fazendo essa interligação do presente com o passado para se ter uma perspectiva de futuro, tem-se uma base de pensamento histórico importante para o uso na vida prática.

É necessário darmos significado ao tempo, a esse fluxo que é a vida e as transformações espaciais e temporais que verificamos nela, para termos uma interpretação de mundo, uma noção importante de identidade individual e coletiva, uma preparação para uma intencionalidade de agir e de modificar a própria realidade. Já que: “O mundo é histórico porque queremos ir além do que temos e somos.” (CERRI, 2011, p. 30).

Este autor confirma essa relação de uso do passado e da participação dele no nosso presente e planejamento do futuro ao dizer que: “O presente – bem como o futuro – depende de um passado relativamente móvel, que possa ser relido.” (CERRI, 2011, p.12). Essa releitura é condição essencial para um direcionamento do agir intencionalmente na vida cotidiana.

Dentro dessa perspectiva, essa pergunta feita no início desse tópico foi direcionada na entrevista dos professores para uma reflexão sobre os seus pontos de vista sobre essa importância do passado como forma de análise sobre o tempo e a vida presente. Já que tratamos de um tema teórico nos traria uma reflexão, a partir de uma pergunta que nos conduzissem a noção da importância da consciência histórica.

Para Luiz Fernando Cerri: “Falar em consciência histórica implica uma definição muito ampla de história, como tempo significado.” (CERRI, 2011, p. 48). E o autor explica que tempo não é passado, e que essa consciência histórica sobre a qual falamos não é a memória. Seria algo bem mais profundo, pois, tempo significado é aquele que passou por um processo de entendimento, que gerou perspectiva e que, por sua vez, faz parte de um processo maior e mais dinâmico utilizado no cotidiano para nos direcionar, seja através de nossas atitudes, como também através de nossa narrativa que direciona a uma vida prática.

Com base nessa compreensão fizemos duas perguntas aos professores participantes da pesquisa, no intuito de analisar sua compreensão sobre essas funções da consciência histórica e da compreensão do passado.

1- O que você compreende pelo conceito de Consciência Histórica?

QUADRO 32 - NARRATIVA DO PROFESSOR REFERENTE À QUESTÃO 1

Professor Sousa
<p>Bem, no meu entendimento consciência histórica é compreender que somos produtos de uma sociedade, perceber as transformações políticas e sociais, econômicas, religiosas, ideológica. Temos que ter cuidado também para não julgar o passado, tendo como referência os valores presentes, porque isso é o que a gente chama de anacronismo, então, consciência histórica para mim é saber onde estou diante do contexto social, conseguir fazer uma leitura de mundo, perceber como o sujeito de uma determinada sociedade, é mesmo eu fazer uma coisa, mas eu sei que aquilo faz parte de um projeto político ideológico, então para mim a consciência histórica é se perceber como um ser social dentro da sociedade.</p>

Fica bem evidente na compreensão do professor que a consciência histórica seria uma compreensão do seu lugar e do nosso papel na vivência em sociedade, ele fez a colocação de diferenciar o que aconteceu no passado não o tomando puramente, por exemplo, destacando a questão do anacronismo. Essa ideia de usar a consciência histórica como uma forma de fazer uma leitura de mundo é uma necessidade ofertada pela vida social e pela história da qual fazemos parte.

QUADRO 33 – NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 1

Professora Matias
<p>Consciência histórica, bom, eu entendo que o indivíduo que tem uma consciência histórica, primeiro ele estuda história, ele estuda e interpreta a história, por uma questão de necessidade, então, se você estudou, se você compreendeu você desenvolveu a consciência e nesse caso, se você estudou a história, se você pesquisou, se você interpretou, se você produziu alguma coisa, você desenvolveu uma consciência histórica, e a partir do momento que você desenvolveu essa consciência então tudo o que você faz, tudo o que você escreve, tudo o que você pensa, tudo o que você defende é baseado ou é respaldado nessa consciência histórica que você desenvolveu, então, a história ela norteia as pessoas. Por quê? Porque ela está dando um norte a pessoa? Porque ela já sabe o que aconteceu lá atrás, ela sabe que a história se repete, ela sabe que os sujeitos mudam, mas o comportamento acaba sendo o mesmo, as razões continuam sendo as mesmas, mesmo os tempos mudando, então isso norteia a pessoa e também está norteando porque ela desenvolveu essa consciência.</p>

Para a professora Matias, a consciência histórica está relacionada ao estudo e compreensão da história, norteando a partir dali o que será feito pelo indivíduo, servindo para orientar ações e comportamentos. Ela faz referência a uma repetição da história, mudam-se os sujeitos, muda-se o tempo, mas, surgem fatos e ações semelhantes e o indivíduo tem a noção desse evento de retorno das ações. A consciência histórica seria então, a norteadora do comportamento humano dentro da história.

QUADRO 34 – NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 1

Professora Pereira
<p>Consciência Histórica é, eu acho que é assim: é o indivíduo saber de onde veio, ou melhor, a sua origem, ter consciência de seu passado histórico e assim, tentar buscar compreender o que ele foi e o que ele é no mundo atual.</p>

Já a professora Pereira compreende a consciência histórica como uma forma de nortear a origem da pessoa, como se estivesse ligada à busca pela sua identidade, relacionando-a ao seu passado histórico, através do conhecimento que ele tem sobre esse passado. Uma forma de se perceber através da busca e do conhecimento sobre o seu passado

histórico, gerando uma forma de se reconhecer como era no princípio e como se enxerga no mundo atual, para conhecer sua identidade pessoal.

QUADRO 35 – NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 1

Professora Morais
<p>A consciência histórica, no meu ponto de vista, ocorre a partir da interpretação dos fatos. Os fatos em si não compreendem uma possível tomada de consciência em relação à história presente no espaço e no tempo o qual ele acontece. Tudo parte de uma interpretação que se inicia com o diálogo entre os fatos e o interlocutor, nascendo a partir daí a construção de uma narrativa que possibilitará uma tomada de “consciência histórica”. Aí, não cabe a mim interpretá-la como verdadeira ou não; aceitável ou não. Mas tentar perceber que tudo parte de um ponto de vista já muitas vezes recheado de ideologias que permeiam o resultado. Seria interessante que o pesquisador se mantivesse o mais afastado possível do seu objeto de estudo, para que o mesmo não fosse “contaminado” pelas influências ideológicas existentes, ou mesmos pré-existentes, na narrativa do pesquisador.</p>

Consciência histórica para a professora Matias é uma interpretação dos fatos históricos, pois os fatos por si só não direcionam, o diálogo gerado através da tomada da consciência histórica com esses fatos, gerariam essa interpretação, levando em consideração a interpretação individual que cada um faz deles.

A segunda pergunta, direcionada aos entrevistados, ainda se referindo à compreensão conceitual de consciência histórica foi relacionada ao questionamento de CERRI (2011), sobre a participação do passado no presente para análise do ponto de vista dos professores entrevistados. Buscou verificar a percepção dos professores sobre essa relação entre as temporalidades históricas.

2- Até que ponto o passado participa do presente?

QUADRO 36 – NARRATIVA DO PROFESSOR REFERENTE À QUESTÃO 2

Professor Sousa
<p>É, eu penso que trabalhar como o passado e com o presente é fantástico para a história, então, é por meio do passado que a gente consegue compreender as transformações históricas o tempo do lugar, então, nós estamos arraigados no nosso passado, então o homem presente ele é produto de um passado, os tipos de músicas que ele gosta, os modelos de escola que ele idealiza, por isso que muitas pessoas que participaram de um tipo de educação de escola, ela sempre tem esse saudosismo de visitar a escola, que a dele</p>

era assim, que era assim que dava certo, mas ele não acompanhou as transformações sociais, para ele é um impacto muito grande, a forma de educar os filhos era outra, e a gente ainda repete muita coisa do nosso passado para com os nossos filhos, muitos valores. É, eu vejo assim, as mães são tão machistas quanto os pais em relação à criação dos filhos mesmo que seja de forma consciente, ou inconsciente, então para mim, o presente é uma adaptação do passado, é... (pausa) nossa cultura apesar da transformação mais rápida tem muita coisa em nós, então assim, essa pergunta cabe muita a frase da música de Cazuza: O tempo não para, quando ele diz assim: “eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para”. Então, muita coisa que a gente faz no presente, no passado já existia também, e a gente só está reproduzindo, então, eu penso dessa forma.

Para o professor Sousa, o passado está arraigado em nosso presente, seria através dele a maneira de percebermos as transformações em nossa volta. Para ele, o homem do presente é fruto do passado, A analogia que ele fez com a música de Cazuza demonstra sua percepção sobre o tema que o passado está no presente, que algumas coisas se repetem e, que segundo seu pensamento, já existiam também em outros tempos.

QUADRO 37– NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 2

Professora Matias

Na verdade, não tem limites, eu não entendo que tenha um limite, por quê? Porque eu acho que em todo o momento o passado está interferindo, está vindo para o nosso presente, porque assim, aconteceu, e aí, isso serve de referência, de lição, isso serve de exemplo, você quer saber quem você é, para onde você vai? Para o futuro? Não! Você vai para o passado e aí você quer entender por que é assim, por que sua família é assim, por que a sociedade é assim, não é lá no futuro que você vai buscar as respostas, é lá no passado, então, o que passou é importante para você... é aquela famosa frase, para você não repetir os erros, e aprender com eles, então, está no passado, você leu, você estudou, você aprendeu, você toma aquilo como exemplo para o seu presente e você sabe, a gente sabe que a história se repete, então, só isso já é a resposta, a história se repete. Então, o passado está se repetindo, em outro século, em outra cultura, em outras pessoas, mas, ele se repete, e aí, o que está acontecendo no presente, você entende se você retornar ao passado, então, ele está sempre interferindo, ele está sempre vindo, a gente está sempre buscando. A Igreja Adventista tem um curso de teologia, como todas as igrejas e as pessoas sabem que tem esse curso de teologia, mas a igreja adventista ela tem uma escola bíblica que é historicista, porque o livro de Daniel e de Apocalipse ele é extremamente complicado, e a Igreja ela busca na história a interpretação das profecias, e para saber se as profecias já se cumpriram ou não, é na história que elas vão buscar, então, muitas coisas que os padres, os pastores, os teólogos e os pesquisadores não entendem, então, eles vão lá para a história, eles buscam na história para ver o que já se cumpriu, então eles estudam a história para ver se as profecias já se cumpriram e que todas aquelas frases de duplo sentido, todas aquelas coisas complicadas do Apocalipse, quando eles começam a estudar essas coisas complicadas começam a se explicar, mas elas se explicam porque a história dar à luz para a

interpretação.

Para a professora Matias a participação do passado no presente é ilimitada, pois, a todo momento, o passado está interferindo no presente, servindo ao presente, através de seus exemplos. Sempre que os indivíduos querem se conhecer, ou conseguir respostas para determinado problema, ou situação é ao passado que eles recorrem. O conhecimento do passado, através da análise despertada pela atualidade, traz respostas para muitos questionamentos propostos pelo tempo presente, inclusive através de abordagens religiosas.

QUADRO 38 – NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 2

Professora Pereira
Eu acho que em todos os momentos de nossas vidas, porque é olhando o nosso passado que podemos viver de forma coerente e consciente. E é também com base nesse passado que podemos exercer nossa cidadania.

Na percepção da professora Pereira o passado participa de todas as etapas da vida e possibilita uma relação mais consciente com a sociedade e com o exercício da cidadania.

QUADRO 39 – NARRATIVA DA PROFESSORA REFERENTE À QUESTÃO 2

Professora Morais
Costumo dizer que não existe presente sem passado. Apesar de a humanidade seguir em uma evolução linear, no que diz respeito a sua própria existência, a história produzida pelas sociedades humanas tem um curso diferente: ela, ao mesmo tempo, em que parece seguir em uma linha reta com novas descobertas e mudanças sociais, culturais e tecnológicas, é perceptível a ocorrência de fatos semelhantes aos ocorridos outrora, muitos deles vinculados diretamente ao comportamento humano. Sendo assim, a história é feita de mudanças e permanências, fazendo com que passado e presente sejam próximos e interligados.

A professora Morais, ver uma dependência entre presente e passado, observa o tempo de forma linear, que por sua vez traz muitas mudanças, mas verifica a participação do passado no presente através da ocorrência de fatos semelhantes e da proximidade e da interligação entre esses tempos.

Observamos então, uma relação das respostas dos professores à compreensão de Jörn Rüsen (2001), onde o autor nos diz que os tempos por nós conhecidos: passado, presente e futuro fazem parte de uma integração, constituindo a nossa consciência histórica. Para este autor, seria um equívoco compreendermos a consciência histórica, como algo ligado apenas ao passado, ela está intimamente interligada com a nossa relação interpretativa do presente, e é exatamente essa ligação que gera em nós a expectativa em relação ao futuro.

Sobre os estudos e compreensão do passado, Aurélio Fernandes nos diz que:

A compreensão desse passado deve ser mobilizada na orientação temporal dos sujeitos que se embasa na preocupação com o saber histórico, com o pensar historicamente dos alunos e dos professores. A partir dessa relação dialógica entre professor e aluno na aula de História, pautada pela prática investigativa, é possível a produção de diferentes e enriquecedoras leituras de mundo. Exatamente a partir da constatação da importância do aprendizado histórico e do entendimento das formas de consciência histórica para compreender o pensamento histórico dos indivíduos. (FERNANDES, 2016, p. 18)

Para Fernandes (2016), essa compreensão do passado, no presente, como forma de orientação, como vista até aqui, faz parte da construção do saber histórico tanto do professor, quanto do estudante, possibilitando através desse exercício a aprendizagem histórica de ambos, e a colocação em prática de suas consciências históricas.

Selva Guimarães acrescenta nessa discussão que a formação dessa consciência histórica nos indivíduos se processa dentro do próprio decorrer histórico, e das relações sociais, culturais e políticas e também nas discussões da disciplina escolar de história, pois ela possibilita: “A formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, potencializando a intervenção social, a práxis individual e coletiva.” (GUIMARÃES, 2012, p. 144).

Outro ponto destacado pela autora (GUIMARÃES, 2012), é a dificuldade de conhecimento dessa consciência histórica dos estudantes, como citada pelos professores ao revelar as dificuldades em trabalhar aspectos teóricos e conceituais no ensino de história, já que esse não é um aspecto que se aprende exclusivamente na escola. O desenvolvimento da consciência histórica depende de outros espaços, de muitos outros questionamentos e não está atrelado apenas ao ensino-aprendizagem de história.

Com relação ao ensino de História, segundo Nilton Mullet Pereira (2018), é preciso desenvolver uma aula de história que se constitua através de diálogos, não se reduzindo a estudar causas e fatos, mas gerando uma abertura diante da experiência do outro e

das experiências de si mesmo. O autor observa que diante de cada enunciação e estudo de conceitos históricos tem-se um modo específico de expressão do conhecimento histórico relacionado aos saberes e às práticas sociais. A aula de história, para PEREIRA (2018) seria a oportunidade de fazer uma “decolonialidade” do tempo, ela, a aula, constrói os modos de expressão desses conceitos necessários ao estudo da história, e atingindo os modos de expressão dos estudantes se teria uma aula de história que provocaria uma hesitação. Essa hesitação, por sua vez, provocaria um espaço de criar, observando cada estudante e provocando esses diálogos e as escutas necessárias para a interação e aprendizagem histórica, e, construindo:

Conceitos para pensar a aula de História e seus modos de expressão, seus encontros e suas relações, modos de expressão dos conceitos históricos. É como se a expressão dos conceitos históricos em sala de aula se nutrisse dessa hesitação que tanto falo, na medida em que cria um não lugar, uma neutralidade que, sem a prisão dos objetos e dos sujeitos, permite a criação conceitual e os encontros que geram aprendizagem, rompendo com a operação temporal criada pela colonialidade do tempo e se abrindo a experiências alheias e estranhas. (PEREIRA, 2018, p. 32).

O que percebemos é que o ensino de história, relacionada ao estudo da teoria e dos conceitos da história representa um desafio necessário à compreensão histórica como um todo dentro da educação básica na realidade das escolas pesquisadas.

O trabalho do professor, além de carregar em si toda a sua marca pessoal e profissional, e de ser construído no decorrer de sua prática docente, ainda envolve uma preocupação subjetiva e individual, que se processa em um meio coletivo, tornando-se complexo, através de uma ética educacional e de um trabalho teórico e prático que perpassam os muros escolares, adentrando a sua casa, a sua rotina pessoal, não sendo resumido de forma alguma ao momento temporal de sala de aula. Exigindo uma reflexão e uma preparação didática constante que não se objetiva somente na prática.

Retomando ao autor Ilmar Matos (2006), o professor define a sua condição de autor que o torna um produtor de sua aula como texto, a partir de uma renovação permanente de suas práticas metodológicas, de suas reflexões sobre sua prática, de suas seletivas buscas de materiais de estudo, resultado de sua prática cotidiana e de sua consciência profissional. Existe um autor que é visto cotidianamente nas escolas, produzindo e disseminando conhecimento e procurando a melhor forma de conduzir o processo de aprendizagem dos estudantes.

Esta é uma profissão, que diferente de tantas outras, acompanha-o aonde ele for, adentrando seus lares, seus espaços sociais, pois a qualquer momento é exigido do professor um “estar ali”, permanente, preparando, planejando, (re) pensando, essa profissão que abarca seus valores e sua própria história de vida.

CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA PARA APRENDIZAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

“A história está viva!” (Selva Guimarães, 2012, p. 232)

Um dos objetivos do Mestrado em Ensino de História, em rede nacional ProfHistória é, através da análise de seu objeto de pesquisa e após a realização dela, propor um material que contribua favoravelmente com esse trabalho complexo que é ensinar e aprender história. Para ajudar a compor a parte propositiva desse trabalho, tendo em vista a apresentação de um material que possibilite levar a presente discussão para o contexto prático das salas de aula, de forma que venha atender uma necessidade observada por essa pesquisa, qual seja aprimorar, ou facilitar o ensino-aprendizagem teórico e conceitual na disciplina de história, de forma reflexiva e significativa, foi essencial ouvir estudantes e professores.

Acrescentamos, nesse ponto da pesquisa, alguns questionamentos aos estudantes para conhecer, de forma mais específica sua percepção sobre o que é a história. Através de respostas direcionadas, para que a partir delas, os estudantes pudessem ler e refletir sobre aquela que melhor condiz com a sua forma de pensar a história. Abordamos, com questões fechadas e abertas em questionário, perguntas relacionadas à disciplina de história, sendo elas: o que é a história? Em que lugar se adquire conhecimento histórico? Que assuntos você mais gosta de estudar na disciplina? E, o conhecimento de história, adquirido na escola é usado por você no seu dia a dia? De que forma? Suas respostas encontram-se nos quadros abaixo.

3.1 Relatos dos estudantes da Escola Barão de Exu

Quadro 40 – O que é a História?

A História é: (respostas)	Quantitativo
Uma disciplina que estuda o passado e não tem relação com o presente.	04
Uma disciplina que estuda fatos que não relacionados com minha vida pessoal	---
Uma disciplina como qualquer outra da escola, sem meu interesse particular	---
Uma disciplina que orienta nossa relação com o tempo e com a vida prática em sociedade	02
Uma disciplina que explica os problemas e as ações em sociedade	---
Uma forma de compreensão de minha relação com as demais pessoas da sociedade	---
Uma maneira de conhecermos as ações humanas localizadas em um tempo e um espaço.	07
Um pouco dos vestígios da vivência do homem em diferentes épocas.	07

Das respostas analisadas pelos estudantes da Escola Barão de Exu, observamos que o mesmo quantitativo de estudante relacionou a história como o conhecimento dos vestígios humanos, verificados em diferentes épocas, e uma maneira de conhecermos as ações humanas em um tempo e espaço. Percebemos que essa análise dos estudantes se aproxima da teoria de que a história é desenvolvida em um tempo e um lugar e é composta de ações humanas. Os dois estudantes que mencionaram a disciplina como uma orientação da vida prática condizem com o que defendemos nesse trabalho também, que a disciplina deve ofertar saberes reflexivos, relacionados às temporalidades e narrativas que os coloquem em uso na vida prática. Outros quatro estudantes percebem a história como uma disciplina que não os relacionam ao tempo presente, apenas com o passado.

Quadro 41

Em que lugares você mais adquire conhecimento histórico? (respostas)	Quantitativo
Na escola	10
Nos livros	02
Nos locais do cotidiano	----
Nas conversas com outras pessoas da sua sociedade	01
Na <i>internet</i>	05
Nas notícias de jornais e revistas	02

Nessa abordagem, percebemos que a metade dos estudantes adquire conhecimento histórico na escola, seguido pelo que é estudado na *internet*, nos livros, nos noticiários, e, por último, nas conversas pessoais. A escola é o grande lócus, onde se adquire conhecimento histórico, logo, destacamos sua importância frente às mudanças que se espera acontecer no ensino de história.

Quadro 42

Que assuntos você mais gosta de estudar em História? (respostas)	Quantitativo
Guerras e conflitos	07
A evolução tecnológica das sociedades	03
A história antiga	01
Culturas dos povos e grupos sociais	06
Política	03
A vida em sociedade	---
A história dos países	---
A teoria da história (de onde ela veio, sua importância, o que ela estuda, etc.)	---
Outros	---

Sobre os assuntos que eles mais gostam de estudar na disciplina de história, a maioria respondeu gostar de guerras e conflitos, são, geralmente os fatos históricos que mais chamam a atenção dos estudantes, seguida das culturas dos povos e grupos, a política, evolução tecnológica das sociedades e a história antiga. Nenhum estudante citou a teoria da história como algo que está relacionado ao que gosta de estudar em sala de aula.

Quadro 43

O conhecimento sobre história, adquirido na escola é usado por você no seu dia a dia? De que forma?

1. Nas relações pessoais e na escrita	11. Não
2. Ajuda na assimilação de notícias e anúncios	12. Sim, em quase tudo
3. Não	13. Não respondeu
4. Não sei	14. Em conversas com amigos
5. Ao se deparar com situações que lembram outros acontecimentos históricos.	15. O nosso conhecimento sobre o passado acaba influenciando em nosso presente.
6. Muito pouco	16. Uso bastante nas discussões com meu pai, eu passando o conhecimento para ele e ele passando um conhecimento mais antigo para mim.
7. Não uso para nada	17. Para a evolução da sociedade e da tecnologia.
8. Em discussões e de algum impasse tentando não repetir erros que perduraram durante toda uma história.	18. Por enquanto não utilizo em nada.
9. Nas tradições de muitos anos	19. Não.
10. Não.	20. Sim, quando estou escrevendo.

Dos estudantes da Escola mencionada, seis estudantes disseram que não se utilizam do conhecimento histórico em seu dia a dia. Um não respondeu, outro relatou não saber, e os demais destacaram que esse conhecimento ajuda nas relações pessoais, na escrita, em situações que lembram momentos históricos, na evolução da sociedade, nas discussões entre familiares e amigos.

3.2 Relatos dos estudantes da Escola São Vicente de Paula

Quadro 44 – O que é a História?

A História é: (respostas)	Quantitativo
Uma disciplina que estuda o passado e não tem relação com o presente.	05
Uma disciplina que estuda fatos que não relacionados com minha vida pessoal	----
Uma disciplina como qualquer outra da escola, sem meu interesse particular	----
Uma disciplina que orienta nossa relação com o tempo e com a vida prática em sociedade	08
Uma disciplina que explica os problemas e as ações em sociedade	02
Uma forma de compreensão de minha relação com as demais pessoas da sociedade	01
Uma maneira de conhecermos as ações humanas localizadas em um tempo e um espaço.	07

Um pouco dos vestígios da vivência do homem em diferentes épocas.	07
---	----

Na Escola São Vicente de Paula a maioria dos estudantes demarcaram, nas respostas mediadas, a história como a disciplina que orienta a nossa relação com a vida prática em sociedade, dentro de uma análise que tentamos realmente enxergar a aprendizagem, seguidas do conhecimento sobre as ações humanas e sobre o estudo dos vestígios históricos da humanidade em diferentes épocas. Outros citaram a disciplina como forma de conhecer as ações humanas e os vestígios. Cinco estudantes relataram que ela não tem nenhuma relação com o presente, só estuda o passado, outros a destacam como uma forma de compreender as ações humanas, os problemas em sociedade e nossa relação com o tempo.

Quadro 45

Em que lugares você mais adquire conhecimento histórico? (respostas)	Quantitativo
Na escola	18
Nos livros	08
Nos locais do cotidiano	01
Nas conversas com outras pessoas da sua sociedade	02
Na <i>internet</i>	01
Nas notícias de jornais e revistas	----

Nesse próximo questionamento, a grande maioria mencionou a escola como o lugar onde é possível adquirir o conhecimento histórico, seguido dos livros, das conversas com os grupos sociais do seu convívio, nos locais onde vivem, e por último citaram a *internet*.

Quadro 46

Que assuntos você mais gosta de estudar em História? (respostas)	Quantitativo
Guerras e conflitos	07
A evolução tecnológica das sociedades	01
A história antiga	07
Culturas dos povos e grupos sociais	07
Política	01
A vida em sociedade	02
A história dos países	04
A teoria da história (de onde ela veio, sua importância, o que ela estuda, etc.)	01
Outros	-----

Com relação aos assuntos de sua preferência do ensino da história, citaram de forma equiparada as guerras e conflitos, que são assuntos muito marcantes no ensino de história, verificados em muitos eventos ao longo da trajetória da humanidade, a história antiga

e a culturas dos povos e grupos sociais. Em seguida, eles mencionaram a história dos países, a evolução tecnológica das sociedades, a política. Apenas um citou a teoria da história, que seriam os aspectos introdutórios da ciência histórica, que deve estar presente durante todo o processo de aprendizagem histórica, aliados aos estudos conceituais de segunda ordem que esclareceriam sobre as reflexões da ligação da história com sua vida prática.

Quadro 47

O conhecimento sobre história, adquirido na escola é usado por você no seu dia-a-dia?

De que forma?

1. Sim, quando você quer mostrar para alguém que um sistema político do passado é melhor que o de hoje, em uma conversa, quando você cita um fato histórico, etc.	16. Mais ou menos. Eu costumo conversar sobre tópicos históricos em grupos de amigos, mas, é raramente.
2. Na <i>internet</i> e nos jogos.	17. Sim, estudando em casa.
3. Aprendo	18. Não sei.
4. Sim, ao estudarmos a disciplina a visão e percepção do mundo e indivíduo mudam. É como se fosse uma venda tirada dos olhos.	19. Sim, falando com pessoas que não tiveram oportunidade de ter visto.
5. Não.	20. Sim, sobre política, me mostra como era para comparar como é agora.
6. Em debates, com a história, posso ter argumentos fortes.	21. Sim, na cultura, a história do país, ou da cidade.
7. Não sei.	22. Sim, no celular, escola, com os amigos.
8. Não respondeu	23. Sim, de como eu lido com as pessoas, da realidade atual, em políticas, etc.
9. Sim, quando eu pesquiso descubro os fatos, procuro sempre saber sobre história. Ela está ligada à vida.	24. Sim, no conhecimento sobre política, sobre sociedade, etc.
10. Sim, às vezes acontecem coisas que são relacionadas à história.	25. Sim, sempre procuro na <i>internet</i> alguns vestígios antigos sobre a história, sempre é bom aprender sobre a história do nosso Brasil.
11. Não sei.	26. Mais, ou menos, que eu uso quando tem política que foi mais adquirido.
12. Sim, da forma dos conhecimentos das coisas.	27. Não sei.
13. Não sei.	28. Sim, numa forma da sociedade.
14. Sim, mas eu não sei explicar como eu uso.	29. Sim, porque antigamente sabia os dias em algarismos romanos e hoje em calendário.
15. A forma que eu ensino aos que me perguntam é muito simples, sobre o que eu já aprendi.	30. Sim, ensina muitas coisas importantes.

Em relação à utilidade da história no seu dia a dia quatro estudantes responderam que não sabem, outros não souberam explicar exatamente de que maneira. Os demais concordam que utilizam a história no seu dia a dia conhecendo a numeração romana, a política, nas pesquisas feitas na *internet*, nas relações com as pessoas, no conhecimento da cultura, em debates. Chamou a atenção a resposta do estudante 4 ao dizer que ao estudar história nossa visão sobre o mundo e as pessoas mudam, como se retirássemos uma venda dos olhos.

Além da escola, como ambiente profícuo para a aprendizagem histórica, percebemos, principalmente nesse ciclo de anos pandêmicos, 2020, 2021, a necessidade do uso das ferramentas tecnológicas e plataformas digitais ligadas à *internet* em casa. Tivemos interesse em fazer essa pergunta também, para saber como esses estudantes acessam as aulas remotas. Dos estudantes da Escola Barão de Exu 95% relataram estudar através de *smartphones* próprios e 5% com o *smartphone* de outros. Dos estudantes da Escola São Vicente de Paula 76% estudam usando *smartphones* próprios, 16% utilizam computador, ou notebook em casa, 4% utilizam *smartphones* de outros e 4% não acessam a *internet*. Notamos que existe atualmente uma maior facilidade, em termos de acesso à *internet*, e que as famílias se esforçaram para comprar aparelhos, como *smartphones*, para seus filhos estudarem, embora, destacamos aqui, como uma observação da vivência nas escolas da Educação Básica, que essa não é uma realidade em massa.

Com o tipo de trabalho remoto, que teve que ser utilizado durante o ano de 2020 e agora, no ano de 2021, devido à pandemia do Novo Coronavírus, ficou evidente a diferença gritante entre as classes sociais e as inúmeras dificuldades econômicas dos estudantes desse país. Famílias inteiras sem acesso à *internet*, ou que quando tem acesso não dispõem de aparelhos tecnológicos (*smartphones*, *tablets*, *notebooks*, computadores, etc.) para compartilharem entre todos os estudantes de suas residências nos estudos no formato remoto/híbrido.

Os autores Marlene Cainelli e Flávio Batista dos Santos (2014) destacam que existe um dilema trazido pelo uso das tecnologias pelos jovens na atualidade, pois, ao mesmo tempo em que ela abre amplas oportunidades de ensino nas escolas, também se apresenta como uma dificuldade, verificadas pelos educadores, por não saberem como aumentar o interesse dos jovens pelo ensino ofertado nas escolas, diante de tantos outros meios de assimilação de informações, já que: “Ensinar história buscando envolver os alunos com esta aprendizagem é um objetivo que deve ser perseguido pelo professor de história.” (CAINELLI, SANTOS, 2014, p. 168). Um objetivo que se apresenta possível, como veremos a seguir.

3.3 “Ela está ligada à vida”

Ouvir o depoimento de um estudante, com esse relato acima, reanima a perspectiva dos professores de ofertar caminhos que direcionem a esse letramento histórico. Muito do conhecimento trazido pelo estudante pode direcioná-lo no sentido de aperfeiçoar as

aprendizagens históricas e relacioná-las à vida. A história é composta por indivíduos, suas ações e pelas temporalidades, esse entrelaçamento dinâmico e atuante nos mostra que ela pulsa, é viva e nos modifica.

A aprendizagem histórica precisa ser significativa para os estudantes considerarem seus saberes e práticas, mostrando que eles estão fazendo parte dessa aprendizagem, que seus pontos de vista entram como base de aprendizagem e que importam.

Segundo Marcos Antônio Moreira (2003), que estuda a teoria clássica de David Ausubel, sobre a aprendizagem significativa, quando os novos conhecimentos, conceitos, proposições, ideias passam a significar algo para o aprendiz ele é capaz de explicar situações com suas próprias palavras, tendo capacidade de resolver novos problemas e sabendo interagir com novos conhecimentos. Essa aprendizagem significativa acontece porque a nova informação procura se ancorar em conceitos e proposições relevantes, e, seu material é incorporado à estrutura cognitiva do aprendiz, passando a existir entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos novos, sugerindo significados para os sujeitos. (MOREIRA, 2003).

O uso da consciência histórica, com a percepção sobre as temporalidades e narrativas históricas torna mais fácil dar a nossa vida presente os sentidos e direcionamentos que analisamos como melhores para ela, refletindo na nossa forma de agir diante das demandas do tempo e das ações humanas ao nosso redor.

É desse pressuposto, de gerar conhecimento significativo para o estudante, a partir de um estudo que relacione a história ao sujeito, que gere um embasamento teórico sobre esta ciência, que desenvolvemos uma parte propositiva, em forma de manual, onde apresentamos um pequeno glossário com alguns conceitos fundamentais que associam a aprendizagem histórica à vida prática, além de algumas sequências didáticas relacionadas ao tema base dessa pesquisa, que destaca aspectos teóricos da disciplina história, com sua compreensão prática no dia a dia, através do estudo de conceitos históricos e de uma reflexão sobre a utilidade da consciência histórica no cotidiano, como sugestão metodológica para uso dos professores e que podem se adequar a realidade de qualquer escola que queira utilizá-lo.

Afinal, como disse a autora Selva Guimarães (2012) e o estudante no início desse tópico: a história está ligada à vida e nos preenche, enquanto sujeitos vivos e atuantes que somos.

MANUAL DE APRENDIZAGEM CONCEITUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

TEORIA E PRÁTICA REFLEXIVA

Fábia Janaína Marciel da Silva
Rosilene Alves de Melo



MANUAL DE APRENDIZAGEM CONCEITUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

TEORIA E PRÁTICA REFLEXIVA

Fábia Janaína Marciel da Silva
Rosilene Alves de Melo

MANUAL DE APRENDIZAGEM CONCEITUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

TEORIA E PRÁTICA REFLEXIVA

1ª Edição

Quipá Editora
2021

Copyright © das autoras.
Todos os direitos reservados.

Esta obra é parte da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História da autora Fábiana Janaína Marciel da Silva, orientada pela professora doutora Rosilene Alves de Melo.

Possui conteúdo de finalidade estritamente acadêmica, sendo proibida a reprodução total ou parcial, sem a devida autorização das autoras.

O conteúdo do livro, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical, são de responsabilidade exclusiva das autoras.

Elementos gráficos: Canva.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M294 Manual de aprendizagem conceitual no ensino de História: teoria e prática reflexiva / Fábiana Janaína Marciel da Silva e Rosilene Alves de Melo. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

48 p. : il., color.

ISBN 978-65-89091-35-6

1. História. 2. Cultura. 3. Patrimônio. I. Título.

CDD 900

Obra publicada pela Quipá Editora em fevereiro de 2021.



*Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática,
boniteza que dela some se não cuida do saber que devo
ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas
condições materiais sem as quais meu corpo descuidado corre
o risco de amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser
de lutador pertinaz que cansa, mas não desiste.*

Paulo Freire, 2008, p.53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

CULTURA

Cultura popular

MEMÓRIA

NARRATIVA HISTÓRICA

PATRIMÔNIO

Patrimônio Histórico

Patrimônio Cultural

Patrimônio Imaterial

TEMPO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: O tempo como elemento da consciência histórica e seus diferentes modos de compreensão

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: O lugar que moro tem história, patrimônio e cultura

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: Memória, conceito, seus usos, lugares de memória e oralidade

INTRODUÇÃO

Percebemos ao longo da nossa prática profissional que a aprendizagem histórica precisa gerar significados, para que os estudantes se utilizem desse conhecimento na sua vida prática cotidiana, contribuindo na sua compreensão do tempo e do espaço que ocupa, auxiliando no reconhecimento do seu papel histórico. Quando o estudante aprende os significados dos conceitos, a partir das ideias e das atividades propostas, apresentadas em sala de aula, eles também aprendem a construí-los, de forma pessoal, tendo uma compreensão particular de cada um deles, partindo de uma concepção conceitual mais generalizada do que foi estudado, até a aquisição de um conceito definido por ele mesmo.

Destacamos que as definições de determinados conceitos estudados na história não apresentam pretensão de serem universais, pois eles são condicionados pelo tempo e pelo espaço onde são utilizados. Compreendemos que a assimilação de conceitos de segunda ordem, e demais conceitos atrelados ao conhecimento histórico ajudam a definir determinados contextos históricos e facilitam na formação de um pensamento crítico e de um maior pertencimento frente às demandas da sociedade que nos são postas pela história a cada dia.

Diante desse análise, sugerimos aos professores um pequeno glossário com alguns conceitos que são essenciais para que o estudante tenha apropriação e dialogue sobre eles em diversas oportunidades e sugestões de sequências didáticas que deles fazem uso, como forma de contribuição para o ensino teórico-conceitual que se relacionem com a aprendizagem histórica e com a consciência histórica, na escola ou fora dela.

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA



A consciência histórica não se limita à ideia de conhecer extensamente as experiências vivenciadas no passado. Mais do que dominar o acontecido, a consciência histórica articula presente, passado e futuro. Entre esses três tempos, partimos do presente para então percebemos questões e problemas que tendem a nos imergir no passado em busca de respostas. Por conseguinte, identificando as possíveis respostas dadas pelo passado, construímos uma resposta para as questões do agora e, por conseguinte, projetamos nossas expectativas de transformação e permanência ao futuro.

FONTE: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/>

Consciência Histórica (por Maria Auxiliadora Schmidt)

É uma lembrança interpretativa que faz presente o passado no aqui e agora, sempre dado pelas experiências do tempo presente. É o local em que o passado é levado a falar e esse só vem a falar quando questionado, e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação na vida prática atual diante das experiências no tempo.

FONTE: SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Tempos Históricos*. V. 12, p. 81-96, 1º semestre de 2008.





Consciência histórica (por Ronaldo Cardoso Alves)

É o trabalho intelectual que tem como objetivo relacionar as experiências vivenciadas pelos seres humanos ao longo da história às expectativas geradas nesse mesmo processo, apropriando-se das operações mentais do pensamento histórico com o objetivo de refletir sobre as experiências concebidas no presente, ou mesmo de criar novas expectativas a serem transportadas no futuro.

FONTE: ALVES, Ronaldo Cardoso. Representações sociais e a construção da consciência histórica. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2006.

Consciência histórica (por Jörn Rüsen)

É a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo.

FONTE: RÜSEN, Jörn. Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.



Consciência histórica (por Estevão de Rezende Martins)

A consciência histórica é a expressão contemporânea para designar a consciência que todo agente racional adquire ao refletir sobre sua própria vida e sobre sua posição no tempo. O conhecimento que está envolto no pensamento histórico está ligado à operação de aprendizagem que conduz à consciência histórica, tendo como base o conhecimento de dados empíricos sobre um passado pertinente e reflexivo, envolvendo o reconhecimento de sua identidade e do grupo social ao qual pertence.

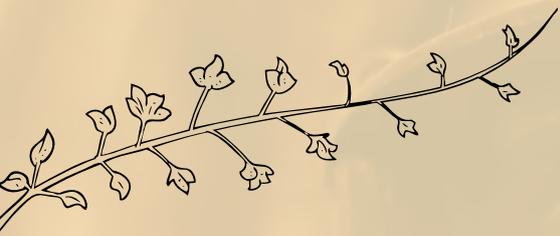
FONTE: MARTINS, Estevão de Rezende Martins. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. Educar em Revista. Curitiba, v. 35, nº 74, p. 17-33, mar./abr. 2019.



Consciência histórica (por Agnes Heller)

É a resposta a seguinte pergunta: de onde viemos, o que somos e para onde vamos?

FONTE: HELLER, Agnes. Uma teoria da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.



Consciência histórica (por Luís Fernando Cerri)

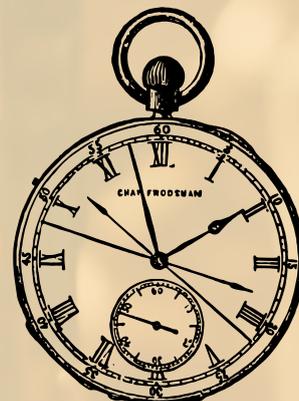
É uma das estruturas de pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que está inserido.

FONTE: Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

Consciência histórica (por Geyso Dongley Germinari)

São as operações mentais que articulam passado, presente e futuro numa estrutura temporal coerente, na qual o passado é chamado para guiar a interpretação das mudanças temporais sofridas pelos homens no presente. Essa convocação do passado ao presente alimenta a esperança no futuro.

FONTE: GERMINARI, Geyso Dongley. A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados. Tese de Doutorado. Setor da Educação. Universidade Federal do Paraná, 2010



CULTURA

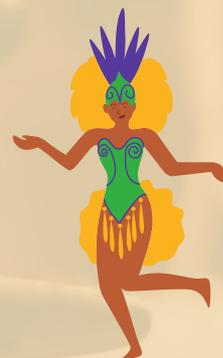
A cultura é vista como um sistema complexo que inclui conhecimentos, crenças, costumes ou qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pela pessoa enquanto membro de uma sociedade.

FONTE: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio/ vários autores; organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020.

Cultura (por Rosilene Alves de Melo)

Ao enfrentarmos as adversidades e nos adaptarmos ao Meio Ambiente, desenvolvemos a capacidade de representar figuras, de comunicação, de atribuir valor simbólico a pessoas, aos animais e aos objetos. Essa capacidade intelectual, exclusiva da espécie humana, é chamada de cultura. A oralidade, a culinária, a dança, a religiosidade, a literatura, a música, o teatro, o artesanato, os ofícios relacionados ao trabalho e ao lazer são algumas dessas linguagens e formas de expressão. A ação dos mestres - pessoas que preservam o saber coletivo e se tornam guardiões das tradições - tem sido fundamental para a transmissão desse legado cultural ao longo do tempo. É no convívio entre pessoas mais experientes, em geral, idosas, com as crianças e jovens, que acontece o modo mais eficiente de transmissão das culturas.

FONTE: Rosilene Alves de Melo. In: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio / Rosilene Alves de Melo. Organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020.





Cultura (por Sandra Jatahy Pesavento)



É um conjunto de significados. Uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica. A cultura é vista como uma produção social e histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas.

A cultura é ainda uma forma de leitura e tradução da realidade que se mostra de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais apresentam-se de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

A cultura é uma tradução do mundo em significados, não é o reflexo dessa realidade. Trabalhar com cultura é estar atento às diferentes falas e formas de dizer a realidade, mas sem jamais perder a sua identidade.

Os traços culturais movem-se por entre os grupos, as camadas ou as classes sociais, permitindo reelaborações contínuas, o que torna mais instigante a análise do passado, vendo o reaproveitamento e a reapropriação dos mesmos valores, que perpassam o tecido do social, em novas criações de sentido.

Mais do que isso, se passou a entender que os valores culturais, traduzidos em idéias e imagens, viajam no tempo e no espaço, em reconfigurações e transfigurações de significado

FONTE: PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. Revista Anos 90 UFRGS, Porto Alegre, v.13, nº 23/24, p. 45-58, jan/dez, 2006.



Cultura Popular



Envolve música, canto, dança, encenações, festas, literatura, jogos, brincadeiras, artesanato, culinária tradicional, etc. Transmitida de geração em geração, de forma oral, ou por imitação. Ela nasce do conhecimento, dos costumes e das tradições de um povo, e, por isso mesmo, os contornos são imprecisos, acolhendo as complexas expressões de saberes, fazeres, práticas e artes produzidos por uma comunidade.



É o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo, ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social (Conferência Geral da UNESCO, 1989).



FONTE:

<http://cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestaco-1/>

Cultura Popular (IPHAN)

Ela é fundamentada na preservação da tradição, entra em cena a questão do caráter autoral ou coletivo das manifestações, já que as expressões da cultura popular costumam estar associadas à ausência de estilos individuais ou de obras assinadas, ao anonimato e à pequena margem para a inovação. São práticas sociais e processos comunicativos híbridos e complexos que promovem a integração de múltiplos sistemas simbólicos de diversas procedências.

FONTE:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/cultura-popular>



Cultura Popular (por Peter Burke)

Não é um campo estreito, com fronteiras separando-a de outros campos da pesquisa. Os aspectos da cultura, ou da sociedade inteira, são vistos sob um determinado ponto de vista, atentando-se, sobretudo para o simbologismo, consciente, ou inconsciente, e também para a poética, para as regras e princípios da vida cotidiana. Assim, podemos descrever essa abordagem da história cultural como antropologia histórica, ou também, uma história antropológica. Precisamos de muita cultura numa época de multiculturalismo, de relativismo cultural e de hiperespecialização do campo do conhecimento.

FONTE: BURKE, Peter. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. Diálogos UEM, 1997.

Cultura Popular (por Roger Chartier)

É uma categoria erudita. Um sistema simbólico, coerente e autônomo que funciona segundo uma lógica absolutamente irredutível à cultura letrada. Existe a necessidade de lembrar a existência das relações de dominações que organiza o mundo social, percebendo a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominados. Temos de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrando em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

FONTE: CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos históricos. Rio de Janeiro: v. 08, nº 16, p. 179-192, 1995.



MEMÓRIA

Faculdade psíquica presente em cada pessoa. Também pode ser entendida socialmente como um suporte (que armazena informações, como um livro, fotografia, música); uma prática (ato que evoca a lembrança, como comemoração de algo ou alguém); e uma representação (imagem construída desse ato).



FONTE: Pixabay.com

FONTE: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio/ vários autores; organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020.

Memória (por Pierre Nora)

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos. Um fenômeno sempre atual. É por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Está sempre em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. É um repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar. Ela é vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. É afetiva e mágica. Um elo vivido no eterno presente. Não se acomoda a detalhes que a confortam.

É preciso eleger os lugares da memória. Eles surgem à medida que a memória tradicional se esvai e então, nasce a necessidade de montar um dossiê do passado, que deve se tornar prova em não se sabe em que tribunal da história. A razão de ser um lugar da memória é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentidos, num mínimo de sinais. Os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose. Esses lugares nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea. Que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronúncias, elogios fúnebres, porque essas operações não são naturais. Há locais de memória porque não há meios de memórias. O dever de memória faz de cada um, historiador de si mesmo.

FONTE: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo: PUC-SP, nº 10, dez. de 1993.



Memória (por Joël Candau)

É uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana. A memória é um estado construído socialmente, numa relação dialógica com o outro. É algo que nos modela, e que é por nós, também é modelada. Geradora de identidade, elas se conjugam, se nutrem mutuamente para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Os esforços memoriais são esforços identitários. A necessidade de construir um patrimônio memorial revela a incapacidade do homem de viver isolado no presente, de forjar-se como sujeito alheio ao seu passado.

Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. As falhas da memória, os esquecimentos, as lembranças, carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza os “traços” do passado em função dos engajamentos do presente e logo, por demandas do futuro. O esquecimento é o inimigo da memória, impõem-se sobre as lembranças. Mas, a memória esquecida não é sempre um campo de ruínas, pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso na restituição do passado. Ele pode ser um êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência que um indivíduo, ou um grupo fazem de si próprio. A memória opera escolhas afetivas.

FONTE: CANDAU, Jöel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2019.



Memória (por Jaques Le Goff)

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual, ou coletiva, cuja busca é um das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação, da tradição, esta manifestação da memória.

FONTE: LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1990.

Memória (por Aleida Assman)

A memória necessita de espaços de recordação, não necessariamente dos lugares em si, mas, no que nele está contido e na forma como eles são acessados pelos indivíduos e pelos demais no tempo presente, eles são úteis para fixar os eventos. As formas de recordação são definidas culturalmente.

FONTE: ASSMAN, Aleida. Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.



Memória (por Maurice Halbwachs)

A memória se utiliza de diferentes pontos de referência (patrimônios, monumentos). Existe uma conciliação entre a memória individual e a memória coletiva, a partir dos pontos de contatos que existem entre elas. A memória, quando coletiva não ultrapassa os limites do grupo, retém o que é capaz de viver na consciência dele. As memórias individual e coletiva se interpenetram, pois a individual incorpora as contribuições externas da memória coletiva. E a lembrança é construída com ajuda de dados tomados de empréstimos do presente, a partir daquilo que faz sentido para o sujeito.

FONTE: Maurice Halbwachs. Memória coletiva. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

Memória (por Michael Pollack)



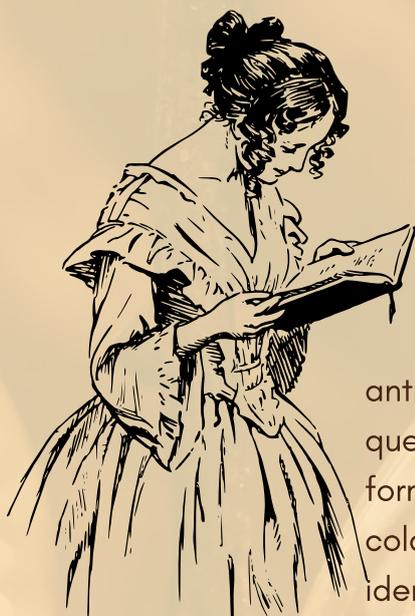
A memória contribui para a formação das identidades. Ela pode ser construída consciente e inconscientemente. Existe um enquadramento da memória que está nos discursos organizados, nos monumentos, museus, bibliotecas., contribuindo também para manter a coesão interna de um grupo e definir o que ele tem em comum. Ela faz uma permanente interação entre o vivido e aprendido que se aplica a memória coletiva e individual, tendo uma ligação com o sentimento de identidade. Pode ser a sobrevivência de memórias traumatizantes, ou silêncios que uma sociedade impõe aos excessos de discursos oficiais. Muitos dos sofrimentos encontram uma ancoragem na memória.

FONTE: POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 02, nº 03, 1989.

NARRATIVA HISTÓRICA

A narrativa histórica é uma das formas pelas quais alunos e professores dão sentido ao passado histórico, quando pensam sobre as versões do passado. As narrativas são usadas para tratar de ideias mais amplas e complexas, assim como para estimular formas de pensamento sobre o passado e sobre como ele foi vivenciado.

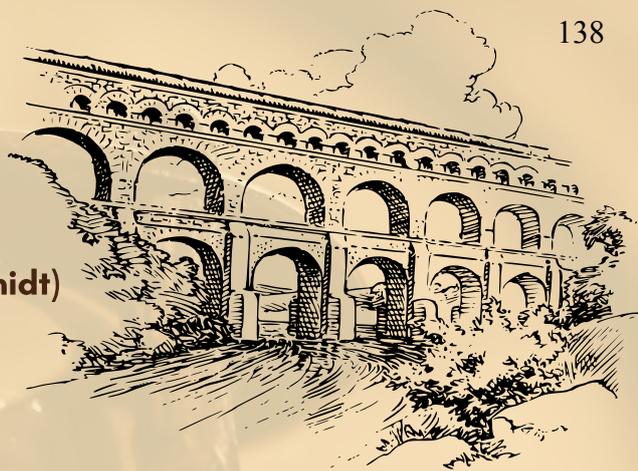
FONTE: GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. Narrativa histórica: uma das formas pelas quais os alunos e professores dão sentido ao passado histórico. X Congresso Nacional de educação-EDUCERE, PUCPR. Curitiba, nov. 2011



Narrativa histórica (por Jörn Rüsen)

É uma prática cultural de interpretação do tempo antropologicamente. Uma construção da identidade humana que traz uma capacidade de tornar o passado presente, em forma de unidade integrada às outras temporalidades, colaborando com a construção da consciência histórica e da identidade humana. É um elemento constituinte da consciência histórica, pois narrar, rememorar, traz orientação ao agir, e a função de orientação, desempenhada pela consciência histórica se dá através da narração. Funciona como um meio de construção da identidade humana, na qual passado, presente e futuro formam uma unidade integrada, mediante a qual justamente, constitui-se a consciência histórica.

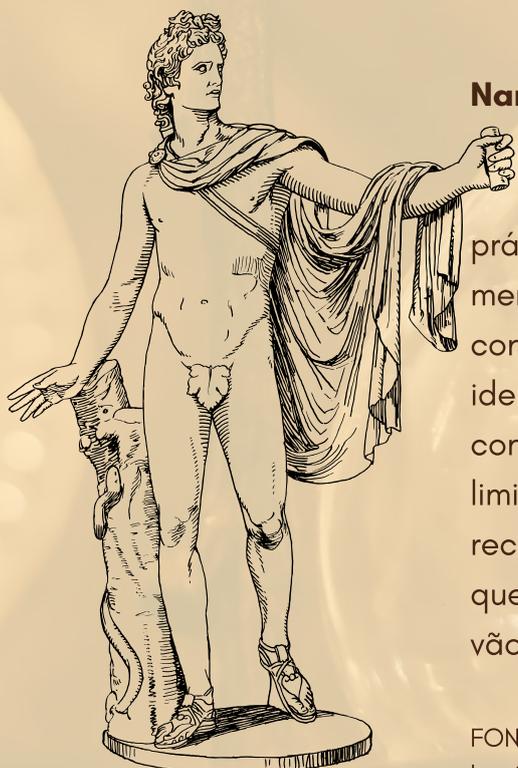
FONTE: Rüsen, Jörn.. Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001



Narrativa histórica (por Auxiliadora Schmidt)

Significa contar e recontar histórias, submetendo os estudantes a um exame crítico criando um sentido de verossimilhança à sua lógica. A narrativa não é um fim por si só. A sua finalidade é gerar compreensão sobre o passado, ativando a compreensão de quem aprende. Diferencia-se do relato, quando a escolha recai em responder a uma pergunta que busca desvendar conflitos, e não os acontecimentos e situações do passado. Dentro da temática histórica é necessário escolher um recorte cronológico, a eleição de atores e episódios, construindo essa trama pela qual se recorta um objeto.

FONTE: SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Tempos Históricos*. V. 12, p. 81-96, 1º semestre de 2008.



Narrativa histórica (por Geyso Dongley Germinari)

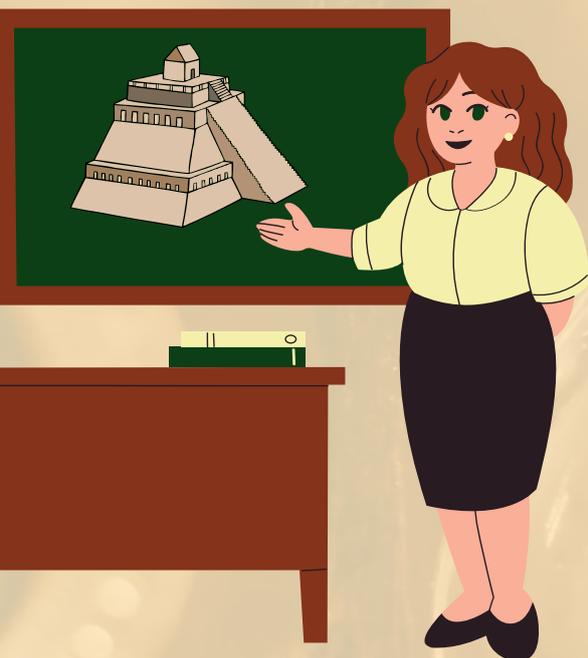
A narrativa tem a função geral de orientar a vida prática no tempo, por meio da mobilização da memória, da experiência temporal, desenvolvendo um conceito de continuidade e estabelecendo uma identidade. Essa rememoração do passado funciona como uma extensão temporal perceptível, além dos limites da vida, e, isso possibilitaria ao ser humano se reconhecer como sujeito histórico, fazendo-o observar que esses processos acontecem de forma contínua, e vão constituindo sentido ao longo de sua análise.

FONTE: GERMINARI, Geyso Dongley. A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados. Tese de Doutorado. Setor da Educação. Universidade Federal do Paraná, 2010.

Narrativa histórica (por Marília Gago)

A narrativa histórica é o enlaçamento da consciência histórica com o fazer histórico, construída através da interpretação entrecruzada de diversos campos de referência e de carências de orientação, trazendo em si a síntese das três dimensões temporais. A narrativa permite a interpretação de si mesmo e do mundo, confrontando com a temporalidade e a finitude, propõe uma reflexão acerca dos olhares de alunos e professores relativamente à narrativa, à História, que podem espelhar a sua consciência histórica, bem como compreender que desafios são colocados ao ensino da História para potenciar uma consciência histórica mais humanista.

FONTE: GAGO, Marília. Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal. Revista História Hoje, v. 5, nº 9, p. 76-93 - 2016. Revista História Hoje, v. 5, nº 9, p. 76-93, 2016



Narrativa histórica (Paul Ricoeur)

É a narrativa que torna possível a experiência humana do tempo. O tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal.

FONTE: RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

PATRIMÔNIO

Dentro de um sentido etimológico, patrimônio advém de *patrimonium*, uma junção de *patri* (pai) com *monium* (recebido) para referir-se à herança. Desde sua noção mais antiga que manifesta o desejo de transmitir os bens da família, até a noção mais contemporânea, que desenvolve a ideia de um patrimônio a ser transmitido para as gerações futuras.

O conceito é uma construção social. O patrimônio pode ser então, tudo que alguém diz a respeito dele, expandindo o sentido de herança reivindicado e/ou apropriado. Daí o termo patrimonialização ser empregado para designar todo o processo de constituição de patrimônios na sociedade.

FONTE: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio/ vários autores; organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020.



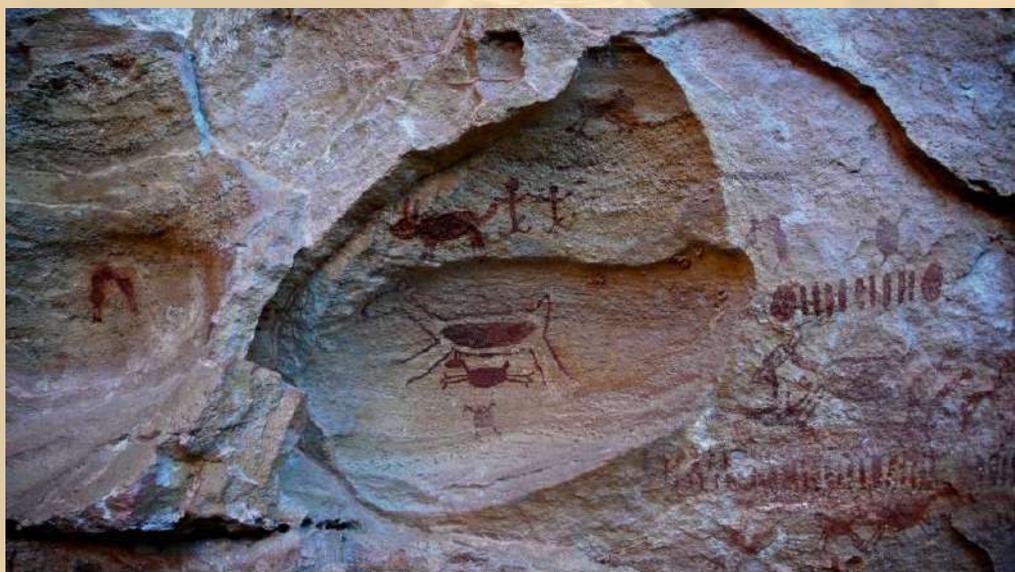
Museu do Gonzagão, Exu, PE. Disponível em:
<https://www.brasildefatope.com.br/2019/06/26/o-que-tu-indica-or-museu-gonzagao>

Patrimônio Histórico

Patrimônio Histórico (por Ricardo Oriá)

O conceito de patrimônio Histórico não está mais restrito ao dito patrimônio edificado e arquitetônico, o chamado pedra e cal. Faz parte dele o patrimônio documental, arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, oral, visual, museológico, enfim, o conjunto de bens que atestam a história de uma dada sociedade. A valorização de um bem cultural que testemunha a história ou a vida do país nos ajuda a compreender quem somos, para onde vamos, mesmo que pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse bem evoca. Ele faz parte de um acervo cultural que deve ser preservado por todos.

FONTE: ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2017.



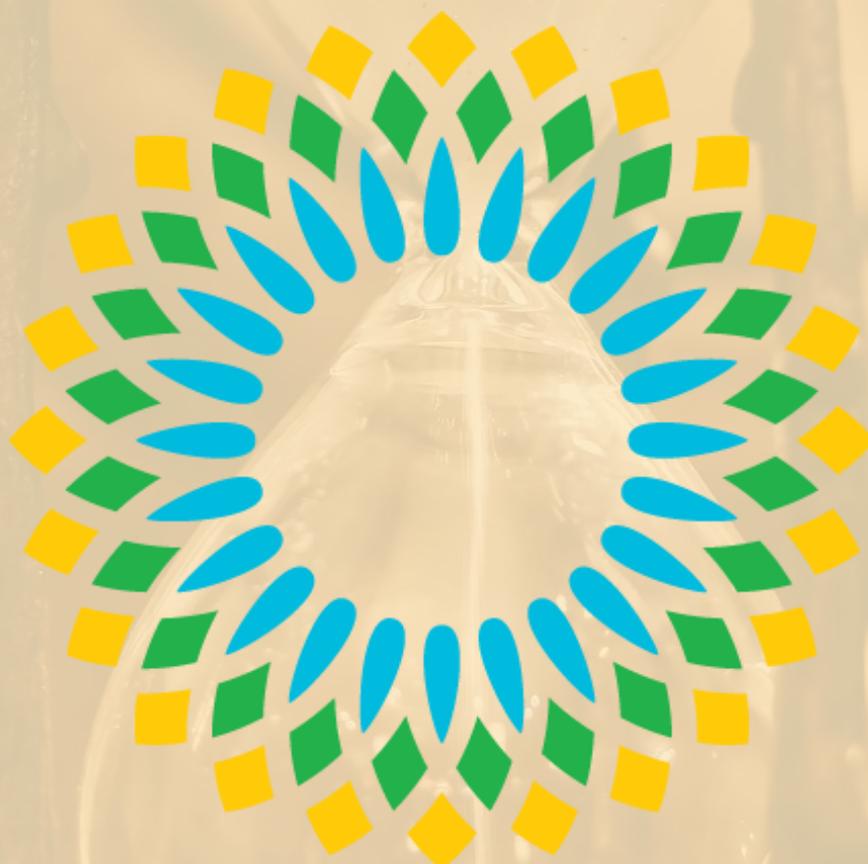
Parque Nacional da Serra da Capivara- PI. Disponível em:
<https://viagemeturismo.abril.com.br/>

Patrimônio Cultural

É tudo aquilo que possui importância histórica e cultural para um país ou uma pequena comunidade, como a arquitetura, festas, danças, música, manifestações populares, artes, culinária, entre outros. Os patrimônios culturais oficiais de uma região são escolhidos pelo Estado. No entanto, uma comunidade pode ter um patrimônio cultural que não necessariamente passou pelo reconhecimento burocrático do Estado.

FONTE:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural>



**PATRIMÔNIO CULTURAL
BRASILEIRO**

FONTE: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1562>

Patrimônio Cultural (por Ricardo Oriá)

O patrimônio cultural de uma dada sociedade é formado por um tripé indissociável em que se contemplam as seguintes dimensões: a dimensão natural ou ecológica, a dimensão histórico arquivista e a dimensão documental. Neste sentido, o próprio meio ambiente, os conjuntos urbanos e os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, as obras, os objetos, os documentos, as edificações, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, são formas de expressão e até modos de criar, fazer e viver. São bens culturais de uma sociedade, e por isso devem ser preservados. A educação patrimonial é voltada para questões referentes ao patrimônio cultural com a inclusão, se utilizando de museus, arquivos, bibliotecas, os lugares e suportes da memória para desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos sobre sua preservação.

FONTE: ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2017.



Patrimônio Cultural (pela Constituição Brasileira de 1988)

O artigo 216 da Constituição Brasileira de 1988 define patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão, os modos de fazer, criar e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentações, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

FONTE: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Patrimônio Imaterial

Patrimônio Imaterial (IPHAN)

São os bens culturais de natureza imaterial que dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

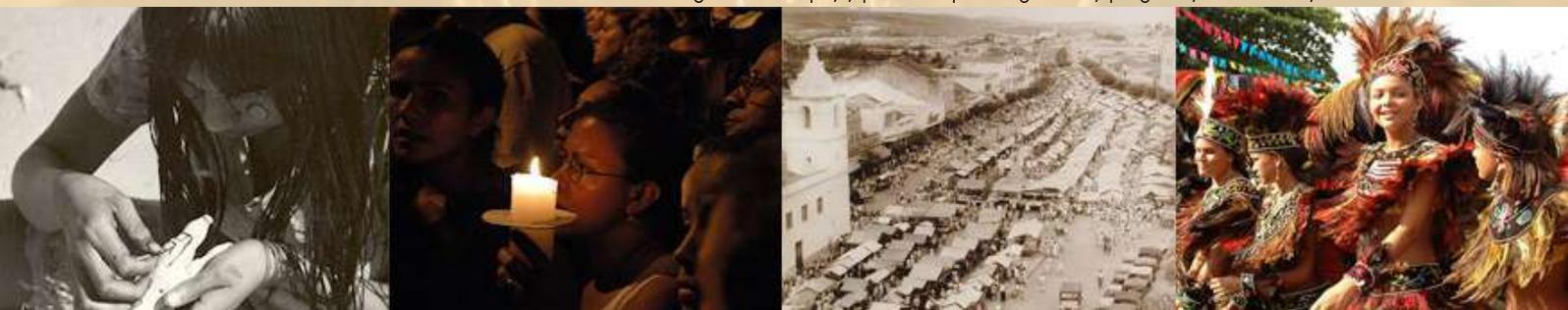
FONTE: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

Patrimônio Imaterial (por Rosilene Alves de Melo)

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências, bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados, que as comunidades, grupos, e, eventualmente, indivíduos reconhecem como parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do meio em que vivem, de sua intenção com a natureza e da sua história e, confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade promovendo assim, o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana. Para receber o reconhecimento como patrimônio imaterial, as práticas culturais devem ser consideradas referências culturais, ou seja, transmitidas há várias gerações por meio da memória, marcando a identidade dos grupos sociais e favorecendo o sentido de pertencimento dos indivíduos às suas comunidades de origem. Para isso, além de ser uma referência cultural, um saber-fazer, para receber o título de patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo conselho consultivo do patrimônio cultural. O IPHAN é o órgão responsável por receber os pedidos de registros que devem ser encaminhados por representantes da sociedade civil, instituições públicas de Estados e municípios, ou da União.

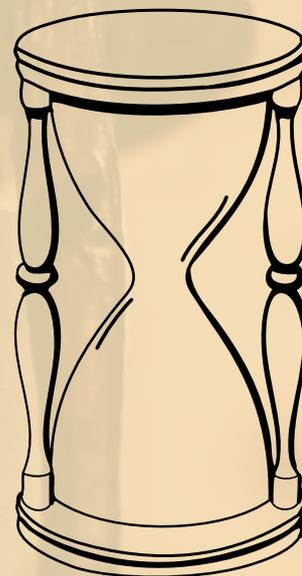
FONTE: Rosilene Alves de Melo. In: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio / Rosilene Alves de Melo. Organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020.

Fonte das imagens: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>



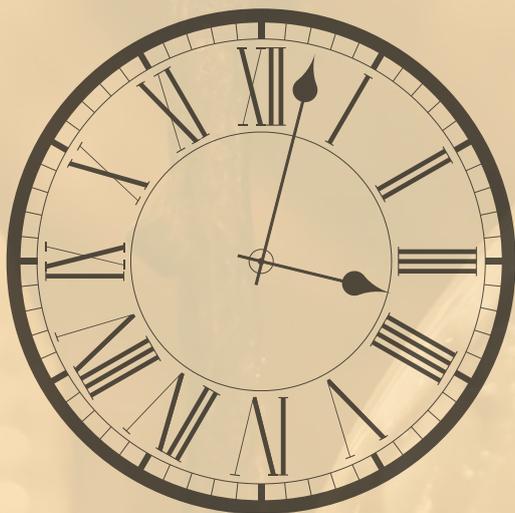
TEMPO

O tempo histórico é aquele que é percebido e absorvido pelos seres humanos, que faz parte do desenvolvimento humano e suas esferas de organização, isto é, a economia, a política, a sociedade e a cultura. Alguns filósofos e muitos teóricos da História postulam que a forma como o homem encara o tempo é a mais dolorosa se comparada com a de qualquer outro animal. Isso porque o homem tem consciência da própria morte. O homem sabe que vai morrer e foi a consciência desse fato que o levou a erigir as grandes civilizações.



FONTE:

<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-tempo-historico.htm>



Tempo (por Marc Bloch)

O tempo é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. Não se imagina uma ciência que possa abstrair-se do tempo. Ele é um continuum, mas também uma perpétua mudança.

FONTE: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Tempo (por Reinhart Koselleck)

O tempo histórico está associado às ações políticas, institucionais, concretas, realizadas por esses seres humanos, e ligado também aos seus vestígios. O cotidiano do tempo histórico está nas rugas no rosto de um homem, nas cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido, na evocação da memória, da presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes. Esse olhar em volta já mostra a impossibilidade de traduzir um tempo mensurável e natural.

O que interessa é a idade interna do homem e a relação que ele estabelece entre seu passado e seu futuro. Os tempos históricos consistem em vários estratos que remetem uns aos outros, mas que não dependem completamente uns dos outros. O tempo histórico e o tempo natural se influenciam.

Observando a diferença entre passado e futuro, esse entrelaçamento entre campo de experiência e horizonte de espera, seria possível apreender alguma coisa chamada de tempo histórico. Sem essas categorias a história seria impensável. A expectativa abarca mais que a esperança e a experiência é mais profunda que a recordação.

FONTE: KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo - Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2014. KOSELLECK, Reinhart. Futuro-passado: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC- Rio, 2006.

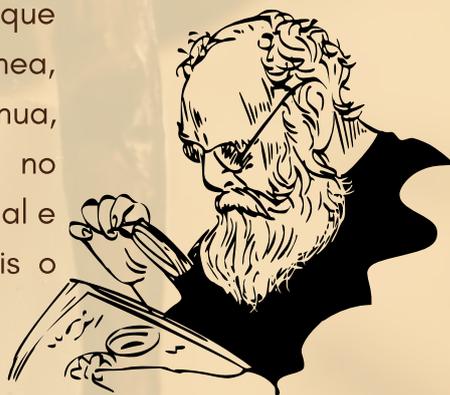
Tempo (por Antoine Prost)

O tempo está ligado às sociedades, à coletividade, incorporado aos documentos, aos fatos, às questões humanas. Ele é a substância da história, o principal ator da história. O tempo liga passado e presente, e faz a história ser construída dentro de uma estrutura temporal, contribuindo para a construção da história. Faz uma colocação em ordem, estrutura os períodos, hierarquiza os fenômenos em função de seus ritmos. O tempo da História não é uma reta, nem uma linha quebrada feita por uma sucessão de períodos, nem mesmo um plano: as linhas entrecruzadas compõem um relevo. Ele tem espessura e profundidade. Além de se fazer a partir do tempo, a história é uma reflexão sobre ele e sua fecundidade própria. O tempo é uma continuidade de ritmo desigual, mas inexorável, que não se pode nem parar, nem fazer voltar atrás, ou avançar.



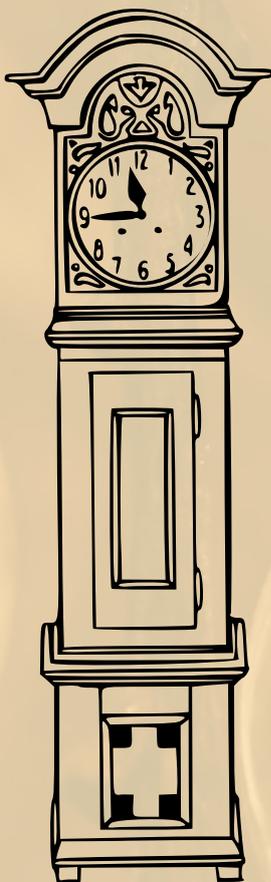
Tempo (José Carlos Reis)

O tempo seria um mediador entre o tempo da natureza e o tempo da consciência. Entre o ser que somos e o ser que seremos está o tempo. Ele é a duração que altera o ser. Não é uma duração natural, homogênea, regular, mensurável, pois é humana, descontínua, heterogênea. O passado é a consolidação do ser no tempo. O tempo se refere à vida humana que é individual e coletiva. Nele a todo momento, nos deslocamos, pois o futuro se torna presente, e, rapidamente passado.



FONTE: REIS, José Carlos. História & teoria: historicismo, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Tempo (por Nobert Elias)



O tempo não existe em si. Ele é um símbolo social que resultou de um longo processo de aprendizagem humana. Ele necessita de um meio externo para sua representação, como o calendário e o relógio. Esses meios físicos seriam a forma dos homens acompanharem socialmente essas passagens, através de sua comunicação com os outros. O tempo não é algo que o indivíduo possa forjar em seu conceito. Ele fica evidente em cada sociedade, de acordo com o desenvolvimento de suas tarefas. Ele é uma representação simbólica, presente nas relações individuais, sociais, físicas, verificador das condutas e sensibilidades humanas. As percepções sobre o tempo mostram claramente como essa relação vai se modificando e se transformando, à medida que as relações sociais vão ficando mais complexas também.

FONTE: ELIAS, Nobert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1:

O tempo como elemento da consciência histórica e seus diferentes modos de compreensão

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O ESTUDO DO CONCEITO DE TEMPO

(Quadro 48)

Título e segmento: O tempo como elemento da consciência histórica e seus diferentes modos de compreensão			
ESCOLA			
SÉRIE	1º ano Ensino Médio	CARGA HORÁRIA	04 aulas
DISCIPLINA	História	PROFESSOR	
TURNOS		PÚBLICO ALVO	Estudantes
<p>OBJETIVO: Compreender as diferentes concepções de tempo, construídas socialmente pelos indivíduos, analisando sua própria percepção sobre o que seja o tempo, e de que forma podemos notar sua passagem e sua existência, através de uma análise teórico-prática, vivenciada em narrativas em sala de aula e observação espacial, a partir de uma aula de campo, dentro da proposta teórica de compreensão do tempo e das temporalidades proposta por Reinhart Koselleck, destacando também a compreensão de Maria Auxiliadora Schmidt de que os estudos imagéticos trazem expressividade aos sentidos de interpretação do tempo e por sua vez, são reveladores da consciência histórica. (SCHMIDT, p. 43, 2019).</p>			
<p>CONTEÚDOS: A construção da História- lidando com o tempo</p>			
<p>METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS:</p>			
<ul style="list-style-type: none"> • Acolhida: organizar os estudantes em uma roda de conversa com as carteiras em círculo, na sala de aula: • Ouvir, cantar animadamente e refletir sobre a letra e música “Tempo perdido” de Renato Russo: <p style="text-align: center;"> Todos os dias quando acordo Não tenho mais o tempo que passou Mas tenho muito tempo Tenho todo tempo do mundo Todos os dias, antes de dormir Lembro e esqueço como foi o dia </p>			

Sempre em frente
Não temos tempo a perder
Nosso suor sagrado
É bem mais belo que esse sangue amargo
E tão sério e selvagem

Veja o sol dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega é da cor
Dos terus olhos castanhos
Então me abraça forte e diz
Mais uma vez
Que já estamos distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo

Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesa agora

O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido, ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão jovens! Tão jovens!...

(FONTE: GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**, Campinas, Papyrus, p. 221, 2012)

- Discutir com os estudantes o que eles entendem pelo conceito de tempo. Ouvir os depoimentos orais, ou pedir para que os mesmos anotem e leiam sua compreensão escrita. O professor problematizará se o tempo é visto como algo concreto, ou abstrato e fará os seguintes questionamentos orais.
- O que é o tempo?
- Como percebemos que ele existe?
- Na sua concepção: o tempo passa da mesma forma para todos? Ou sua passagem, ou nossa passagem por ele é vista de forma relativa?
- É possível voltar no tempo?
- Se não, como podemos conhecer parte do que passou?
- Qual a relação da história com o tempo?
- Existe história sem conhecimento das temporalidades (presente, passado, futuro)?

CONHECER O TEMPO

- Ao debater sobre o conhecimento prévio do estudante, o professor fará a exposição oral de sua compreensão sobre o conceito de tempo, atrelado ao conteúdo exposto no livro didático, destacando que não existe uma forma universal de sentir, observar, medir, calcular, dividir em períodos o tempo, que as formas de interpretação sobre ele está relacionada às gerações, as sociedades, aos costumes e determinadas tradições. Que analisar o tempo sempre foi um objetivo dos indivíduos e dos estudiosos.
- Exposição de imagens relacionadas as formas de percepção e medidas do tempo, presentes no livro didático. Cada estudante abre o seu livro nas páginas pedidas pelos professores.
(imagens de ampulhetas, clepsidras, vela graduada, calendário, relógio,etc.)

AULA DE CAMPO SOBRE A COMPREENSÃO DO TEMPO

- O professor pedirá previamente que o estudante leve duas fotografias, sua e de sua família (uma antiga e uma mais recente);
- O estudante levará seu celular para tirar fotos;
- O professor lerá previamente o trecho da obra de Reinhart Koselleck, abaixo, para sua própria compreensão teórica da forma do autor analisar a passagem do tempo, e, para depois conduzir questionamentos aos estudantes:

TEXTO PARA REFLEXÃO DO PROFESSOR

“Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casa; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do tremó ao avião, mesclam-se,

superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. Por fim, que contemple a sucessão de gerações dentro da própria família, assim como no mundo do trabalho, lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe. Esse olhar em volta já é suficiente para que se perceba a impossibilidade de traduzir, de forma imediata, a universalidade de um tempo mensurável e natural - mesmo que esse tempo tenha uma história própria - para um conceito de tempo histórico.”

FONTE: Koselleck, Reinhart. **Futuro-passado: contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC- Rio, 2006, p. 14.

- Diante da proposta de análise sobre o tempo estudada, o professor (a) levará os estudantes para uma volta no entorno da escola e no centro da cidade para que eles observem a forma de verificar a passagem do tempo e como podemos representar essa passagem temporal.
- Instigar o estudante a observar as construções recentes, que se juntam as construções, ou ruínas antigas, os vestígios de camadas sobrepostas das construções velhas, em contraponto com as novas e modernas fachadas, as ruas e seus formatos, o comércio, as formas de comunicação de quem passa por eles, etc.
- O professor pedirá para que o estudante fotografe o que mais lhe chamou a atenção, como evidência da passagem do tempo.
- Após a aula de campo, dará início a um debate (numa praça da cidade, debaixo de uma árvore, ou na escola) sobre o que foi aprendido na aula, destacando as evidências de existência e da passagem do tempo.
- Será elaborado um mural na sala de aula com as fotos pessoais, mostrando o passado e o presente da foto da família e com a exposição de outras duas fotos selecionadas pelos estudantes, tiradas da câmera de seu celular pessoal, que se relacionem a sua observação na aula de campo sobre a passagem do tempo, junto com um relatório de sua compreensão sobre a temática da aula, digitado e anexado às suas fotografias e relatórios produzidos por eles.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS

Materiais: canção de Renato Russo, digitada e impressa; som, cadeiras; sala de aula; livro didático para análise das imagens; texto impresso de Koselleck para a leitura pessoal do professor; fotografias, mural com papel sulfite, cola, tesoura, pincéis, papel madeira, ou laminado; câmeras de celulares; fita crepe; impressora.

Capítulo I do livro didático: *História: das cavernas ao terceiro milênio*- Patrícia Ramos Braick e Myrian Becho Mota- PNLD 2018-2020. Editora Moderna

Humanos: professores e estudantes.

AVALIAÇÃO: Participação dos estudantes nas diversas atividades das aulas; Participação na aula de campo, nos debates e na elaboração do mural.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2:

*O lugar que moro tem história,
patrimônio e cultura*

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O ESTUDO DO CONCEITO DE
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL**

(Quadro 49)

Título e segmento: O lugar que moro tem história, patrimônio e cultura			
ESCOLA			
SÉRIE	2º ano Ensino Médio	CARGA HORÁRIA	10 aulas
DISCIPLINA	História	PROFESSOR	
TURNO		PÚBLICO ALVO	Estudantes
OBJETIVO: Conhecer alguns conceitos relacionados aos tipos de patrimônios, identificando e conhecendo, na prática, os patrimônios históricos, artísticos e culturais, bem com as ruínas históricas que representam a história local do município de Exu- PE.			
CONTEÚDOS: Conceitos de Patrimônio, história local			
METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS:			
<ul style="list-style-type: none"> • O (a) professor (a) previamente estudará as diversas formas de conceituar patrimônio, a partir dos conceitos apresentados nesse manual, ou por uma pesquisa pessoal. Em seguida, já em sala de aula, explanará o significado do termo patrimônio, no sentido etimológico, cultural e histórico, a partir de imagens expostas em slides e de uma pesquisa pessoal. • Depois perguntará aos estudantes da turmas se eles lembram de algum patrimônio de sua região, ou cidade, a partir do conhecimento apresentados destes conceitos. Isso, gerará um debate e uma observação da aprendizagem dos estudantes relacionadas a esses termos. • Em uma outra aula, o professor agendará com os estudantes uma visita ao Parque Luiz Gonzaga, localizado na Rodovia Asa Branca, próximo ao Centro de Exu-PE. (O parque é tombado com patrimônio histórico e cultural), como forma de reforçar a importância do conhecimento e da preservação de bens históricos que dizem muito sobre a história de um povo e de uma região. 			

VISITA AO PARQUE DE LUIZ GONZAGA



Luiz Gongaza - FONTE: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>

Em 2009, o Parque Aza Branca foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural de Pernambuco, pela Fundação do patrimônio histórico e artístico de Pernambuco- Fundarpe. como "Ambientes de Origem e Memória de Luiz Gonzaga", cantor, compositor, conhecido como o “Rei do Baião” que levou a música nordestina para as demais regiões do país. O parque conta com 3,7 hectares e abriga, além do museu dedicado à obra de Gonzaga, a casa que o músico construiu e morou em seus últimos anos e o mausoléu, onde estão depositados seus restos mortais. Nos meses de agosto (aniversário de morte) e dezembro (aniversário de vida) são realizadas ações em prol da preservação da memória artística e cultural representada pela figura de Luiz Gonzaga.

FONTE: <https://www.diariodepernambuco.com.br/>

ESTÁTUA DE LUIZ GONZAGA AO LADO DO PARQUE AZA BRANCA



FONTE: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>

O Parque Aza Branca, foi escrito com z por erro do cartório, e Luiz Gonzaga, supersticioso, não quis mudar. Faz parte de um complexo de edificações que conta a história de um dos mais importantes artistas populares do Nordeste. Lá, está a fazenda que o 'Velho Lua' construiu às margens do Açude Itamaragi e que, hoje, abriga seu museu e, também, o mausoléu onde o ícone do forró está enterrado ao lado da esposa, Helena Cavalcante, do pai, Januário dos Santos, da mãe, Ana Batista de Jesus, e do irmão, o instrumentista Severino Januário. O espaço foi idealizado pelo filho de Luiz Gonzaga, Gonzaguinha.

Com média de 25 mil visitantes por ano, o parque reúne objetos pessoais, certificados, títulos, medalhas, troféus e prêmios que Gonzaga recebeu ao longo da carreira. Além disso, possui algumas sanfonas que o acompanharam em momentos marcantes, como o que tocou na visita do Papa João Paulo II, a Fortaleza, em 1980. Nesse complexo, está ainda uma pousada que Gonzagão ergueu para receber amigos e artistas, e a residência onde seu pai, Januário, morou.

FONTE: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>



Entrada do Museu/ FONTE: acervo pessoal



Museu do Gonzagão/ FONTE: acervo pessoal



Casa do rei do Baião /FONTE: acervo pessoal



Estátua na entrada do Parque / FONTE: acervo pessoal



Mausoléu do Gonzagão/Fonte: acervo pessoal



Pé de Juazeiro, onde se faz o tributo ao Gonzagão/ FONTE: acervo pessoal

CONHECENDO A HISTÓRIA PATRIMONIAL DE EXU

Em uma outra aula, após ter trabalhado os conceitos de patrimônio, o (a) professor (a) convidará os estudantes (organização, agendamento prévios) para uma aula de campo nas ruínas de Exu Velho, localizado no sítio Gameleiras, no sopé da Serra do Araripe, à distância de 13km do centro da cidade.

Na fazenda Gameleira, surgiu a primeira formação do município de Exu, com a construção da Igreja Bom Jesus dos Aflitos, pelos jesuítas, em 1696, provavelmente construída com a mão de obra de escravos e indígenas da Tribo Ançu. O ExuVelho, como é chamado, virou ruínas que se destacam pela preservação de paredes e parte do seu piso. Muita coisa foi soterrada pela erosão, que motivou a saída de moradores de lá, transferindo a sede, para a lagoa dos Cavalos, que em 1907 recebeu o nome de Novo Exu, e, em 1938 recebeu o nome de Exu. O local sediou acontecimentos históricos como a proclamação da adesão dos povos do sertão à Revolução Pernambucana de 1817, por Luiz Pereira de Caiçara, e Bárbara Pereira de Alencar, sua irmã, que foi a única mulher que aderiu ao movimento.

FONTE: <http://www.gazetadocariri.com/2018/07/bens-historicos-da-cidade-de-exu-nunca.html>

RUÍNAS DA IGREJA DO EXU VELHO



Ruínas da antiga igreja jesuíta do Exu Velho. Sítio Gameleiras, Exu-PE.

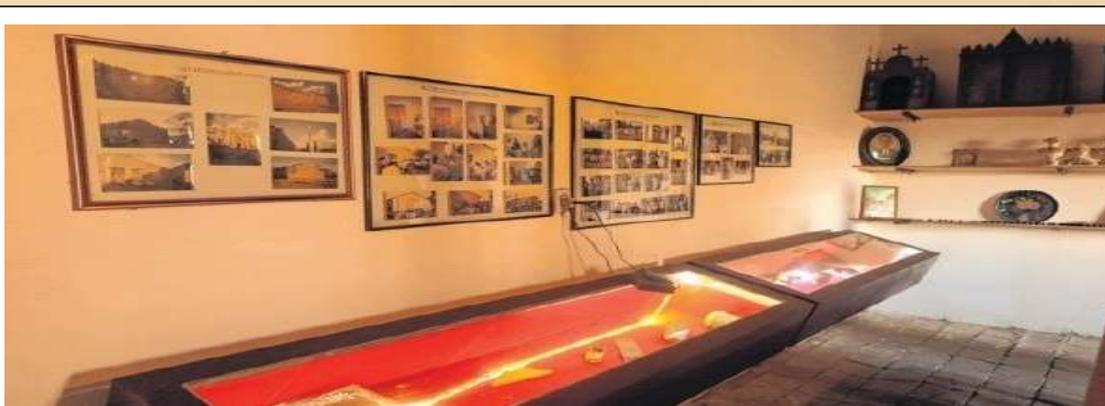
FONTE: <http://panoramacultural.com.br/exu-velho/>

MUSEU DE BÁRBARA DE ALENCAR

Em outra aula, previamente agendada, o (a) professor (a) levará os estudantes para conhecerem o Museu de Bárbara de Alencar, organizado a partir da casa onde ela nasceu. Bárbara Pereira de Alencar é exuense, nascida na Fazenda Caiçara, à distância de 13 km do centro de Exu, no dia 11 de fevereiro de 1760. Heroína da Revolução Pernambucana de 1817, e da Confederação do Equador, de 1824. Considerada a primeira presa política do país.



Imagem de Bárbara de Alencar FONTE: <https://observatorio3setor.org.br/>



Casa onde nasceu Bárbara de Alencar, hoje, um museu, edificada em 1706, na Fazenda Caiçara, no povoado do Araripe, em Exu-PE - Fonte: <http://www.gazetadocariri.com/>

Aproveitando a visita ao museu de Bárbara, os estudantes podem conhecer outro ponto turístico da cidade, a Igreja de São João Batista, criada pelo Barão de Exu, que dar nome a uma das escolas da cidade.

LOCAL HISTÓRICO CRIADO PELO BARÃO DE EXU



Igreja de São João Batista, criada em 1868, pelo Barão de Exu, Guálter Martiniano de Alencar Araripe, localizada também no povoado do Araripe. Fonte: <http://www.gazetadocariri.com/>

Na mesma aula de campo, e na mesma localidade, pode ser conhecido o marco (local) do nascimento de Luiz Gonzaga, também na Fazenda Caiçara, na localidade do Araripe.

MARCO HISTÓRICO DO LOCAL DE NASCIMENTO DE LUIZ GONZAGA



Marco do local histórico, onde nasceu Luiz Gonzaga, o pernambucano do século XX.

Fonte: <https://exudeluizgonzaga.wordpress.com/>

Ao final das aulas, onde se trabalhou os conceitos de patrimônio, patrimônio cultural, histórico, artístico, o (a) professor(a) poderá fazer uma roda de conversa na escola, onde os estudantes irão relatar o que aprenderam através das aulas.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS

Materiais: slides sobre o patrimônio, data show, tela de projeção, ônibus para deslocamento dos estudantes (secretaria de transportes), lanche, água, dinheiro para visitas nos museus.

Humanos: professor(a), estudantes, guias dos museus dos locais visitados.

AVALIAÇÃO: Participação ativa dos estudantes nas aulas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3:

*Memória, conceito, seus usos,
lugares de memória e oralidade*

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O ESTUDO DO CONCEITO DE MEMÓRIA

(Quadro 50)

<p>Título e segmento: Memória: conceito, seus usos, lugares de memória e oralidade</p>			
ESCOLA			
SÉRIE	3º ano Ensino Médio	CARGA HORÁRIA	06 aulas
DISCIPLINA	História	PROFESSOR	
TURNO		PÚBLICO ALVO	Estudantes
<p>OBJETIVO: Compreender a importância da memória para preservação da história, das lembranças e narrativas perpassadas pelas gerações, para preservação de legados e conhecimento dos fatos ocorridos em outras épocas que devem ser transmitidos e relacionados com a história das sociedades, bem como tentar compreender a função dos “lugares de memória”, segundo a compreensão teórica de Pierre Nora.</p>			
<p>CONTEÚDOS: Conceito de memória, sua importância e relação com a história</p>			
<p>METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS:</p>			
<p>Segundo Pierre Nora (1993), um lugar de memória é sempre aquele revestido pelo nosso imaginário de uma aura simbólica. Um testamento, um documento, uma álbum de família, um arquivo, um minuto de silêncio em respeito a um morto, nos chamam a refletir sobre a preservação da memória. Embora, memória e história sejam bem distintas, NORA nos leva a refletir sobre a importância de ambas.</p>			
<p style="text-align: center;">TEXTO PARA REFLEXÃO DO PROFESSOR</p>			
<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente o professor (a) fará a leitura de um trecho da obra de Pierre Nora para sua própria percepção teórica sobre os lugares de memória e sua relação com a história: 			

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (...) Sem vigilância comemorativa a história depressa os varreria. São bastões sobre os quais se escora. Mas, se os que eles defendem não tivessem ameaçado, não se teria, tampouco a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E, se em compensação, a história não se apoderasse deles, para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares da memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos da história, arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.”

FONTE: NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo: PUC-SP, nº 10, p. 13, dez. 1993.

Após sua compreensão pessoal do conceito de memória, pelo autor sugerido, o professor (a) fará, já em sala de aula, uma tempestade de ideias (*brainstorming*) sobre o que os estudantes acreditam que sejam “memória”. Eles escreverão em um papel, em seguida se organizarão em círculos, colarão sua definição na testa de um colega que estará de olhos fechados, com a ajuda de uma fita crepe. Ao término das colagens os colegas se organizarão em fileiras frente a frente e lerão a definição que estará na testa do colega à sua frente. Ao ler comentará se concorda, ou se discorda da definição lida.

Logo após, o professor fará sua explanação sobre o que entende por memória, comentando as definições dos estudantes e levantará os seguintes questionamentos:

- É possível guardar tudo o que vivemos na memória?
- A memória é seletiva?
- Memória e história são a mesma coisa?

(Explicar que ambas são distintas, especificando suas diferenças, por exemplo: a História é uma ciência, que faz uma análise crítica de suas fontes e se utiliza de diversas metodologias científicas e tem a memória

como um objeto de pesquisa; já a memória é a reconstrução mental de partes do passado, guiadas pelo contexto presente e que atende a diversos interesses e fins.

(FONTE: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/>)

- Precisamos nos utilizar sempre da memória?
- Diante do esquecimento, que é sua antítese, o que podemos fazer para relembrarmos algo?
- Vocês conhecem algum local que remete à memória?
- Quais são as fontes, ou lugares de memória conhecido por vocês?

Após as discussões, o (a) professor(a) mostrará algumas imagens em slides, tais como: um cemitério, um museu, um documento, o arquivo da escola, uma ata do grêmio, etc, como meios de memória, de registros que evocam determinadas lembranças que tenham significados para os indivíduos, demonstrando que eles não dispõem de memória para lembrar de tudo.

Em uma seguida, o (a) professor (a) falará sobre formas orais de memórias, através de relatos de pessoas que viveram momentos específicos da história local, regional, ou nacional e que ainda guardam resquícios desses momentos em suas memórias, e que através de suas narrativas transmitem esse conhecimento para quem não viveu presencialmente esses momentos.

Como sugestão de atividade, será pedido para que um grupo de estudantes que ainda tenham avós, perguntem aos mesmos um fato importante da sua vivência, considerados por eles, como extremamente marcante, que possa, com sua autorização, ser filmado pelo estudante e exposto em sala de aula, como forma de conhecimento sobre a memória oralizada, transmitida de geração a geração.

A outro grupo de estudante será proposto que traga um álbum de fotografias da família para que eles apresentem aos colegas e tente lembrar das ações e lembranças de membros mais antigos de sua família que estejam nas fotos.

Após uma seleta das filmagens, o (a) professor (a) exibirá alguns desses relatos em sala de aula para a turma socializar e discutir o que foi aprendido com as aulas sobre a memória, reforçando que ela está sempre associada a algo

que nos marcou, que tem importância pessoal, ou simbólica, que inclusive se relaciona a determinados traumas, ou fatos que não queremos relatar, mas que estão lá, pungentes em nossas memórias, ou que se fizeram esquecer. A memória se revela sobre determinada reação/comoção/necessidade nossa, direcionada pelo tempo presente, diante de uma imagem, ou de um lugar de memória que a faz ressurgir, ali, naquele instante. Por isso ela se faz “afetiva e mágica.” (NORA, 1993), ou como diria Halbwachs (1990) se constrói a partir daquilo que faz sentido para o sujeito.

Fontes: HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990. NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo: PUC-SP, nº 10, p. 13, dez. 1993.

Logo a seguir, o grupo que trouxe o álbum de fotografias vai expor aos colegas algumas fotos e trabalhar a sua memória ao tentar descrever cenas, eventos expostos nas fotografias.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS

Materiais: papéis, tesouras, canetas, fita crepe, sala de aula, datashow, notebook, internet, painel de projeção, celular para filmagens, envio para o email do professor, álbum de fotografias.

Humanos: professores e estudantes, familiares

AVALIAÇÃO: Participação nas aulas e na produção do vídeo, com a entrevista, com o relato do álbum de fotografias.



Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Amo a história e é por isso que estou feliz por vos falar hoje daquilo que amo.”
(Lucien Febvre, *Combates pela História*, 1989, p. 28)

Acredito que quem estuda e trabalha com a história, vista como a ciência humana e atuante que é, não tem outra alternativa que não seja amá-la, e reconhece que existe uma ligação intrínseca entre os sujeitos e as temporalidades. O presente que temos diante de nós vai em busca de conhecimentos sobre o passado para explicar-se diante de si mesmo, gerando compreensão e orientação, respondendo muitos dos questionamentos que são evocados no dia a dia. É a continuidade da presença humana sobre o tempo vivido que oferece essa resposta tão precisa.

Um dos argumentos defendidos neste trabalho é evidenciar o ensino teórico-conceitual como sugestão de aprendizagem de uma história efetivamente mais significativa, reflexiva e orientadora da vida prática em sociedade. Buscando compreender a relação das temporalidades, das narrativas históricas, como evidenciadoras da consciência histórica dos indivíduos e como elementos facilitadores da compreensão sobre a história.

Buscou-se conscientizar que o ensino de história precisa está relacionado com o dia a dia do estudante, como forma dele ver na história, uma ciência essencial para o seu reconhecimento como sujeito histórico. Para isso, os elementos teóricos da disciplina são indispensáveis, como identificamos nas narrativas de professores e de estudantes participantes dessa pesquisa, evidenciando-nos que existe a necessidade da realização de um trabalho pautado nessas reflexões e práticas nas escolas e nas aulas de história.

Lembro sempre das palavras de Jaime Pinsky e Carla Pinsky (2016), ao afirmarem que a história é referência, e que precisa, portanto, ser bem ensinada. Cada aluno precisa se perceber como sujeito histórico, analisando o esforço que nossos antepassados fizeram para chegarmos até o presente momento. Interpretar o passado, a partir dos questionamentos do presente, compreendendo as problemáticas humanas, observando o potencial de transformação que o conhecimento histórico nos traz, e a oportunidade que ela nos dar de praticar a inclusão histórica.

É preciso a busca pelo “frescor” da aprendizagem em sala de aula, como pondera Maria Auxiliadora Schmidt (2017), modificando a própria prática, e a forma de ver e

conhecer a história. Esta seria:

Uma das maneiras de se contribuir para que os educandos se tornassem conhecedores da pluralidade de realidades presentes e passadas, das questões do seu mundo individual e coletivo, dos diferentes percursos e trajetórias históricas. Os educandos poderiam adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado. (SCHMIDT, 2017, p.65).

É necessário que estudantes e professores se constituam mutuamente, (SCHMIDT, 2017), pois não se pode pensar o ensino de história apenas como a mera transmissão de conteúdos fragmentados. É preciso mediação, intervenção, investigação, interação dialógica e teórica para que esse processo consiga ser satisfatório.

A importância de debater e conhecer o tempo, relacionado à consciência histórica reside no fato de que ele é uma dimensão cultural e humana. Sua passagem não é um simples acúmulo. Ele é feito de continuidades e discontinuidades, onde existem decisões, tentativas de apagamentos, reinvenções, mudanças, muitas vezes pautadas em interesses grupais, ou contextos sociais, políticos e históricos e que traz consigo toda uma bagagem histórica que nos relacionam a ele. É necessário darmos significado ao tempo, a esse fluxo que é a vida e as transformações espaciais e temporais que verificamos nela, para termos uma interpretação de mundo, uma noção importante de identidade individual e coletiva, e uma preparação para uma intencionalidade de agir e de modificar a própria realidade.

Foi possível observar ao longo dessa pesquisa a dificuldade que se apresenta diante dos professores ao ensinar história: falta de interesse dos estudantes pela disciplina, dificuldade em trabalhar seus aspectos teóricos e conceituais, falta de recursos pedagógicos, de valorização profissional, cansaço dos docentes diante de tantas horas diárias trabalhadas. Por parte dos estudantes ficou evidente as dificuldades de alguns deles em expor sua compreensão histórica de forma narrativa, a falta de conhecimento da parte teórica e introdutória da ciência histórica, a necessidade de se ampliar seu letramento histórico.

O que percebemos é que o ensino de história, relacionada ao estudo da teoria, de conceitos essenciais à aprendizagem da história e do uso da consciência histórica representa um desafio necessário à compreensão histórica como um todo, dentro da Educação Básica, e na realidade das escolas pesquisadas.

Diante disso, destacamos o compromisso dessa escrita que aqui se apresenta, citando Michel Foucault (2001) em sua conferência intitulada: “O que é um autor?” onde ele diz que a escrita não é apenas a exaltação do gesto de escrever. A marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência. Segundo o autor, é preciso fazer o papel de morto no jogo da escrita (FOUCAULT, 2001), pois o ato de escrever despista nossa individualidade e está ligado ao próprio sacrifício de vida. A escrita é então, um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer, porque uma vez tornada pública, ela oferta a possibilidade de outros infinitos discursos. (FOUCAULT, 2001). E essa é a pretensão que se tem ao desenvolver esta pesquisa. Que ela seja incorporada a outros discursos, que outros autores preencham as lacunas deixadas, que se aprofunde o seu contexto, complementando-a e juntando-se a ela, fazendo-a chegar onde se fizer necessária a mudança, bem como a ampliação do conhecimento histórico.

Pois, o historiador continua abraçado à clepsidra, observando e compreendendo o desenrolar da história no tempo, do tempo na história, conhecendo e interpretando as narrativas que se sucedem.

Em suma, relembramos a expectativa e o ensejo revelados no começo desse trabalho: tornar a aula de história em um aprendizado prazeroso, recheado de conhecimento histórico, diálogos, troca de conhecimentos, perplexidades e hesitações. (PEREIRA, 2018). Que promova um encontro com a vida, com os tempos, que se permita um mergulhar na história, como sujeito dela. Que sirva para: “Ultrapassar os limites da própria história e da própria historicidade” (PEREIRA, 2018, p. 23). Essa deve ser a tão sonhada aula de história, aquela totalmente aberta ao ressoar das narrativas históricas dos estudantes e dos professores.

FONTES:**Fontes escritas:**

Livro didático:

BRAICK, Patrícia Ramos. MOTA. Myrian Becho Mota. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Editora Moderna, 2018. PNLD 2018-2020.

Projeto Político Pedagógico- PPP da Escola estadual São Vicente de Paula (2019).

Projeto Político Pedagógico- PPP da Escola de Referência em Ensino Médio Barão de Exu (2019).

Questionários dos estudantes da Escola São Vicente de Paula

Questionários dos estudantes da EREM Barão de Exu

Carta Dissertativa do professor Sousa

Carta Dissertativa da professora Matias

Carta Dissertativa da professora Pereira

Carta Dissertativa da professora Morais

Fontes audiovisuais:

Entrevista com o professor Sousa

Entrevista com a professora Matias

Entrevista com a professora Pereira

Entrevista com a professora Morais

Internet:

Bens históricos do Exu nunca foram tombados. Gazeta do Cariri, 2018. Disponível em:

<http://www.gazetadocariri.com/2018/07/bens-historicos-da-cidade-de-exu-nunca.html>. Acesso em: 29/01/2021.

Biografia de Agnes Heller. Wikipédia biografia de vida, c2020. Disponível em:

<HTTPS://pt.wikipedia.org>. Acesso em 20/06/20.

CATALDI, Augusto. Exu Velho. Panorama Cultural, c2021. Disponível em:

<http://panoramacultural.com.br/exu-velho/>. Acesso em: 29/01/2021.

Constituição Federativa do Brasil de 1988, c 2021. Disponível em:

HTTPS://www.planalto.gov.br/civil_03/constituicao.html. Acesso em: 27/01/2021

Entenda o que é Patrimônio Cultural e suas diferentes manifestações, 2018. Disponível em:

<http://cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestaco-1/>.

Acesso em: 26/01/2021.

Exu histórico. Biblioteca IBGE, c2020. Disponível

em: <www.biblioteca.ibge.gov.br/brasil/pe/exu/historico>. Acesso em: 10/06/2020.

Exu: aqui nasceu Luiz Gonzaga. Pernambuco. Brasil. Exu de Luiz Gonzaga, c2021.

Disponível em:

<https://exudeluizgonzaga.wordpress.com/>. Acesso em: 29/01/2021.

FERNANDES, Claudio. O que é o tempo histórico? História do Mundo, c2021. Disponível em:
<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-tempo-historico.htm>. Acesso em: 28/01/2021.

FERRARI, Wallace. Eterno Rei do Baião: neste dia, em 1989 o Brasil se despedia de Luiz Gonzaga. Aventuras da História, 2020. Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>. Acesso em: 30/01/2021.

GARCIA, Maria Fernanda. Ela lutou por um país e foi a primeira presa política do Brasil. Observatório 3, c2021. Disponível em:
www.observatorio3setor.org.br; Acesso em: 29/01/2021.

Imagem da memória. Pixabay, c2021. Disponível em:
<https://pixabay.com/>. Acesso em: 20/01/2021.

Memória e história. Educador Brasil Escola, c2021. Disponível em:
<https://educador.brasilescola.uol.com.br/>. Acesso em: 22/01/2021.

Município de Exu-PE. Cidade Brasil, c2020. Disponível em:
www.cidade-brasil.com.br/municipio-exu. Acesso em: 10/06/2020.

Município de Exu. Arquivo histórico, c 2020. Disponível em:
www.arquivohistorico.camara.leg.br/municipio-exu; Acesso em: 10/06/2020.

Museu de Gonzaga. Brasil de Fato, 2019. Disponível em:
<https://www.brasildefatope.com.br/>. Acesso em: 27/01/2021.

Museu do Gonzagão em Exu. Gonzagão, c2020. Disponível em:
www.gonzagao.com. Acesso em: 20/09/2020.

O que é Cultura Popular? Toda Matéria, c 2021. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/cultura-popular/>. Acesso em: 27/01/2021.

O que é Consciência histórica? Brasil Escola, c 2021. Disponível em:
[HTTPS://educadorbrasilescola.uol.com.br](https://educadorbrasilescola.uol.com.br). Acesso em: 30/01/2021.

O que é o Corona vírus? Corona Saúde, c 2020. Disponível em:
WWW.coronavirus.saude.org.br. Acesso em: 20/09/2020.

O que é Patrimônio Cultural? Educa Mais Brasil, c 2021. Disponível em:
<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural>. Acesso em: 29/01/2-21.

Parque Aza Branca de Exu. Diário do Nordeste, c 2021. Disponível em:
<https://www.diariodepernambuco.com.br/>. Acesso em: 30/01/2021.

Parque Aza Branca em Exu. Diário do Nordeste, c2021. Disponível em:
[HTTPS://diariodonordeste.verdesmares.com.br](https://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Acesso em: 30/01/2021.

Patrimônio Cultural. Portal IPHAN, c 2021. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/cultura-popular>. Acesso em: 30/01/2021.

Patrimônio Histórico. Senado, c2021. Disponível em:
www.senado.leg.br. Acesso em: 27/01/2021.

Patrimônio Imaterial. Portal IPHAN, c2021. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 28/02/2021.

Serra da Capivara. Viagem Turismo, c 2021. Disponível em:
[://viagemeturismo.abril.com.br/](http://viagemeturismo.abril.com.br/). Acesso em: 30/01/2021.

Símbolo do Patrimônio Cultural Brasileiro, Portal IPHAN, c 2021. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1562>. Acesso em: 29/01/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. **História & Ensino**. Londrina. Vol. 11, p. 25-33, jul. 2008.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Editora Canção Nova, 2007.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com sentido para a vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2011.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Consciência Histórica e cultura escolar: um estudo das especificidades que atuam na construção e aplicação do conhecimento histórico**. ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Representações sociais e a construção da consciência histórica**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2006.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História oral. Painel Nacional- **Projeto História**. P. 145 a 155. São Paulo, 1997.

ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.

BARCA, Isabel. Narrativas e consciência Histórica dos jovens. Barcelona, Espanha. **Enseñanza de las Ciencias Sociales**, nº 10, p.23-19, 2011.

BARCA, Isabel. Os jovens portugueses: ideias em História. **Perspectiva**. Florianópolis. V.22, nº 2, p. 381-403, jul/dez. 2004.

BAROM, Willian Carlos Cipriani. CERRI, Luís Fernando. A teoria de Jörn Rüsen entre a modernidade e a pós-modernidade: uma contribuição à didática da História. **Revista Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 37, nº 03, set/dez., 2012.

BAROM. Os principais conceitos da teoria da história de Jörn Rüsen: uma proposta didática de síntese. **Albuquerque Revista de História**, vol. 09, nº 18, jul-dez. de 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2017.

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONETE, Willian Junior. Notas sobre o conceito de Consciência Histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. V.7, nº14, jul/dez, 2013.

BRANCO, Samanta Castelo. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos rumos sociológicos- NORUS**. Pelotas: UFPEL. V. 8, nº 13, p. 8-27, jan./jul. 2020.

BURKE, Peter. **O que é História cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. Culturas populares e culturas de elite. **Diálogos**, UEM, 1997.

CAINELLI, Marlene. BARCA, Isabel. A aprendizagem da História a partir da construção de narrativas sobre o passado. **Educ. Pesquisa**. São Paulo, v. 44, p. 1-16, 2018.

CAINELLI, Marlene. SANTOS, Flávio Batista dos. O ensino de história local na formação da consciência histórica: um estudo com alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de pesquisa: Pensamento educacional**, Curitiba, v. 05, nº 21, p. 158-174, jan/abr, 2014.

CAMARGO, Aspásia. História oral e política. In: MORAES, Marieta de. (org.) **História oral e multidisciplinaridade**. Editora Diadorim LTDA, Rio de Janeiro, 1994.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, Eugênio Rezende. A concepção holística e processual de tempo, em Nibert Elias. **Lua Nova**, São Paulo, p. 103-231, 2018.

CERRI, Luís Fernando. A formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual. **História, histórias**. UNB, vol. 01, nº02, 2013.

CERRI, Luís Fernando. CAIMI, Flávia Eloísa. MISTURA, Letícia. A força da cultura histórica: representações de estudantes brasileiros sobre heróis nacionais. Florianópolis. **Revista Perspectiva**. V. 36. Nº 4, p. 1357-1377, out/dez., 2018.

CERRI, Luís Fernando. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. Porto alegre. **Educação & Realidade**, vol. 36, núm. 1, p. 59-81 jan-abril, 2011.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERRI, Luís Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**, p. 93-112, inverno, 2001.

CERRI, Luís Fernando. PACIEVITCH, Caroline. História, consciência histórica e utopia em J. Rüsen e A. Heller: reflexões sobre a Didática da História. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia, MG, p. 179-207, jul/dez. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História, ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 08, nº 16, p. 179-192, 1995.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como pesquisa e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

D'Assunção, José. Koselleck. a história dos conceitos e as temporalidades. **Revista Iberoamericana de Filosofia, política e humanidades**. Ano 18, nº 35, p. 41-53, primeiro semestre de 2016.

DOSSE, François. **A História**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Bauru, São Paulo: Edusc. 2007.

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Aurélio Silva. **As concepções de Ensino de História e a consciência histórica: um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular**. Dissertação de Mestrado, Rede PROFHISTÓRIA. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Revista Topoi - UFRJ**. Rio de Janeiro, v. 03, nº 5, p. 314-332, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos; Estética - literatura e pintura, música e cinema**. (vol. III) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática discursiva**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GAGO, Marília. Concepções do passado como expressão da consciência histórica. **Currículo sem fronteiras**, v.7, nº 1, p. 127-136, jan/jul. 2007.

GAGO, Marília. Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal. **Revista História Hoje**, v. 5, nº 9, p. 76-93, 2016.

GERMINARI, Geysa Dongley. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados**. Tese de Doutorado. Setor da Educação. Universidade Federal do Paraná, 2010.

GERMINARI, Geysa Dongley. BARBOSA, Marcos R. Educação histórica e Consciência Histórica: fundamentos da pesquisa. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. Curitiba, v. 9, nº 21, p. 21-32, jan/abr. 2014.

GEVAERD, Rosi Teresinha Ferrarini. Narrativa histórica: uma das formas pelas quais alunos e professores dão sentido ao passado histórico. X Congresso Nacional de educação – EDUCERE, PUCPR, Curitiba, nov. 2011.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, Papirus, 2012.

HALBWACHS, Maurício. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARTOG, François. **Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo**. Disponível em: [HTTP://www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br). Acesso em 20 de janeiro de 2008.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. Companhia de bolso, 1997.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo - Estudos sobre História**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2014.

KOSELLECK. **Futuro-passado: contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC- Rio, 2006.

KOSELLECK. Uma história dos conceitos- problemas teóricos e práticos. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05, nº 10, 1992.

KUSNICK, Marcos Roberto. CERRI, Luis Fernando. Ideias dos estudantes sobre História: um estudo de caso a partir das representações sociais. **Revista Cultura histórica e patrimônio**, v.2, nº2, p. 30-54, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEAL, Fernanda de Moura. **Didática da História e imagens: reflexões em torno da consciência histórica em visualidades formativas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás, 2013.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de Literacia histórica. **Educar Especial**, Curitiba, p. 131-150. Editora UFPR, 2006.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, nº 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.

LEE, Peter. Por que aprender História? **Educar em Revista**. Curitiba, nº 42, p. 19-42, 2011.

LOURENÇATO, Lidiane Camila. **A consciência histórica dos jovens-alunos do Ensino Médio: uma investigação com a metodologia da educação histórica**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2012.

LUBBE, Hermann. **Esquecimento e historicização da memória**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 29, nº 57, 2006.

MARQUES, Juliana Bastos. O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga. **Revista de História** 158, págs. 43-65. (1º semestre de 2008).

MARRERA, Fernando Milani. SOUZA, Uirys Alves. A tipologia da consciência histórica em Rusen. **Revista Latino Americana de História**. Vol. 02, nº 06, agosto de 2013. PPGH-UNISINOS.

MARTINS, Estevão de Rezende Martins. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, nº 74, p. 17-33, mar./abr. 2019.

MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**. Rio Grande do Sul, p. 95-108, 2011.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Tempo online**. Vol. 11, nº 21, p. 5-16, 2006.

MAUAD, Ana Maria. GRIBERG, Lucia. CALDAS, Pedro Spinola. **Teoria da História**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **A formação da consciência Histórica como objetivo do Ensino de História no Ensino Médio: o lugar do material didático**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2005.

MELO, Francisco Denis. Sobre a História, a memória, o esquecimento em Paul Ricouer – os labirintos da epistemologia e da hermenêutica. **Revista Historiar**. Universidade Vale do Acaraú, Sobral, vol. 3 n° 03 jul-dez. 2010.

MELO, Rosilene Alves de. NETTO, Raymundo (org.) **Curso de Formação de mediadores de Educação para o Patrimônio**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

MIRANDA, Sônia Regina. Temporalidades e cotidiano escolar em rede de significações: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo. Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF. **Revista História Hoje**, v.02, n° 04, p. 35-79, 2013.

MOREIRA, Marcos Antônio. **Linguagem e aprendizagem significativa**. IV Encontro Internacional sobre aprendizagem significativa, Maragogi, Alagoas, 2003. Disponível em: <HTTPS://WWW.if.ufrgs.br>. Acesso em 24 de jan. de 2021.

NADAI, Elza. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: PINSKY, Jaime (org.) **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2002.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v 13, n° 25/26, São Paulo, 1993.

FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In; KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2016.

NICOLAZZI, Fernando. A História entre os tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n° 53, p. 229-257, jul/dez. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Da utilidade e da desvantagem da História para a vida. In: **Considerações extemporâneas**. Obras incompletas. São Paulo: Abril cultural, 1983.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n° 10, dez. de 1993.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OJEDA, Caroline Martins. Memória e História Oral na contemporaneidade e seus usos para a História do tempo presente. **Aedus**, n° 15, v. 6, jul/dez. 2014.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

PACIEVITCH, Caroline. **Nem sacerdotes, nem guerrilheiros: professores de História e os processos de consciência histórica na construção de identidades**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007.

PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. **Revista História da historiografia**. Ouro Preto, nº07, Nov-dez. 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet. O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo. **Revista Pedagógica**, V. 20, nº 45, set./dez., 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, UFRGS, v. 13, nº 23/24, p. 45-58, jan/dez, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2016.

PINSKY, Jaime. **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: contexto, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 02, nº 03, 1989.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PROST, Antoine. Como a história faz o historiador. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, nº 14, p. 7-22, dez. 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**. São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escrita**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, José Carlos. **História & teoria: historicismo, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricouer, Koselleck e “Annales”: uma articulação possível. **Síntese nova fase**. V. 23, nº 73, pág. 229-252, 1996.

REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricouer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo/Campinas-UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROMERO, Mariza. Entrevista de François Hartog. **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 35, nº 70, 2015.

ROSATI, Luísa Duque Estrada. **O tempo histórico em sala de aula: desafios e possibilidades**/Luisa Duque Estrada Rosati. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional Prohstória) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de formação de professores, 2016.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história. **Revista História da historiografia**, nº 02, 03 de 2009.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, vol. 01, nº 02, jul-dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: editora da Universidade de Brasília- UNB, 2007

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento Histórico**. Brasília: Editora UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. **Textos de História**, vol. 4, nº 01, p. 75-102, 1996.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência histórica moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Ano 04, nº 7, oct. 1992.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília- UNB, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo**. Campinas, São Paulo: Editora: Autores associados, 2006.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. Campinas, São Paulo: Editora Autores associados, 2010.

SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard. Concepções de tempo e ensino de História. **História & Ensino**. Londrina, V 14, p. 53-70, ago. 2008.

SCHMIDT, M. A. M. dos Santos. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, vol. 16, nº 37, pág. 73-91, maio-agosto, 2012.

SCHMIDT, Maria A. M. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo, Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora dos Santos. GARCIA, Tânia M. F. Braga. A formação da consciência histórica e o cotidiano nas aulas de História. **Caderno CEDES**. Campinas, vol. 25, nº 67, p. 297-308, setembro/dezembro, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano em sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende. (orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. A História é uma recolha de experiências. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, nº 74, p. 9-16, mar./abr. 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição situada: que aprendizagem histórica é essa?** ANPUH - – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista História Hoje**. Vol. 05, nº 09, p. 31-48, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em Educação histórica. **Educar em Revista**. Curitiba. V. 35, nº 74, p. 35-53, mar/abr, 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**. V. 12, p. 81-96, 1º semestre de 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. URBAN, Ana Claudia. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, nº 60, p. 17-42, abr/jun. 2016.

SILVA, Antônia Lucivânia. **O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto: Ensino de História e Educação Patrimonial**. Dissertação de Mestrado Universidade Regional do Cariri – URCA. Rede PROFHISTÓRIA, 2019.

SILVA, Fábila Janaína Marciel da. **Consciência histórica e interpretação histórica do tempo presente no espaço escolar**. In: Anais do I Congresso Nacional do PROFHISTÓRIA, Salvador-BA. IAT, 2019.

SILVA, Marcos Antônio. FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.31, nº 60, p. 13-33, 2010.

SILVA, Marcos Antônio. Letramento no ensino de história. **Cadernos de História**. Belo horizonte, v. 12, nº 17, 2º semestre, 2011.

SILVA, Marcos. GUIMARÃES, Selva. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

TARDIF, Maurice. Raymond, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, dez. 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos de uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. Jan-abril, nº 13, 2000.

TEIXEIRA, Rodrigo Yuri. Perfil Jörn Rüsen. **Boletim do tempo presente**, nº 08, mar. 2014.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade - estatísticas e fontes orais. In: MORAES, Marieta de. (org). **História oral e multidisciplinaridade**. Editora Diadorim LTDA. Rio de Janeiro, 1994.

ANEXOS



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
– SECITECE-UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fábia Janaína Marciel da Silva, RG nº 6065674, SSP-PE, aluna do Curso Stricto Sensu, Mestrado em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri- URCA, sob Coordenação em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ está realizando a pesquisa intitulada: **Entre (vistas) e possibilidades de Consciência Histórica no contexto do Ensino Médio**, que tem como objetivo: Analisar com os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, e professores de História das Escolas Estaduais de Exu-PE compreendem o conceito de *Consciência Histórica*, partindo de uma visão que reflete sobre a importância deste conceito como forma de percepção de sua própria historicidade e como forma de análise do seu papel, enquanto sujeito histórico, no contexto social no qual se insere.

Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: Realização de uma oficina temática abordando o conceito de Consciência Histórica com alunos do primeiro ano de Ensino Médio; resolução de um questionário sócio-cultural com os mesmo para compreensão do seu universo sociocultural; entrevistas com professores que lecionam a disciplina de História no Terceiro ano do Ensino Médio; resolução de um questionário sobre sua formação profissional; resolução de uma carta dissertativa a respeito de seu planejamento abordando a teoria da História que adentre no conceito de consciência histórica; realização de um documentário sobre o trabalho do professor sobre sua prática pedagógica em sala de aula.

Por essa razão, o (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa. Sua participação consistirá em responder por escrito e de forma oral (entrevista) sobre o conhecimento que lhe pertence a respeito da temática acima descrita, através de uma conversa informal, e uma entrevista semiestruturada, bem como, descrever na oficina, por escrito, seu grau de conhecimento sobre o assunto abordado. Também responder um questionário

sociocultural, e no caso do professor, conceder uma entrevista de forma semiestruturada, com informações pessoais, ligadas à sua formação profissional e a sua prática pedagógica, elaborar uma carta dissertativa sobre seu plano de aula e ceder alguns depoimentos para um documentário que será gravado posteriormente, ao final da pesquisa.

O(s) procedimento(s) utilizado(s): entrevistas, questionários, conversa informal e por escrito, poderá(ão) trazer algum **risco** mínimo de desconforto, do tipo timidez. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo desse possível desconforto, que será reduzido ainda mais mediante uma conversa prévia, e uma aproximação profissional entre o pesquisador e o pesquisado. Os **benefícios** estarão relacionados ao conhecimento adquirido pelo estudo no tocante à teoria da história e a compreensão de alguns conceitos teóricos importantes que devem ser pensados e utilizados na vida prática.

Toda as informações que o (a) Sr. (a) nos fornece será utilizada somente para esta pesquisa. Seus (Suas) respostas, ou dados pessoais serão confidenciais e seu nome não aparecerão nos (as) questionários, entrevistas, gravações, ou fichas de avaliação e nem quando os resultados forem apresentados.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o (a) Sr.(a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado o (a)(s) entrevistas, resolução de questionários, ou demais atividades sugeridas.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar Fábiana Janaína Marciel da Silva, no telefone: 87-999292552 ou no endereço: Rua Vicente Ulisses, 132, Exu-PE, ou por e-mail: janainamarcie@gmail.com, em qualquer horário. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88)3102.1212 ramal 2424, Crato CE.

Se o (a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

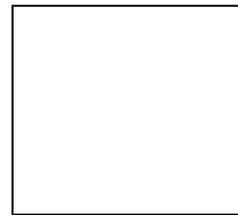
Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a): _____ portador(a) da cédula de identidade: _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

ou Representante legal



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENOR

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a): _____ portador(a) da cédula de identidade: _____, **RESPONSÁVEL** pelo(a) menor: _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pela pesquisadora, dentre elas, ficou esclarecido que o(s) procedimento(s) utilizado(s): entrevistas, questionários, conversa informal e por escrito, poderá(ão) trazer alguns **RISCOS** mínimos de desconforto, do tipo timidez. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo desse possível desconforto, que será reduzido ainda mais, mediante uma conversa prévia, e uma aproximação profissional entre o pesquisador e o pesquisado. Os **BENEFÍCIOS** estarão relacionados ao conhecimento adquirido pelo estudo no tocante à teoria da história e a compreensão de alguns conceitos teóricos importantes que devem ser pensados e utilizados na vida prática.

Toda as informações que o (a) Sr.(a) nos fornece será utilizada somente para esta pesquisa. Seus (Suas) respostas, ou dados pessoais serão confidenciais e seu nome não aparecerá nos (as) questionários, entrevistas, gravações, ou fichas de avaliação e nem quando os resultados forem apresentados.

Então, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** para o (a) menor citado acima participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

ou Representante legal(se menor)



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

Questionário Perfil socioeconômico - Saberes Históricos no Espaço Escolar
Turma _____ / Data _____ Local: _____

1-Qual sua idade? _____

2-De acordo com as categorias de cor/raça do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística),

você se declara:

- Branco
 Pardo
 Preto
 Amarelo (de origem asiática)
 Indígena

3-Qual a composição de sua família? Com quem você vive?

- mãe
 pai
 mãe, pai e irmãos
 irmãos/irmãs
 sobrinhos/sobrinhas
 primos/primas
 tios/tias
 avôs/avós
 outros

4-Quantas pessoas residem com você?

- até três
 mais de três
 acima de cinco

5-Qual é a renda familiar valor total recebido por todos os membros trabalhadores da família – considerando o valor do salário mínimo?

- menos de um salário mínimo
 até um salário mínimo
 de 1 a 3 salários mínimos
 de 3 a 8 salários mínimos
 de 8 a 10 salários mínimos

6-Qual é a situação de sua moradia?

- Alugada
 Cedida
 Casa própria
 Casa própria financiada
 Outros

7-Qual a profissão do seu pai e da sua mãe?

8-Você trabalha? Não sim, onde? E fazendo o quê? _____

9-Em que outra escola você estudou? _____

10-O que gosta de fazer nas horas vagas?

- assistir TV
 navegar nas redes sociais
 frequentar um lugar de lazer
 jogar vídeo game
 ler
 conversar com amigos pessoalmente

conversar com amigos virtuais

ir ao cinema

- ir ao teatro
 praticar atividade física
 outras atividades.

Quais? _____

11-De que forma você acessa a internet?

- Não acesso
 Computador ou notebook em casa
 Computador na escola
 Computador em local público
 Smartphone próprio
 Tablet

Outro: _____

12-Com relação a seu futuro, com qual afirmativa você concorda mais?

- Quero alcançar um futuro promissor e estou me preparando para isso.
 Sei que tenho um futuro pela frente, mas me sinto perdido, sem saber o que fazer até o presente momento..
 Não consigo imaginar o futuro ainda, não sou de fazer planos antecipados, vivo cada dia, sem muitos planos.
 Para mim, não importa o futuro, e sim o agora.
 Sou muito organizado(a) planejo desde cedo o que quero para a minha vida e para o meu futuro pessoal e profissional.
 Eu já consigo ter uma definição clara de como quero está no futuro, a partir de minhas considerações sobre meus planos feitos agora, no presente.

13-O que você pretende fazer ao concluir o Ensino Médio?

- Continuar estudando em um curso superior
 dar uma pausa nos estudos e arrumar um trabalho informal (bico, ou temporário)
 passar em um concurso e conseguir um emprego estável
 preparar-me um pouco mais para realizar meus objetivos profissionais
 outros

14- Qual a escolaridade de seus pais? P e M

- Ensino Fund. incompleto
 Ensino Fund. Completo
 Ensino Médio incompleto
 Ensino Médio completo
 Ensino Superior completo
 Ensino superior incompleto
 Analfabeto

15- Como você se imagina daqui a 30 anos?

Questionário sobre Aprendizagem Histórica

Data da aplicação: _____ Local: _____ Data: ___/___/___

Linha de pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar

1- Você gosta da disciplina História?

- () Sim. Por quê? _____
 () Não. Por quê? _____

2- História é:

- () Uma disciplina que estuda o passado e não tem relação com o presente.
 () Um disciplina que estuda fatos que não relacionados com minha vida pessoal.
 () Uma disciplina como qualquer outra da escola, sem meu interesse particular
 () Uma disciplina que orienta nossa relação com o tempo e com a vida prática em sociedade.
 () Uma disciplina que explica os problemas e as ações em sociedade
 () Uma forma de compreensão de minha relação com as demais pessoas da sociedade.
 () Uma maneira de conhecermos as ações humanas localizadas em um tempo e um espaço.
 () Um pouco dos vestígios da vivência do homem em diferentes épocas.

3- Em que lugares você mais adquire conhecimento histórico?

- () Na escola
 () Nos livros
 () Nos locais do cotidiano
 () Nas conversas com outras pessoas da sua sociedade
 () Na *internet*
 () Nas notícias de jornais ou revistas

4- Que assuntos você mais gosta de estudar em História?

- () Guerras e conflitos
 () A evolução tecnológica das sociedades
 () A história antiga
 () Culturas de povos e grupos sociais
 () Política
 () A vida em sociedade
 () A história dos países
 () A teoria da história (de onde ela veio, por que ela é importante, o que ela estuda)
 () Outros. Quais? _____

4- O conhecimento sobre história, adquirido na escola é usado por você no seu dia-a-dia? De que forma?

5- Na sua opinião, quem faz a história?

6- A História é uma ciência importante para a sua vida?

- () Sim. Por quê? _____
 () Não. Por quê? _____

7- O que você entende por Consciência Histórica?

8- Até que ponto o passado participa do presente?

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA UFRJ-URCA
PESQUISADORA: Fábiana Janaína M. da Silva
ORIENTAÇÃO: Dra. Rosilene Alves de Melo
LINHA DE PESQUISA: Saberes históricos no espaço escolar

Local: _____ **Data:** __/__/__

Nome completo: _____

Idade _____ Data do Nascimento _____

Estado Civil _____

Cidade onde reside _____

Ano de conclusão do Curso superior _____

Curso de formação Superior _____

Instituição da Graduação _____

Tem pós-graduação? Em que área? _____

Há quantos anos atua como professor de História? _____

Local de trabalho: _____

Disciplinas que leciona _____

Questionamentos orais: Entrevista

- 1-Fale um pouco do que você lembra ou te contaram da época em que você nasceu:
- 2-Como foi a sua infância?
- 3-De que forma você acompanhava as notícias na fase da adolescência?
- 4-E hoje, de que forma você acompanha as notícias?
- 5-De que forma chegaram até você as primeiras compreensões sobre história?
- 6- O que te fez optar pela graduação em História?
- 7-O que você ainda se lembra das aulas de História da graduação?
- 8-Que disciplinas te chamaram mais as atenções relacionadas à aprendizagem sobre História?
- 9-Você se lembra de alguma aula de teoria da História, ou de Introdução aos Estudos históricos? Sobre que assunto, especificamente?
- 10-Você gosta de ser professor de História? Por quê?
- 11-Com quais dificuldades você esbarra em sua atuação como professor de História?
- 12-Quantos livros você ler anualmente?
- 13-Como você analisa sua trajetória profissional?
- 14-Quais são suas perspectivas com relação ao Ensino de História?
- 15-Você se interessa pela teoria da História? Por quê?
- 16-Quais os principais materiais didáticos pedagógicos são utilizados por você em suas aulas?
- 17-Quais dificuldades, ou facilidades você encontra ao trabalhar teoria da história em sala de aula?
- 8-Os estudantes são abertos à compreensão dessa parte teórica da disciplina?
- 19-Em sua opinião, os estudantes sabem se utilizar das informações históricas em seu cotidiano?
- 20-Qual a sua compreensão sobre o conceito de “Consciência Histórica?”
- 21-Qual a ligação da História com a sua orientação com a vida prática?
- 22-Qual a relação da História com o tempo?
- 23- Até que ponto o passado participa do presente?
- 24-A História ajuda a formar a sua identidade pessoal e social?
- 25-Como você definiria o papel da História para a sociedade atual?
- 26-Os conhecimentos que você tem hoje sobre História fazem diferença em sua vida? De que forma?

